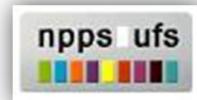






UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
Núcleo de Pós-Graduação em Psicologia Social
Mestrado em Psicologia Social



LÁZARO BATISTA DA FONSECA

SEVERINAS MISSIVEIRAS:

Narrativas sobre a invenção da vida num sertão contemporâneo.

São Cristóvão – Sergipe
Agosto de 2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
Núcleo de Pós-Graduação em Psicologia Social
Mestrado em Psicologia Social

SEVERINAS MISSIVEIRAS:
Narrativas sobre a invenção da vida num sertão contemporâneo.

Dissertação apresentada ao Núcleo de Pós-Graduação em Psicologia Social, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia Social.

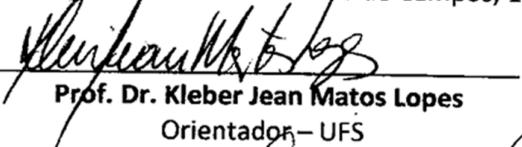
Lázaro Batista da Fonseca
Orientador: Prof. Dr. Kleber Jean Matos Lopes
Linha de Pesquisa: Processos de subjetivação e Política

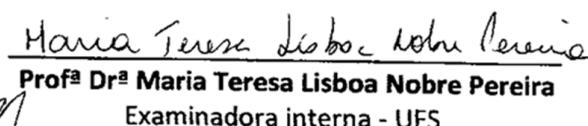
São Cristóvão – Sergipe
Agosto de 2013

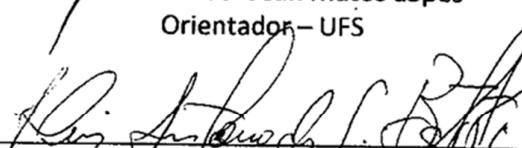


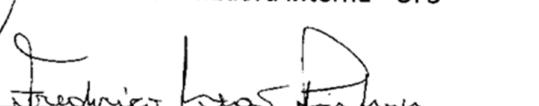
ATA DE DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

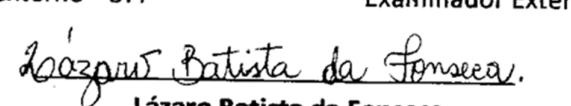
Aos dezesseis dias do mês de agosto de dois mil e treze, reuniram-se no Auditório de História do Centro de Educação e Ciências Humanas da Cidade Universitária Prof. José Aloísio de Campos, os professores membros da Comissão Examinadora Prof. Dr. Kleber Jean Matos Lopes (orientador – UFS), Profª Drª Maria Teresa Lisboa Nobre Pereira (examinadora interna - UFS) e o Prof. Dr. Luis Antonio dos Santos Baptista (examinador externo - UFF), para avaliar o trabalho intitulado "*Severinas Missiveiras: narrativas sobre a invenção da vida em um sertão contemporâneo*" do mestrando LAZARO BATISTA DA FONSECA. O Orientador, assumindo os trabalhos na qualidade de Presidente, passou a palavra ao candidato, para que ele expusesse sua Dissertação, informando que o mesmo dispunha de 30 (trinta) minutos para a apresentação, que cada examinador iria dispor de 20 (vinte) minutos para fazer arguições e que o candidato gozaria de 20 (vinte) minutos para responder aos questionamentos. Terminada a exposição do candidato, o Presidente passou a palavra aos membros da Comissão Julgadora, que iniciaram a arguição. Terminada a arguição, o candidato retirou-se do Auditório para que os membros da Comissão Julgadora atribuissem-lhe as notas. Logo em seguida, o Presidente anunciou que o candidato foi considerado APROVADO com conceito A obtido a partir da média dos conceitos dos membros da Comissão Julgadora. O Presidente proclamou o candidato **MESTRE EM PSICOLOGIA SOCIAL**, devendo este resultado ser homologado pela Comissão da Coordenação de Pós-Graduação. Em seguida, o Presidente agradeceu aos membros da Comissão Julgadora e aos presentes e encerrou a sessão. Nada mais havendo a tratar, foi lavrada a presente Ata que vai assinada pelos membros da Comissão Julgadora. Cidade Universitária Prof. José Aloísio de Campos, 16 de Agosto de 2013.


Prof. Dr. Kleber Jean Matos Lopes
Orientador – UFS


Profª Drª Maria Teresa Lisboa Nobre Pereira
Examinadora interna - UFS


Prof. Dr. Luis Antonio dos Santos Baptista
Examinador externo - UFF


Prof. Dr. Frederico Leão Pinheiro
Examinador Externo ao Programa - UFS


Lázaro Batista da Fonseca
Candidato

Não cabe temer ou esperar, mas buscar novas armas.
Gilles Deleuze

Agradecimentos

Sinto-me feliz em concluir mais uma pedaço de uma formação e sei que essa felicidade não seria absoluta se não existissem companheiros com quem pudesse compartilhá-la. Especialmente porque muito desse trabalho é manchado pela presença dessas pessoas na minha vida de pesquisa. Por isso, meus sinceros agradecimentos a:

Luana, pela presença constante e o esforço de amar.

Aos caras (Elton, Elen e Marcel) e todos os bons amigos da **Psi-2010**, pelos anos de amizade infame, o cuidado e a vontade de manter vivo o que o acaso estabeleceu.

Aos amigos do Coletivo, tantos e tão múltiplos que não cabem aqui. Muitas vezes distantes, mas sempre presentes.

Aos professores Liliana e Maurício, pela disponibilidade e presteza.

Ao Núcleo de Pós-graduação, especialmente ao professor **Élder Cerqueira-Santos**, e **P.K.**, pela compreensão e apoio nos momentos em que isso se mostrou necessário.

Kayla Angélica, pela enorme contribuição e as infindáveis consultas via *chats* da vida.

Aos funcionários do CRAS Quilombola de Santa Rosa do Ermírio (Uranda, Vilma, Neide, Luís Paulo e Luciene), pela coragem, alegria e paciência comigo.

Iran, por conseguir tornar a estrada menos árida e as viagens mais alegres.

Prefeitura Municipal de Itabaiana, especialmente à direção do Centro de Saúde Especializado III, pelas concessões feitas para que esse trabalho pudesse ser realizado.

A Kléber, mais do que um orientador.

A Teresa, pela paixão que coloca nas coisas e pelos anos de *apistali*.

Ao Prof. Luís Antônio Baptista, pela leitura atenta e a ajuda gigantesca.

E, finalmente, **ao CNPq**, pela imensa contribuição e ajuda.



Esta pesquisa foi realizada com o apoio financeiro Conselho Nacional de Desenvolvimento
Científico e Tecnológico – CNPq.

Resumo

Como no histórico poema cabralino, ainda hoje muitos Severinos – maridos, pais, filhos e irmãos – saem do Nordeste, motivados pelo sonho de prosperar na labuta e encontrar um sentido para suas existências, fugindo de um lugar como sendo de morte e indo em busca de outra vida. Porém, nesses novos tempos, o destino não é a cidade-capital, mas regiões distantes e quase inhabitadas do país. Surge uma questão: se aos homens resta ainda essa possibilidade, às suas mulheres que aqui ficam, o que é reservado? E o que delas se espera? E o que elas esperam? Por meio de algumas narrativas, esse trabalho propõe discutir e problematizar os encontros de mulheres Severinas, nordestinas do sertão sergipano, com as novidades e vicissitudes que o trabalho de seus homens lhes propicia e as alterações que produz na vida do lugar e das pessoas. Como ocupam, se é que ocupam, aqueles territórios e que táticas inventam para melhor se colocarem neles. Como se enxergam nesses lugares e como neles fixam territórios, entre a falta do ente, a expectativa por seu retorno e as exigências que sua ausência presentifica.

Palavras-chave: narrativa; Nordeste; Psicologia Social; produção de subjetividade

Abstract

As the historical text by João Cabral de Melo, even today many severinos – husbands, fathers, sons and brothers – leave the Northeast, motivated by dreams of thriving in toil and find a meaning for their existence, fleeing from a place that feels like death and going in search of another life. However, in these new times, the destination is not the city-capital, but distant and almost uninhabited regions of the country. A question arises: if to the men still remains this possibility, for the women who stay here, what is reserved? And what is expected of them? And what they expect? Through some narratives, this work aims to discuss and problematize the meetings of Severinas women, northeastern of the backlands of Sergipe, with the news and vices that the work of his men gives them and the changes it produces in the life of the place and the people. How to occupy, if they occupy, those territories and what tactics invent to better put themselves in them. How they see themselves in these places and how in them, they assign territories, between lack of the kinsman, the expectation for his return and requirements that him absence presentified.

Key-words: narrative; Northeast; Social Psicology; production of subjectivity.

SUMÁRIO

	Página
1. Notas introdutórias	13
2. Algumas notações sobre ditos e escritos	21
2.1. Narrativas e políticas da vida	22
2.2. O cotidiano e o contemporâneo: inventando incômodos, suscitando perguntas.	27
2.3. Um Nordeste e suas invenções	31
3. Notações metodológicas	37
3.1. “Forjando” um pesquisador	38
3.2. Uma função-psicólogo e uma experiência feita campo	45
4. Missivas Severinas	52
4.1. Primeiras missivas: anunciação	56
4.2. Segundas missivas: outras invencionices	78
5. Apenas mais uma missiva	107
6. Bibliografia	116



*Com seus pássaros
Ou a lembrança de seus pássaros
Com seus filhos
Ou a lembrança de seus filhos
Com seu povo
Ou a lembrança de seu povo
Todos emigram.*

*De uma quadra a outra do templo
De uma praia a outra do Atlântico
De uma serra a outra das cordilheiras
Todos emigram.*

*Para o corpo de Berenice
Ou o coração de Wall Street
Para o último templo
Ou a primeira dose de tóxico
Para dentro de si
Ou para todos
Para dentro de si
Ou para todos
Para dentro de si
Ou para todos
Pra sempre todos emigram.*

Canto Dos Emigrantes (Cordel do Fogo Encantado)

NOTAS INTRODUTÓRIAS

– Cuidar de filho sem pai é difícil, mas graças a Deus tá tudo aí criado, casado. Só não é casado um, porque é meu neto. Crio essa menina, também que é minha, ‘veve’ dentro de casa mais eu, tem um moleque também, pequeno. E os outros ‘veve’ no mundo assim. Esse é doido pra completar dezoito pra ir pra firma ganhar um dinheirinho, porque ele não tem né? Tem nove, todos casados, graças a Deus. É seis homens e três mulheres.

– E aí todo ano eles vêm e voltam... Não tem muita data...

– É, vem e volta... Esse um mesmo que vem agora, da última vez ele foi e ficou três anos lá, depois veio. Quando é agora, ele foi tem um ano e pouco. Mas ele disse “Mãe, quando for em dezembro eu vou aí. O chefe deixou eu ir em casa, eu vou em casa e volto. Eu vou e venho para aqui.” Porque eles querem levar ele pra ir... E eu não vou deixar ele ir não. Ele me falou. Eu não deixo não...¹

São quatro da manhã de uma segunda-feira fria e ainda escura. Cambaleante e ainda aturdido, o homem se levanta. No canto da sala minúscula de tijolos à mostra, recolhe a bagagem feita no dia anterior. Ele sabe que não pode perder tempo. Toma o café apressadamente, mas com afinco, já prevendo que a primeira parada iria demorar e o estômago poderia cobrar a ausência de alimento. Se o corpo está nutrido para a viagem, a mente, nem tanto. E nem mesmo a pressa lhe subtrai certa angústia em saber o tempo que levará para rever todas aquelas coisas que os olhos nervosamente lhe mostram: o cachorro magricela, que lhe roça a perna por sob a mesa, o sofá amarelo onde repousava às tardes, o jarro com flores de plástico, presente da mãe no último amigo-secreto da família. “Família”, eis um termo cujo significado a viagem que está prestes a fazer modifica.

Criado sem pai, filho mais velho de quatro irmãos, aprendeu que família eram aqueles a quem poderia recorrer nos momentos de necessidade. Agora previa que tê-los por perto nos próximos meses seria algo possível apenas em pensamento. Mais de dois mil quilômetros os separariam. E, se isso não fosse o bastante, haveria ainda de trabalhar o dia inteiro, desde a madrugada até a noite, desde um domingo até o outro. Não restaria tempo disponível sequer para telefonar, a não ser em uns poucos finais de semana, quando lhe fosse concedida uma folga, ou nos dias em que a natureza impedissem os homens de modificá-la... Um pensamento lhe ocorre: como não teria a família perto? Acaso não é por eles que decidiram viajar? Não foi

pensando na família que decidiu se submeter a uma jornada maçante e quase sobre-humana? Sim, a família estaria com ele todo o tempo. Mas uma despedida provisória era necessária. Dá um beijo na filha que ainda dorme e na mulher que não mais se contém em choro. Mãe, padrasto e irmãos já se despediram na noite do dia anterior. O carro, lá fora, buzina como um sino que dobra anunciando a peregrinação que se inicia. Uma lágrima verte do olho, mas ele se mantém firme, decidido por não fraquejar.

Vai-se mais um Severino, cortando a estrada em direção ao mundo de águas a serem represadas. Vai ao encontro da sorte, se é que ela anda por aqueles pedaços de mundo. O Severino vai à busca de vida, fugindo dali, onde a aridez do vento parece assoviar a morte. Antes do último passo, porém, recorda-se novamente do que prometeu à mulher e à filha. Dará notícias. Com um quase riso entre a esperança e desalento, pensa consigo, sim dará! Notícias de uma terra e de seu desterro. Agora pensando, ele segue outra trilha. Promete a si mesmo que ali retornará dono de terra, de gado e moto. Antecipa a festa que fará na volta, quase sente o cabelo loiro da filha correndo-lhe por entre os dedos. Quase sente o perfume da esposa no afago demorado que lhe dará. Mas não será agora. Agora é hora de encarar a vida. O sertanejo é um forte, dizia o escritor. Ele está em vias de provar isso.

E a porta se fecha. O sono da madrugada se dissipa, como o carro que já não pode ser mais avistado. “Foi-se o homem, ficam as mulheres”, é a frase que a cabeça de Severina repete latejante. O pensamento parece querer-lhe forjar a máxima, já tantas vezes ouvida, e agora sentida. Viu e ouviu tantas mulheres ficarem no povoado enquanto os maridos viajavam que até aquele momento, se acreditava preparada para encenar a peça de sua vida. O rádio ligado dá a hora. É hora de levantar. No seu dial, o locutor matinal sentencia a severidade da sorte: “a vida é uma peça de teatro sem ensaio”.

Severina, menina feita mulher, acha que aquele é um sinal. O rádio ligado deu a hora. Não sabe ainda se era sono ou desânimo, mas sabia ser a hora de levantar. Vai até a cama da filha, lhe acaricia o rosto, como quem tenta com o gesto recobrar as forças que a partida do marido há pouco exauriram. Já na cozinha, coa o café, sabendo que o tomará sozinha pela primeira vez desde seus quinze anos. O tempo passa depressa, pensa consigo. Tomara que sim, é o que o amargo quente da bebida parece lhe dizer.

Quinze anos... Fala entre os lábios. Desde os quinze casada, ainda menina quando fugiu. Mas era moça prendada. Desde nova teve que aprender na aspereza da experiência. O pai perdeu-se na vida à custa de aventuras e a mãe tinha que se dedicar a sorver o sustento de

tantas barrigas. A casa ficava por conta da filha. E assim o fez até o dia em que partiu da casa da mãe para se tornar Severina, dona-de-casa, casada e mãe de família. “Família”, pensou consigo, agora, mais do que nunca, será necessário tê-la unida. Será ela o amparo enquanto o homem está na firma. O homem. O único na sua vida até agora. Será que volta? Será a última na vida dele?

A morte e a vida Severina vê passar diante de seus olhos. Foi atrás desta que seu marido, assim com tantos outros do lugar, se despedira há pouco. É fugindo da primeira que ela decidiu não permanecer deitada. Abre a janela pintada de azul e o calor do sertão arde no rosto. Avista a estrada por onde se foi o homem e, agora, lhe vem à compreensão o que sucedera. Pensa no locutor do rádio e em suas palavras. Nunca conheceu um teatro. Sempre teve vontade. Ficava encantada só de ver a Paixão de Cristo na praça da igreja. “O teatro deve ser um mundo”, diz absorta. A vida é uma peça sem ensaio...

Eis a peregrinação de tantas vidas daquele lugar. Vidas encenando seu viver. A arte da encenação. Uma vida como obra de arte. Aos homens, o desterro, mas também a possibilidade de pôr-se a caminho e descobrir a vida o que ela é. Como aquele Severino de João Cabral que rumou em direção ao litoral, tentando ver beleza e encontrando sofrimento, até entender que isso é a vida, mesmo que sofrida (Melo Neto, 1987). Mas se Severino vai à cata da vida que ele acredita não encontrar em seu lugar – lugar de morte, o que resta à(s) Severina(s) que ali permanecem? Pergunta oportunamente, mas que carece ser posta de lado numa introdução. Ficamos com a promessa de a ela retornar.

Antes que diga sobre ela, parece necessária uma descrição breve do percurso que tracei. Para isso, volto ao instante em que ingressei no mestrado em Psicologia Social e Política da Universidade Federal de Sergipe, tendo sido aprovado com o projeto “Por entre andanças e escutas: a invenção da cidade pelos homens de lugar nenhum.” Esse projeto advinha de uma série de incômodos que me seguiram desde os primeiros anos no curso de psicologia, muitos deles nutridos pelo fato de ter nascido em outra cidade, muito menor do que Aracaju em número de habitantes e de problemas.

De forma bem sucinta, o objetivo daquele trabalho se assentava na construção de pistas sobre a atual constituição do espaço urbano de Aracaju, considerando algumas

perspectivas. A primeira delas, acenando para como desde sua gênese a cidade surgiu encampando um projeto moderno, higiênico e, ao mesmo tempo, excludente. Em segundo lugar, problematizando como esse mesmo projeto tem que conviver desde sempre com outros olhares e práticas, as quais desafiam ou rechaçam essa sua pretensão.

Finalmente, pensava em discutir como a constituição dessa urbe asséptica e normatizada é sentida por aqueles sobre quem esse projeto incide. Ou seja, como tem interferido nas relações entre seus habitantes, especialmente naquilo que se refere às pessoas que ocupam o espaço urbano de modo mais frequente – vendendo, comprando, trabalhando ou perambulando por suas ruas. Como eles narram a sua experiência com a cidade que encampa o título nacional de “Capital da Qualidade de Vida”. E como esses mesmos sujeitos se apropriam de um espaço que parece rejeitá-los para inventar nele fontes de subsistência e modos de existência.

Embora essas fossem questões que há muito carregava consigo, preferi deixá-las um pouco de lado, algum tempo depois de estar no mestrado. Isso se deu graças ao contato com outra realidade que, naquele instante, se apresentou a mim como sendo ainda mais motivadora e instigante. Concomitante ao mestrado, fui trabalhar como psicólogo no CRAS (Centro de Referência em Assistência Social) Quilombola, localizado no povoado Santa Rosa do Ermírio, município de Poço Redondo, Alto Sertão Sergipano.

Lá, tive contato com a dura realidade de quem vive com quase nada e a mercê das políticas públicas. A seca e a fome, tantas vezes retratada na história do Sertão Nordestino, se apresentaram a mim – alguém nascido tão perto dela, mas que parecia alheio a sua força. A precariedade de muitas das famílias atendidas fazia-me um questionamento sobre o lugar que a psicologia poderia ocupar ali e me apresentava certas peculiaridades. Uma delas acabou se tornando meu objeto de investigação do mestrado.

Conversando com moradores e usuários do serviço sempre os ouvia falar de parentes ou conhecidos que “estavam nas firmas”. No início não entendia muito bem e achava que aquelas pessoas trabalhavam na construção civil em Aracaju ou outras cidades do Sergipe, o que é muito usual. Depois de um tempo, descobri que as tais firmas, na verdade, eram imensas corporações da construção civil, fora do estado de Sergipe, que recrutavam “peões” em Poço Redondo e outras cidades do interior do estado.

A história desses peões, por seu turno, também guardava algumas particularidades. Primeira delas, eles não se transferiam definitivamente de lugar. Iam de tempos em tempos

para as tais firmas – algo em torno de 6 a 12 meses, retornando depois para sua terra de origem. Ou seja, faziam o que se define como “migração sazonal”: mesmo mantendo a posse de parcelas diminutas de terra, veem-se obrigados a se inserirem em atividades urbanas e/ ou rurais, fora de seus locais de origem, reafirmando uma trajetória social acentuadamente voltada para a proletarização, seja ela permanente ou temporária². Esse tipo de migração é recorrente em muitos municípios do Nordeste e já extensivamente estudada por pesquisadores.

Os estudos comumente tratam da migração de trabalhadores para o interior dos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, onde realizam a colheita de cana, café ou laranja e depois regressavam para a terra natal. Mas, no caso da migração sazonal feita pelos poçoerredondenses, o destino era outro: ao invés dos centros agroindustriais, estabeleciam-se durante um tempo em construções no Norte ou Centro-oeste brasileiro e, após algum tempo, retornavam a Poço Redondo. Muitas dessas construções nos são frequentemente apresentadas nos noticiários: Belo Monte, Girau, Santo Antônio. Quase sempre relacionadas a problemas, atrasos, greves, paralisações.

Segunda particularidade, quase a totalidade de trabalhadores eram homens. Frequentemente, com pouca instrução. Alguns nem sequer o dinheiro das passagens possuía. Muitos fazendo sua primeira viagem para fora do povoado onde nasceu. Sem muitas perspectivas de trabalho. Vindos de famílias, do mesmo modo, pobres. E, principalmente, muitos. Numa cidade com população estimada em 30 mil habitantes, falavam-me em algo entre quatro a sete mil poçoerredondenses trabalhando como peões³.

Os motivos de voltarem são vários. Normalmente, estão relacionados com o término da obra, mas também não são raros os casos de trabalhadores que são simplesmente “mandados de volta” pelos encarregados, por causar desentendimentos entre os “peões”, por seu envolvimento com álcool e outras drogas ou outros tantos motivos. Há também os casos de trabalhadores que ficam apenas o tempo suficiente para ter direito ao FGTS (Fundo de Garantia por Tempo de Serviço) e ao Seguro Desemprego, com os quais se mantém nos meses seguintes em que estão de volta à terra natal.

O interesse primeiro desses “retirantes-temporários”, contudo, parece permanecer semelhante aos de outros tempos: tentar acumular o máximo que puderem durante os meses de trabalho. Pois bem, até em virtude disso, muitos preferem não levar consigo as famílias (mulheres e filhos, normalmente), já que mantê-los aumentariam os gastos e reduziriam o

montante possível a ser acumulado. E é assim que chegamos ao objetivo desse estudo. Sem deixar de considerar a potência que as histórias desses homens carregam, é antes sobre a função-mulher nesse complexo e interessante panorama a que pretendemos nos deter.

Bom, se tantos homens estão fora do lugar, recaem sobre as mulheres mais algumas responsabilidades e papéis. Essa era mais uma especificidade que me atraia, ainda mais sendo aquele um lugar em que ainda parecia vigorar certo modo machista e patriarcal de conceber as relações e de estruturação social. Muitas delas quase meninas ainda, essas mulheres tem que assumir a responsabilidade sobre a casa e os filhos, enquanto seus maridos estão trabalhando. Ora, se aos maridos, pais, filhos e irmãos é reservado o sonho de prosperar na labuta, às suas mulheres, o que é reservado? E o que delas se espera? E o que elas esperam: o marido, a separação, mais um filho, nada? De quê e como sobrevivem à condição que a vida lhes impinge? O que de suas vidas podem narrar e como o fazem? São algumas das questões de meu interesse.

Pois bem, eis a questão de pesquisa: a vida dessas mulheres, sertanejas de vida severina, que passam a desempenhar o papel de mãe, pai, mantenedora e etc. enquanto seus maridos, filhos e irmãos permanecem longe de casa, mas não apenas isso. Pode-se nesse ponto argumentar não ser tão raro encontrar mulheres mães de família e, a partir daí, se lançar o questionamento a respeito do que tornaria essas tais sertanejas especiais. A resposta, porém, é de que não parece haver nada de especial ou extraordinário nas suas vidas, ao não ser a força com que a elas se agarram. E talvez seja por isso interessante saber desses lugares que elas passam a ocupar, como convivem e reagem às idas e vindas. Das alterações que a migração sazonal lhes imputa à vida e dos modos de ação frente a ela. A isso se somem as alterações da vida no lugar, decorrentes tanto da saída dos homens, como das “novedades” que trazem depois que retornam.

Nessa proposição de pesquisa está incluída uma série de questionamentos e problemas, sobre os quais tento me lançar. Embora sejam as histórias dessas mulheres o mote central, até para melhor apreendê-las, faz-se necessário estabelecer meios de analisar como e porque ocorre a saída brusca e maciça de tantos homens para essas firmas e dos impactos que isso produz na comunidade de origem. Assim, a notória discrepância entre o número de mulheres e de homens aparece atrelada a outras duas questões: primeiro, das circunstâncias que produzem a necessidade de migrar. Certos arranjos que extirpam (mesmo que temporariamente) esses sertanejos daquelas que eram suas ligações mais fortes: a família, a

comunidade, a terra. Um extirpar que pode aparecer como doloroso, mas também se mostra sedutor, pois vem prenhe de possibilidade de outros meios de vida diferentes do que levam.

E, em segundo, de como a “volta” desses homens promove alterações na vida da comunidade e de seus moradores. Aqui falamos de uma série de mudanças econômicas e sociais. Por exemplo, a substituição dos animais por motocicletas nas lavouras, o aumento no número de acidentados em virtude dessa substituição, a maior frequência no consumo de álcool e outras drogas, assim como os rearranjos familiares decorrentes das idas e vindas. Além disso, de como as escolas abordam a questão, já que muitos adolescentes esperam apenas completar 18 anos para abandonar os estudos e viajar para trabalhar e muitas meninas, ainda frequentando as escolas, casadas e com filhos, tem que dividir o tempo entre as atividades escolares e o cuidado com a casa.

E como se pretende que essas coisas apareçam aqui? A proposta é apresentar fragmentos narrativos dessas vidas e de suas nuances. Histórias de seus encontros com as novidades e vicissitudes que essa modalidade de trabalho de seus homens lhes propicia. Como ocupam, se é que ocupam aqueles territórios e que táticas desenvolvem para melhor se colocarem nele. Como se enxergam nesses lugares e como neles fixam territórios, entre a falta do ente, a expectativa por seu retorno e as exigências que sua ausência presentifica.

NOTAS

¹ Transcrição de áudio de entrevista com moradora do povoado Santa Rosa do Ermírio, em 2007. Vídeo disponível em <http://www.infonet.com.br/politicaeeconomia/ler.asp?id=67401&título=politicaeeconomia> (acesso em 14 de abril de 2012)

² Botelho (2003)

³ Não há dados oficiais sobre o quantitativo de homens trabalhando fora do município. São os próprios moradores que especulam em torno desses números. Fato é que, de acordo com o IBGE (<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/xtras/perfil.php?codmun=280540&r=2>), Poço Redondo tem uma população residente – isto é, que mora no local, mesmo que ausente há até um ano – de 30.880 pessoas, dos quais quase 16 mil seriam homens. Se confirmado o número de homens nas firmas, algo entre 25% e 43% da população masculina estaria fora da localidade. Levando em conta o número de homens em idade ativa, ou seja, excluindo-se menores de 18 anos e idosos, esses seriam números ainda mais significativos.

ALGUMAS NOTAÇÕES SOBRE DITOS E ESCRITOS

NARRATIVAS E POLÍTICAS DA VIDA.

Sendo de narrativas que esse trabalho de pesquisa tem se nutrido, parece premente que começemos por conceituar aquilo que estamos chamando “narrar”. Uma primeira observação, ou afirmativa, é a possibilidade de contar histórias, de montar um mosaico escrito a partir de umas poucas vidas. Uma escrita da vida cotidiana num meio rural que é jatado por novas vontades e ambições, ao mesmo tempo em que ainda se liga às suas tradições e costumes. A migração feita pelos homens parece cumprir essa função: a de carregar a anunciação das novidades, de levar o novo ao povoado e, por outro lado, atualizar aquilo que de antigo ainda persiste nas vidas do lugar. E não estamos falando unicamente, ou especialmente, das mudanças econômicas, mas de novos modos de amar, viver, gozar, compartilhar, separar e partir.

E, como fazem os javenses⁴, narrar torna-se, portanto, o ato de engrandecer as sutilezas desse ordinário. Não para pô-las como exemplo ou modelo, ou para evitar que a novidade das águas lhe suplante, mas para lhes dignificar o mero fato de serem, para que existam apesar da inundação. As pequenezas da vida, num lugar onde ela se mostra tolhida e potente. Onde é, senão outra coisa, vida.

Michel de Certeau (2007) ressalta o fato de que, tornando-se artimanha do fraco frente aos ditames que querem a vida despotencializada, uma prática tida como rotineira, cotidiana (e aqui estamos considerando o narrar como algo dessa ordem) tem a força de instaurar no bojo do discurso unívoco maneiras diferentes de se ver e fazer o mundo, as quais denotam uma resistência a esse discurso. Para pensar essas maneiras de se fazer a vida, o autor de “A Invenção do Cotidiano” lança mão da ideia de ‘estratégias e táticas’. Enquanto as primeiras diriam dos modos organizados de ação, as táticas falariam das minúcias, da pequenezas dos gestos, feitas de acordo com a necessidade do momento. Por isso elas seriam da ordem da resistência, do não planejado e não previsível.

Essas “artes de fazer”, segundo ele, dão-se sub-repticiamente, nem sempre visíveis, mas sempre atuantes. Dada à sua aparente insignificância passam por despercebida ou pouco interessantes aos olhos do controle biopolítico da vida e, assim, logram destituí-lo. E, desse

modo, contra a ideia de passividade ou docilidade, ressalta-se a ideia de astúcia, do ‘homem ordinário’, que apesar de anônimo, está a todo momento reinventando a si e ao mundo das formas as mais diversas.

Daí aparece a possibilidade de pensarmos a atividade narrativa como um fazer político. Diante da tentativa de abafar modos de vida que destoam da programação disciplinar moderna, narrar o cotidiano surge como um paradoxo a esse cerceamento. Surge como fala de um, que se junta a mais um, depois outro. Flagrante delito de fabular de um, que com mais um com-fabula (Deleuze, 1992). E assim produz-se micropolíticas (Guattari e Rolnik, 1986). Ou melhor ainda, inventa-se uma política de encontros. Afinal, estamos aqui afirmando o narrar como algo que se produz processualmente. E como tal, ele se dá nos encontros, ou como potencial agenciador de encontros:

...do narrador com suas memórias, com seu ouvinte, com as releituras, com os desejos”. (...) Menos uma técnica e mais uma arte: a arte de compor afetações que, por sua vez, dobram, redobram e desdobram os corpos no encontro e produzem neles a potência de compor com outros corpos novos encontros (Carvalho e Costa, 2011, pp. 71-72).

Vale ressaltar assim que nesse seu componente político, narrar aparece como algo da ordem das descontinuidades, do fragmentado e inconcluso. Quando se narra, o fazemos por retalhos, enredamentos e fiamentos. A despeito de uma construção que obedece à lógica, uma narrativa segue um percurso indefinido e indeterminado. Faz-se à medida que vai se fazendo. E, além, obviamente, de solver a pretensão de se chegar à segurança das construções resolutas, isso quebra com o binarismo entre quem diz e quem conta. Avessa à cisão entre objeto e sujeito que um conhecimento pretensamente neutro promulga, a narrativa se tece, portanto, por intercessores⁵ e, como tal, é mistura de ditos.

Parece difícil falarmos de atividade narrativa segundo esses parâmetros sem citar Walter Benjamin (1994). Ao problematizar a função do narrador, afirma uma crise na atividade narrativa, em virtude da sobreposição da técnica sobre o homem. Segundo ele, essa sobreposição estabelece uma nova configuração na qual a arte de narrar está em vias de se extinguir, na medida em que cada vez mais se torna escassa a possibilidade humana de compartilhar experiências. A respeito disso, Benjamin identifica aquele que narra como alguém que dá conselhos, “mas, se ‘dar conselhos’ parece hoje algo de inadequado, é porque as experiências estão deixando de ser comunicáveis. Em consequência (...) aconselhar é

menos responder a uma pergunta que fazer sugestão sobre a continuação de uma história que está sendo narrada" (BENJAMIN, 1994).

No início de suas considerações sobre a obra de Nikolai Leskov, o filósofo alemão ressalta "entre os inúmeros narradores anônimos, dois grupos que se interpenetram de múltiplas maneiras": o do viajante ou marinheiro comerciante, ou seja, alguém "que vem de longe" e, por isso, tem muito que contar. Ao outro grupo, pertence o camponês sedentário, o homem fixado à terra, que passou a vida sem sair do país e que "conhece suas histórias e tradições." (BENJAMIN, 1985). Ainda segundo Benjamin, esses dois grupos, através de seus representantes arcaicos, configuraram "dois estilos de vida que produziram de certo modo suas respectivas famílias de narradores" (BENJAMIN, 1985).

Já para Jeanne Marie Gagnebin (200), quando Walter Benjamin fala do fim da narração e o explica pelo declínio da *experiência* (Erfahrung), ele retoma alguns motivos, por exemplo, a continuidade entre as gerações e a eficácia da palavra compartilhada numa tradição comum. Sendo que a posterior impossibilidade de contar e ouvir história, e, portanto, impossibilidade para a função narrativa, é já produto de uma série de componentes sócio-históricos. Por exemplo, o incremento do trabalho industrializado, que exclui um modo artesanal de fazer que seja próprio à temporalidade narrativa e a perspectiva moderna de urbanização que, através dos processos de higienização dos espaços e do social, tenta a todo custo afastar aquilo que lhe parece danoso à vida. Além disso, aponta a autora, o processo de implementação da modernidade coincide com o evanescer da experiência comum, matéria prima para a atividade narrativa, ao tempo que um processo de interiorização, psicológica e espacial, instaura a vivência individualizada e individualizante. E desse modo a política se esfacela em nome duma gramática psicológica.

Richard Sennett (1999) identifica nessa tirania da intimidade um problema de detimento do público em relação ao privado. Ocorre hoje algo parecido com o que se deu na sociedade romana após a morte de Augusto: a vida pública aparece como uma “obrigação formal” (p. 15). Segundo aponta, a diferença entre a crise do político em Roma e a nossa contemporânea reside no fato de que, enquanto os romanos contrapunham o público a um princípio baseado na transcendência religiosa, nós o opomos a uma supremacia da psique, uma “imagem psicológica da vida” (p. 17), findada na busca por um autoconhecimento. Para ele, esse autoconhecimento aparece não mais como um meio através do qual se conhece o mundo, mas como a finalidade de se estar nesse mundo. Isso faz ganhar expressão certo modo

individualista e narcisista de se relacionar com as pessoas e as coisas. Elas passam a nos interessar apenas na medida em que servem como *feedback* para nossa auto-afirmação. E, do mesmo modo, passam a ser desinteressantes como *lócus* para a troca de experiências, pois, se relacionar denota demonstrar pontos fracos, mostrar-se suscetível, algo não aceitável dentro desse mundo. Fechar-se se torna o melhor modo de se proteger e de aparentar ser esse tal sujeito dono de si. “A realidade é perigosa, a natureza é traiçoeira e a humanidade, imprevisível.” (COUTO, 2001).

Um grande contributo para isso, aponta Gagnebin (2009), são dois efeitos produzidos no final do século XIX e completamente definidos após as duas Grandes Guerras. Depois da volta dos soldados para suas casas, o que se percebeu é que as narrativas da guerra não eram suficientes para fechar as feridas e marcas deixadas pelo conflito, da mesma forma que quando esse soldado retorna para algo como uma “pátria”, não acha ouvintes dispostos a ouvi-lo. Ou seja, diferente de narrativas como a de Ulisses – que em seu retorno é reconhecido pela cicatriz da batalha, o soldado continua irreconhecivelmente estrangeiro a si mesmo e a seus familiares, em seu próprio país.

Outro ponto seria a da alteração da noção de escrita como marca do autor, capaz de elevar seu nome à posteridade, ou como um seu rastro duradouro e fiel, para ser vista como um sinal aleatório que foi deixado ou esquecido sem intenção prévia. “Rastro que é fruto do acaso, da negligência, às vezes da violência; deixado por um animal que corre ou por um ladrão em fuga” (p. 113) e que denuncia uma presença ausente. Ocorre que, aponta a mesma autora, na visão de Benjamin, quando perde seu signo de durabilidade para ser apresentado como algo aleatório e até mesmo clandestino, esse rastro narrativo se aproxima dos restos humanos ou detritos da vida urbana, nos quais o poeta tropeça e recolhe para fazê-los matéria de sua obra.

E é aqui que se reafirma a positividade do narrar. Frente a esse processo linear e demasiado tirânico da vivência íntima, ele coloca em funcionamento a ampliação da experiência compartilhada, ao mesmo tempo em que atenta para a singeleza da vida, ali onde tudo o mais desconhece importância. . Por isso, ao invés de nos prendermos unicamente a análises e queixumes sobre uma tal crise de valores de nossa contemporaneidade, parece imprescindível também demarcar trincheiras de resistência à empreitada de ordenamento sumário da vida – narrar aparece como uma dessas trincheiras, mas não a única. Façamos como poetas, artistas e mesmo historiadores que, na visão de Benjamin, ao juntar os

rastros/restos que sobejam da vida e da história oficial, ocupam a função do narrar. Retomemos à simplicidade das perguntas⁶, suspendamos a prerrogativa de certeza, façamos crentes na possibilidade de inventar outras formas de convivência e de comunicação humanas. E, tão importante quanto, afirmemos o poder que tem a vida de escapar dos grilhões que a querem arregimentada, afirmemos a invenção da vida no cotidiano dessas sertanejas Severinas, com suas mil maneiras destoantes e ruidosas de fazê-lo⁷.

O COTIDIANO E O CONTEMPORÂNEO: INVENTANDO INCÔMODOS, SUSCITANDO PERGUNTAS.

Uma segunda questão trata do interesse de pesquisa. Afinal de contas, porque pesquisar a vida sertaneja? A resposta aparece sob a forma de uma necessidade. A necessidade de se perguntar sobre um “sertão de hoje”. Ou melhor colocando, as impressões que alguém nascido e crescido numa parte desse sertão tem a cerca de seus lugares. Um movimento de aproximação e distanciamento aparece como crucial a esse exercício de perguntar: aproximar-se para se reconhecer naquele mundo e afastar-se para melhor se colocar nele. Ficam claras as influências etnográficas a que esse texto recorre. Mas, afora elas, gostaria de apresentar esse perguntar-se sobre o tempo em que vivemos e os lugares que ocupamos nele, municiado por algumas ideias de Michel Foucault e Giorgio Agamben.

“O que acontece hoje? O que acontece agora? E o que é esse “agora” no interior do qual estamos, uns e outros, e que define o momento onde escrevo?” (Foucault, 2007, s/n). As interrogações de Kant, retomadas por Michel Foucault, fazem aparecer a questão do presente como acontecimento filosófico, abrindo a possibilidade de se interrogar a respeito da atualidade daquele que pergunta e da qual faz parte. Problematização ética, portanto, de pertencimento a um tempo e de comprometimento com aquilo que é feito dele e nele. Ético também no sentido de que não remonta a uma filiação a uma doutrina ou tradição, mas a um “nós” que se relate com um conjunto cultural característico de sua própria atualidade, como alerta Foucault em seu texto.

Foucault irá identificar esse perguntar sobre nossa atualidade como uma das duas grandes tradições críticas entre as quais está dividida a filosofia moderna. Se de um lado Kant alcançou notoriedade por ter fundado certa tradição filosófica que coloca a questão das condições sobre as quais um conhecimento verdadeiro é possível, a essa sua “análítica da verdade” contrapõe-se um outro modo de interrogação crítica que aquele perguntar-se inaugura. Uma ontologia do presente ou analítica do presente, um perguntar-se a respeito daquilo que estamos ajudando a fazer de nós mesmos⁸.

Na esteira disso, no ensaio “*O que é o contemporâneo*”⁹, o filósofo italiano Giorgio Agamben traça algumas possibilidades de articulação para a questão proposta. Interessa-nos especialmente duas. Na primeira delas, recorre a Friedrich Nietzsche para apontar o

contemporâneo como o *intempestivo*. Ou seja, aquilo que apesar de compor com seu tempo alguma relação de proximidade e concordância, portanto de atualidade, dele também se afasta. Para Nietzsche (1998), esse movimento de contradizer o habitual, ou como prefere, esse colocar a “faca no peito das virtudes do tempo” (p. 212) torna o homem “inatural”, uma afirmação tão cara à sua filosofia que chega a aparecer como um princípio da atividade filosófica como a entende. Mas não apenas isso, por oposição a essa afirmação positiva da vida, Nietzsche também entende que esse contemporâneo intempestivo serve para melhor compreender o, segundo o filósofo alemão, malogrado projeto de homem da modernidade.

Isso porque, em primeiro lugar, todo aquele que não se dissocia de seu tempo não consegue dar-se contas das amarras a que se sujeita habitualmente, não consegue problematizar sua cultura, nem tampouco conserva a vontade de ir para além daquilo que ela lhe determina. Eis o homem moderno, portanto: aquele que não consegue desgrudar-se de sua época. Muito pelo contrário, agarra-se a ele com toda a força de que dispõe. Sendo assim, como é de se imaginar, é somente a partir desse incômodo que o seu tempo produz, que o filósofo se recusa a aderir a ele, passando a reconhecer a necessidade de agir para além das formas cristalizadas oferecidas e, por um ato de coragem, propondo-se olhar sua cultura de certa distância, de maneira a permitir soerguerem-se outras formas de se viver e pensar.

Enfim, essa relação nietzsiana de desconexão e dissociação com o tempo presente é tomada por Agamben para pensar no contemporâneo para além da mera atualidade. Um pensar descolado do tempo, ao mesmo tempo em que aderido a ele. Se a atualidade aponta para aquilo que é mais costumeiro e frequente, de maneira a quase não serem percebidas as nuances presentes nesses rituais “instituídos”, por assim dizer, esse contemporâneo anuncia a necessidade de afastamento em relação a tais habituais. Precisamente para se enxergar nele aquilo que o costume nos impede. Um homem que pensa seu tempo, enquanto está nele.

O contemporâneo é o poeta. Segunda afirmação de Agamben. Para exemplificar essa sua construção, o italiano recorre a uma curiosa imagem proposta pelo russo Osip Mandel'stam. Em seu poema intitulado “*O século*”, esse autor se refere ao tempo presente como uma vértebra quebrada. Devido à fratura, fica impossível ao século de agora revirar seu dorso para olhar para trás, restando-lhe a dor provocada pelas tentativas de revirar-se e certa necessidade de por fim aquilo, seja estancando suas feridas, seja procurando meios de sobrevida apesar delas.

Paradoxalmente, o poeta seria aquele responsável pela fratura, ou seja, por romper com seu tempo, e, ao mesmo tempo, o responsável por amenizá-la, transformando-se no sangue que suturaria o ferimento. Mais uma vez apontando a relação do homem com seu tempo, dos lugares que ocupamos nesse tempo em que existimos, Agamben recorre ao poema supondo que é dessa relação entre espaço e tempo que podemos inquirir a respeito da vida e do mundo.

É a partir dessa construção que Agamben chega a um segundo conceito sobre o contemporâneo. Sendo o poeta aquele que mantém fixos os olhos no seu tempo, essa fixidez do olhar deve estar atenta não às luzes que sua época anuncia, mas aos escuros que dela advêm. Contemporâneo é perceber o escuro como algo que lhe concerne e não cessa de interpelá-lo, recebe “em pleno rosto o facho de trevas que provém do seu tempo” (p. 64). O que significa isso? Bom, se relacionada à vida ordinária, olhar os escuros em detrimento da luz pode servir para atribuir maior atenção ao inusitado, irrisório e imperceptível da vida. Talvez pudéssemos pensar à maneira de Michel De Certeau e dizer esse contemporâneo como cotidiano: aquilo que se dá sub-repticiamente, ao nível do micropolítico, de maneira a quase nunca ser-lhe atribuída alguma importância. Guardemos esse enunciado, para a ele voltarmos noutrora.

Agora é mais urgente lembrar quanto essa é uma afirmação perigosa. Perceber o escuro, ao invés da luz. Eis uma coisa a que não estamos acostumados. Ainda mais em tempo de supervvalorização do esclarecimento, de desvelamento, da razão como farol-guia do mundo. Grosseiramente falando, nossa produção de conhecimento tem se pautado desde sempre como parelha de termos como elucidar, esclarecer, iluminar, tornar claro. Quando muito, o obscuro foi utilizado para sustentar a veracidade das respostas produzidas ou, mais comum, para ser posto fora da alcada do racional e, portanto, daquilo que interessa de fato. A proposta de Agamben retoma a contraposição entre uma analítica da verdade e uma ontologia do presente e deixa evidente o rumo que seu barco segue. Rema na contramaré da primeira: ao invés da razão iluminante, o passo cambaleante por entre sombras e escuros. E, ainda mais, o abandono de qualquer pretensão à apreensão desse escuro: “ser pontual num compromisso ao qual se pode apenas faltar” (p. 65).

A pesquisa que não quer esclarecer – antes assim, inebriar, a rua mal iluminada e a penumbra de seus viventes, o concreto que tapa a luz e o que se esconde sobre suas sombras, o negrume na pele das vidas que se fazem sobre o sol escaldante de um sertão qualquer. E

assim pesquisa e vida se emaranham e coadunam, falam dos jeitos como vamos, como empiristas cegos, tateando o mundo ao redor. E dessa forma

...tomamos posse do mundo – inventamos novos modos de estar no mundo: é invenção/criação de novos modos de viver e, também, de pesquisar! (...) Engendrar novos espaço-templos – mesmo de superfície ou volumes reduzidos. Espaços-templos de guerra, que estão presentes em todos os verbos por nós frequentados. Verbos como tatear, olhar, ouvir, trabalhar, escrever, dizer, amar, lutar... E pesquisar (Machado, 2011, pp. 53-54)

UM NORDESTE E SUAS INVENÇÕES.

Não! Eu não sou do lugar dos esquecidos! Não sou da nação dos condenados! Não sou do sertão dos ofendidos! Você sabe bem: Conheço o meu lugar¹⁰.

Certamente mais bonitos na voz dissonante do velho e rabugento cantor popular do que na secura de um escrito acadêmico, os versos de Belchior servem bem para introduzir um texto breve sobre esse Nordeste, ponto de reflexão e inflexão desse trabalho. Afinal, se um dos intuios aqui propostos é de pensar o sertão nordestino para além das representações habituais que se faz e tem dele, torna-se emblemática uma canção na qual um nordestino, migrante como tantos outros, sentencia o Nordeste como ficção, como lugar que nunca houve.

Ou talvez um Nordeste que vai além dessas representações. Não reconhecível apenas pela pobreza e miséria de sua gente, pela seca ferina, pelo atraso em relação às regiões economicamente desenvolvidas do país, como parece o usual e corriqueiro retrato que se faz da região. E ao desdizê-lo como um lugar de morte, mais do que de vida, faz supor a iminência doutros modos de se ver e viver (n)essas paragens. Um sertão/nordeste possuidor de uma história e que, por ela, não pode ser encerrado na regularidade de certos temas, falas e imagens que se afirmam e reafirmam na recorrência dos discursos. Um lugar de morte, mas também de vida, mesmo que radiculada ou dispersa numa profusão de falas e práticas reificadas. Creiamos haver a possibilidade desse Nordeste ficcional e de lugar de vida, e nos restaria procurar ao menos indicativos de seu aparecimento. Esse projeto de pesquisa é, em sua essência, a tentativa de encontro com algumas dessas possibilidades, aqui anunciadas sob a alcunha de *invenção*.

Invenção, aliás, é o termo utilizado por Durval Albuquerque Jr. (1999) para caracterizar o processo histórico que descamba na imagem que temos da região nordestina. Nesse seu livro, fruto do trabalho de pesquisa realizado durante o doutorado, interessava a esse nordestino erradicado em Sampa as circunstâncias, formulações e práticas (discursivas ou não) que tornaram possível a emersão do Nordeste como hoje é reconhecido, ou se quer ser. Para isso, ele se vê armado de ferramentas genealógicas, com as quais propõe pensar as

condições históricas, as relações de força e as práticas que possibilitaram o surgimento de uma identidade regional, de um estereótipo e de um recorte espacial, constituído e reelaborado nessas relações de força.

E ele toma como ponto de partida a aposta de que essa é uma invenção recente e bem datada. Segundo aponta, o aparecimento de uma ideia regional do Nordeste teria ocorrido na primeira década do século XX. Para demonstrar como se estabelece esse ranço identitário e seus atravessamentos políticos, econômicos, afetivos e históricos, Durval se lança à análise das produções artísticas e culturais que interpretaram o Nordeste durante o século passado, apresentando-as sob duas grandes composições.

Na primeira delas, aparece toda uma gama de produção artística na qual a região é retratada como “espaço da saudade”. O Nordeste é apresentado como um lugar de passado idílico, frondoso noutras épocas e agora vilipendiado pela modernidade que se asseverava de modifica-lo, tanto com a chegada da industrialização quanto com o crescimento urbano. Para compreendermos como se estabelece esse entendimento a respeito da região, devemos ter em mente algumas modificações ocorridas no cenário político do Nordeste do início do século e como essas modificações afetam outros campos da sociedade. Nesse sentido, para Durval Albuquerque Jr. a montagem de um “espaço da saudade” no cenário cultural e artístico é posterior a uma fabricação desse espaço primeiro no campo político.

Contraponto a uma ideia progressista de modernidade, esse discurso é efetivado na vontade de uma velha oligarquia rural nordestina, mais fortemente representada pelos senhores de engenho de cana, os quais começam a ter seu status de notoriedade política e econômica ameaçado pela recém-formada burguesia industrial do Sudeste. Segundo defenderia o ideário oligárquico, aquele modelo de progresso baseado na industrialização se efetiva esfacelando uma série de enunciados culturais, costumes e tradições das regiões, de modo tal que algum esforço no sentido de conservar ou recordar o valor desses enunciados aparece como imprescindível.

A maneira encontrada de fazer isso é estabelecendo uma contraposição regional, com a demarcação de um polo de tradição (o Nordeste) de um lado e de outro a região que representaria essa modernidade e seus desdobramentos (o Sudeste). Foi essa oposição, até então restrita ao plano político, que depois se propagou para o plano cultural, através do trato do Nordeste por seus intelectuais e artistas como uma região permeada de lirismo e saudade, na qual os valores da tradição rural ainda eram mantidos e em que se guardavam profundas

relações com um passado anterior ao processo industrial.

Dentre os mais importantes matizes desse primeiro esforço em imprimir uma identidade nordestina, o autor aponta a produção intelectual quase inaugural do Movimento Regionalista-Tradicionalista de Recife¹¹, iniciado nas primeiras décadas do século XX e principalmente a produção sociológica e antropológica de Gilberto Freyre, figura mor da intelectualidade regional na época. Para Durval, ambos merecem referência por terem conseguido transpor-se dos círculos restritos de uma intelectualidade regional, para alcançar influência nas outras tantas áreas culturais ou de produção artística, “no esforço de criar novos territórios existenciais e sociais, capazes de resgatar o passado de glória da região, o fausto da casa-grande, a ‘docilidade’ da senzala, a ‘paz e estabilidade’ do Império”. Gestado e instituído na obra sociológica de Gilberto Freyre, nos romances de José Américo de Almeida, José Lins do Rego, Rachel de Queiroz; ou nas pinturas de Cícero Dias, Lula Cardoso Ayres etc., aparece um Nordeste como espaço da saudade dos tempos de glória, que contempla com os olhos rasos de saudade as imagens do engenho, da sinhá, do sinhô, da Nega Fulo, “do sertão e do sertanejo puro e natural, força telúrica da região.” (Albuquerque Júnior, 1999, p. 35)

A segunda perspectiva histórica de fabricação/invenção do Nordeste é apontada por Durval como elaborada a partir do contato de uma classe média urbana em formação, em grande parte formada pelos herdeiros da velha oligarquia rural, com correntes do pensamento crítico como o marxismo. Desse encontro surgem obras de artistas e intelectuais voltadas à apresentação da região não mais com um idealismo pretérito, mas com a demarcação da necessidade de se fabricar um futuro para o Nordeste. Surge daí os trabalhos que denunciam a região onde predominam a miséria e a injustiça social, alocados por Durval como manifestações do Nordeste como “espaço da revolta”.

João Cabral de Melo Neto, Graciliano Ramos, Jorge Amado, Cândido Portinari, assim como a produção cinematográfica de Glauber Rocha seriam representações desse Nordeste às avessas. Obras que partiam, quase sempre, de um ‘olhar civilizado’, de uma fala urbano-industrial, de um Brasil civilizado sobre um Brasil rural, tradicional, arcaico. Esse espaço da revolta ou deve ser resgatado para a ordem e para a disciplina burguesa, ou para uma nova ordem futura: a da sociedade socialista. Rebelde, bárbaro, primitivo, esse Nordeste devia ser domado, ou pela disciplina burguesa ou pela ‘disciplina revolucionária’. De forma que, conclui ele, é do ponto de vista da ordem ou de uma nova ordem que se olha este espaço: é do ponto de vista do poder ou da ‘luta pelo poder’ que se lê este Nordeste.

Durval Albuquerque Jr. aponta como conclusão de *A invenção do Nordeste e outras artes* que apesar da aparente contradição entre as duas, tanto a perspectiva da região como espaço da saudade quanto a que a interpreta como território da revolta guardam em comum certa inclinação para sempre convergir para a demonstração e afirmação de uma *nordestinização* dessa parte do Brasil, seja atribuindo características aos seus habitantes e cultura, seja auxiliando na introjeção dessa identidade entre os nordestinos ou no imaginário dos outros brasileiros. Por outro lado, ambas também se afirmam a partir do estabelecimento desse Nordeste como espaço da negação, de contraponto construído em alteridade e paralelo em relação ao sul/sudeste e que, nesse seu modo de afirmação, se torna cada vez mais cindido e distante deles. Enfim, ambas pensam o Nordeste como uma entidade pronta e assim escondem a região como construção histórica, na qual se cruzaram temporalidades e espacialidades, em prol de uma série de cristalizações e estereótipos:

Estereótipos que são operativos, positivos, que instituem uma verdade que se impõe de tal forma, que oblitera a multiplicidade das imagens e das falas regionais, em nome de um feixe limitado de imagens e falas-clichês, que são repetidas *ad nauseum*, seja pelos meios de comunicação, pelas artes, seja pelos próprios habitantes de outras áreas do país e da própria região. (op. Cit., p. 307).

Tais discursos, porém, tornam-se cada vez mais insustentáveis desde que a globalização expande-se rompendo com a noção hermética de território e promulgando o contato e interação entre culturas e povos. Surge daí a necessidade de se pensar outras leituras e feituras do Nordeste, as quais absorvam essas comunicações silenciosas que se fazem vivas e pujantes no íntimo das relações e pessoas. De forma que não se trate de buscar uma cultura nacional ou regional, uma identidade cultural ou nacional, mas de ressaltar as heterogeneidades que compõem e encerram cada uma de nós, como pessoas e povo. Enfim, trata-se de buscar sermos sempre diferentes, dos outros e em nós mesmos.

Isso demanda o esforço em tentar evitar fazer de qualquer relato a respeito dele um espaço da casta. Ou seja, um lugar que é composto por determinadas falas e gestos e possui uma natureza e um destino. O Nordeste, seu sertão e sua gente tem que ser entendido não como um lugar cristalizado, fechado, mas entendido como um território vivo. Retornemos a Belchior e sua canção. O que se propõe é pensarmos o nordestino, seus Severinos e Severinas não como vidas prontamente finalizadas, reservadas a um destino que lhes fora lançado antes mesmo que existissem como viventes. Tê-los para além do mero 3x4 da fotografia, que prende o sujeito a um território e uma identidade, os quais os definem exclusivamente nos

termos impressos, seja no papel, seja nas cabeças dos homens. Pensar que é urgente e possível inventar outros meios de se viver e estar no mundo.

Novamente o termo invenção, só que agora para dizer de um nordeste como lugar de vida e morte. Nem um nem outro e tudo ao mesmo tempo. Como tudo o mais, aliás. Nordeste como um espaço “em vias de”¹², no qual dialogam e digladiam-se vontades, verdades e discursos nem sempre explícitos. Também como lugar onde fecundam estratégias de escapamento a essas verdades e vontades. Estratégias muitas das vezes cooptadas, outras tantas percebidas apenas pelos rastros que deixam, mas sempre indícios de vidas em transformação, mudança.

Nesse sentido, essa é uma pesquisa interessada em acompanhar tais processos de mudança e a forma com que essas mulheres podem conviver, dialogar e conversar com as singularidades de seu território, ao mesmo tempo, em que buscam escapar de uma “identidade nordestina”. Já que, se formos estuda-las no campo de uma identidade, de uma camisa-de-força nordestina, não será possível enxergar sua **força**. Veremos apenas um **destino** severino, trata-se aqui de um esforço em demonstrar como essas diferentes construções a respeito do Nordeste e de sua gente se apresentam na vida ordinária de Severinos e Severinas – seja tornando-se presente com a sua força e seus desafios específicos, seja pondo em relevo as novidades, imprevistos ou um certo acaso na vida dessas mulheres.

⁴ Narradores de Javé (2003).

⁵ A ideia de intercessor é trazida por Gilles Deleuze durante uma entrevista em 1985, ao se referir à sua cumplicidade com Félix Guattari: “Sem eles [os intercessores] não há obra. Podem ser pessoas - para um filósofo, artistas ou cientistas; para um cientista, filósofos ou artistas - mas também coisas, plantas, até animais, como em Castañeda. Fictícios ou reais, animados ou inanimados, é preciso fabricar seus próprios intercessores.(...) Eu preciso de meus intercessores para me exprimir, e eles jamais se exprimiram sem mim: sempre se trabalha em vários, mesmo quando isso não se vê. E mais ainda quando é visível: Félix Guattari e eu somos intercessores um do outro. (DELEUZE, 1992, p. 156.)

⁶ Na sua análise sobre a produção do conhecimento científico moderno, Boaventura de Souza Santos (1987) propõe, em oposição à ideia de complexificação da vida, “um retorno às perguntas simples”. Aqui essa noção é ampliada para ser pensada não apenas como indicativo metodológico nas pesquisas, mas como um dos princípios motrizes para as relações humanas. Ela joga com a suspensão da pretensão preconceituosa que temos em relação às pessoas e de como isso torna os relacionamentos humanos cada dia menos autênticos e mais efêmeros.

⁷ Essas maneiras destoante e ruidosas de fazê-lo falam daquilo que Michel de Certeau define como a força que tem o cotidiano de se inventar com mil maneiras de “caça não- autorizada” (2007, p.38). Isto indica que, em suas práticas, o homem comum, usuário supostamente submetido à passividade e à disciplina, exerce uma política menor, articulada com os modos de fazer astuciosos, dispersos, fragmentários, efêmeros, precários e inconclusos desse homem – ou no nosso caso, dessas mulheres. Nas palavras de De Certeau (2007), trata-se de “distinguir as operações quase microbianas que proliferam no seio das estruturas tecnocráticas e alteram o seu funcionamento por uma multiplicidade de ‘táticas’ articuladas sobre os ‘detalhes’ do cotidiano” (p.41).

⁸ Orlandi (2002).

⁹ O que é o contemporâneo é título de um dos ensaios presentes no livro de mesmo nome do filósofo italiano Giorgio Agamben (2009).

¹⁰ Belchior (1979). Conheço meu lugar. *Era uma vez o homem e seu tempo*. Gravadora WEA.

¹¹ A respeito do Movimento Regionalista-Tradicionalista, conferir Freyre, Fernando M. (1977) O movimento regionalista e tradicionalista e a seu modo também modernista – algumas considerações Em *Revista Ci. & Tróp. Recife*,5(2): 175-188, jul. /dez.

¹² Deleuze, (1992, p. 119).

NOTAÇÕES METODOLÓGICAS

Fazia frio na salinha fechada, bem diferente do que anunciava a visão do mundo lá fora. O mostrador do aparelho de ar condicionado marcava 17° C, nada parecido com o habitual calor do nordeste. Em frente à tela do computador, um jovem pesquisador se detinha no trabalho de elaborar um recorte teórico-conceitual sobre seu modo de produzir conhecimento. Já havia recorrido a alguns escritos, se debruçado sobre referências, mas nada lhe sugestionava o modo como deveria proceder na defesa daquilo que gostaria de fazer. Corria-lhe um temor de não ser muito bem compreendido, de o avaliarem como alguém a quem faltasse certo rigor, ou mesmo entendimento sobre o “fazer ciência”.

Tentando pensar no frio artificial fabricado pelo ar condicionado que contrastava com o sol a pino de um calor inominável, pôs-se a lembrar de certa vez quando ouvira que descobertas e achados científicos estariam condicionados a um modo particular de apreensão da realidade, de posicionamento frente ao mundo. Ser objetivo, cindindo entre as coisas que estão nesse mundo e um pesquisador, que, embora também faça parte dele, deve se colocar como que fora, para melhor apreendê-lo, melhor descobri-lo. Como uma cabeça que precisa ser dissipada de seu corpo para melhor poder pensar o mundo¹³.

Lembrou também das antigas aulas de metodologia na graduação em psicologia, quando a professora sempre insistia que citasse cada obra que referenciava cada um dos parágrafos. Segundo ela, não havia a menor possibilidade de elaboração textual sem que citássemos sequer um autor. Lembrou-se de como se punha, então, a achar essa relação entre quem lê e quem escreveu como um tanto esquisita. Não conseguia compreender muito bem as palavras da professora, mas sentia que elas carregavam algo de perigoso. Mas o quê? Perguntava-se nos tempos de estudante e ainda agora. Não parecia claro que é na sola dos anteriores que o conhecimento “novo” se produz? Não é assim que se dá, desde sempre, o avanço e o progresso científico? Embora as perguntas ressoassem em sim como resposta, ele relutava em acreditar. Preferia conservar certo incômodo, preferia o talvez...

E até isso lhe soou um tanto incomum para alguém com a incumbência de produzir conhecimento: preferir. Sim, pois desde que se supunha essa produção como algo apartado de todo demais, para ele parecia demasiado temerário ter preferências. Meio que sem saber

como, elaborou que, mais do que ter preferências, seria melhor preferir o melhor – aí entendido como uma construção que se firme em bases sólidas, verificáveis e palpáveis, ou algo/algum a quem se recorre preferencialmente. Nesse mesmo instante veio-lhe à mente os matizes sobre os quais deveriam se assentar o conhecimento científico. Lembrou vagamente de termos como validade, universalidade, generalização. E mesmo sem recordar o que significavam, tinha em mente que eles deveriam pautar também seu modo de pesquisar e anunciar. Afinal, era ele também um cientista. Mas, de novo, certo mal-estar o interpelava, perguntando sobre os modos de fazer aos quais não escolhemos: O que era feito deles? O que fazíamos deles? Para isso não formulou resposta.

Como seria possível a um cientista não obter respostas? Acaso poderia algo ser programado, projetado (e porque não?) financiado, para não responder? Não, não. Certamente a pergunta é que fora feita por meios escusos. Certamente não se delineou tão bem aquilo a que se pergunta. Talvez as variáveis. Sim, sim, as variáveis estranhas é que não foram totalmente controladas. Controladas? Mas, espere, ao nosso jovem-pesquisador sempre pareceu que o conhecimento deveria buscar exatamente o oposto. Sua função é libertar, esclarecer. Controle não lhe pareceria ser o meio e nem tampouco o fim de seu trabalho. Sentia como que controlar rimasse muito mais com renegar ao escuro, com aprisionar. Novamente aquela vertigem. Novamente perguntas. Afinal de contas, será que as respostas que produzo quando controlo as possibilidades de resultado não seriam dadas já desde o início? Ou seja, a resposta para minha pergunta já estaria dada antes mesmo de perguntar? E se controle e aprisionamento rimam, como se escolhe entre o que o conhecimento liberta/responde e aquilo que controla/aprisiona? E o que é feito de um possível sem tamanho de coisas relegadas aos calabouços do saber? Ele preferiu nem pensar...

Pensou noutra coisa: será que o estavam compreendendo? Será que percebiam que, mesmo por um meio torto, não era apenas de método ou teoria que ele falava, mas de como essas coisas atravessam a vida da pesquisa e do pesquisador? Da *ética* em que estão embutidas a pesquisa e a vida. De como as nossas pesquisas atravessam vidas e como se permite ou não serem atravessadas por elas. Quando percebeu que, mais uma vez, podia não ser compreendido, pensou em mudar tudo o que fizera. Em recomeçar sem perguntas. Escrever um texto seco e conciso, citando autores que presumia conhecer, delineando aquilo que pretendia deles. Mas não se entendia capaz de fazê-lo. Viu-se numa encruzilhada de procedimento. Tonto de incerteza, resolveu abandonar a empreitada a que se destinara.

Decidiu sair. Talvez espairecer, deixar para depois todas aquelas interrogações que fervilhavam sem resposta na sua cabeça. Quando alcançou a porta de sua sala e saiu, porém, já estava arrependido da decisão que tomara. O frio da sala climatizada foi substituído pelo bafo quente que vinha da rua. Uma miscelânea de cheiros carregava o ar e junto com calor tipicamente nordestino lhe causou torpor. Sem conseguir discriminar de onde, de que ou de quem vinham os odores, sentiu vontade de fugir novamente.

Pôs-se a andar mais depressa, mas logo se viu impedido. Ambulantes, mendigos, prostitutas, meninos e carroças tomavam seu espaço de passagem e o faziam inerte. Com muito esforço, chegou até o carro. Antes de dar a partida, ligou o ar condicionado. Novamente o ar fresco lhe banhou o rosto. Mas algo de diferente se deu. As têmporas já não carregavam a rubra expressão da exposição ao sol, mas persistia nele o calor dos encontros que essa caminhada fugidia lhe propiciara. Sentiu vontade de abandonar o conforto do carro e se por novamente a caminhar a esmo. A única pergunta que agora lhe vinha era “Porque não?”.

Uma frase, apenas duas palavras e um sinal de pontuação. Mas não um ponto. Uma interrogação, aparentemente igual a todas as outras que se fizera antes. Aparentemente. Esse “Porque não?” tinha algo diferente: ele não compunha uma interrogativa cujas respostas pudessem ser serializadas, havia tantas respostas para ele quantos modos de perguntar. Também não se tratava de um jogo binário de respostas, segundo o qual o sim exclui o não. Ou melhor, não se tratava de um “Porque não?” para o qual a única resposta plausível é um “Porque não”.

Ele é de outra ordem, é do registro da possibilidade, do inócuo. Fustiga, instiga e incomoda. E só agora o jovem-pesquisador lembrou-se de um poema, no qual seu autor brincava com a relação entre pensamento e chuva. Dizia o poeta que pensar incomoda como andar à chuva quando o vento cresce e parece que chove mais¹⁴. Talvez fosse aquilo mesmo. Pensar não era algo a que nos submetêssemos para alcançar conforto, mas um vilipendiar-se de bom grado. Porque o que nos traz calmaria e parcimônia não produz nada de novo, já aquilo que nos incomoda, muito pelo contrário, nos move e anima. De novo, fustiga e instiga.

Ele ainda estava em seu carro. Os vidros ainda estavam fechados. Olhou de lado e viu um menino com uma caixa de guloseimas numa das mãos, passeando por entre os passageiros num ônibus. O transporte coletivo para e o menino desce. Ele agora vem em direção ao carro. O jovem-motorista-pesquisador por um momento esquece daquilo em que estava pensando, tem a atenção voltada para aquele moleque maltrapilho, de bermuda bege de lodo e chinelo de

dedo, parado diante da porta. Ainda com a caixa de doces numa das mãos, os dedos cerrados da outra batem o vidro do carro. Nem era preciso perguntar o que ele queria. Já os tinha visto aos montes nas ruas, avenidas e ônibus. Meninos de rua, pedindo e cheirando, vendendo e cheirando. Ele baixou o vidro o suficiente para soltar um não, mas foi impedido por uma surpreendente vontade de conversar com o menino. Novamente ele, novamente o “porque não?”.

E assim fez. Puseram-se a conversar e ele descobriu que havia um mundo para além do “senhores passageiros e passageiras, em primeiro lugar um boa tarde...” Soube das belezas que há na rua, as quais ele nunca supusera. Soube de sonhos e fantasias que povoam as cabeças infantis de meninos tornados homens pela vida. Soube que são eles, sonhos e fantasias, ótimos aquecedores para noites de frio e relento. Descobriu que não são necessários três para se ter uma família e que, às vezes ela pode ser sinônima de tristeza, mas também soube de famílias que têm apenas a si e se bastam. E ao saber de todas aquelas coisas, por um momento esqueceu a má impressão que se tem daquelas criaturazinhas. A paradoxal fraqueza e força de suas vidas em quase nada se assemelhava ao julgamento moral do qual são alvos, quase sempre se referindo a eles como protótipos de marginais.

O jovem-pesquisador riu de si mesmo e dos outros. Deu-se conta que talvez fosse isso mesmo. Aqueles eram pequenos exemplares da contravenção. Assim como o são os presos que fabricam a fuga a partir dos retalhos imundos de um lençol qualquer. Não teve receio em associar crianças e presos, pois viu que as histórias dos guris eram a “teresa” de suas vidas. Emendam e remendam seus retalhos de vida, como modo de escapar e resistir às suas angústias. Fabulam a própria vida, como forma de vivê-la.

Viu alguma beleza naquilo e teve a ideia de retornar ao campus e escrever sobre aquela experiência. Mas ficou ressabiado em voltar ao ar artificial de seu carro. Decidiu viajar com os vidros abaixados. Achou que talvez lhe fizesse bem sentir o vento no rosto... Por que não? Era pouco mais de sete da noite na capital sergipana. Horário complicado para quem pega a Avenida Desembargador Maynard, em direção ao Campus Universitário. O trânsito ali emperra de um jeito que nos faz esquecer da pequenezza de Aracaju. Enquanto os carros se enfileiram “colorindo” o espaço com o vermelho dos faróis traseiros, o semáforo parece convidado a entrar nesse desfile monocromático e fecha. No banco de um desses veículos, nosso jovem pesquisador observa os painéis que rotulam a cidade como “capital da qualidade de vida”. É quando do carro ao lado o seu se aproxima um homem alto e magro. Ele tem em

suas mãos um rodo e uma garrafa com água. Faz um gesto para o motorista, como quem gostaria de perguntar algo, mas a resposta vem antes de seu enunciado, na forma de uma negação. O vidro do carro está levantado. Um tipo de relação estranha se estabelece ali: duas pessoas, uma fora e a outra dentro do carro, pareceram se comunicar. Observando aquilo, e habituado que já estava a perguntar sem receios, o jovem-pesquisador-motorista ficou em dúvida se era possível a duas pessoas conversarem de vidros fechados. Acrescentou aquele incômodo às coisas que escreveria, quando chegasse de volta à sala refrigerada.

Elaborou notações mentalmente. Ocorreram-lhe introduções, parágrafos e citações de autores. Fez menção de pegar um caderninho no banco ao lado, aproveitando o vermelho do farol. Foi quando lembrou novamente do que lhe dissera a professora de metodologia sobre a necessidade de discriminar cada autor que fala em cada passagem do texto. Compreendeu que essa lógica de produção de conhecimento tinha sua utilidade e finalidade e que não lhe cabia julgar seu mérito. Do mesmo modo, soube das amarras que sustentam esse discurso e que são muito maiores do que a inclinação pessoal de sua professora: era ela quem falava, mas mergulhada num jogo de produção de verdade que perpassava seu modo de agir e pensar, assim como faz com quaisquer outros pesquisadores. Compreendeu também que isso dizia de um modo de operar em muito atrelado à necessidade de afirmação legal do conhecimento, conforme um modelo de ciência em que há muito pouco espaço para a invenção¹⁵.

Até em razão disso, soube da necessidade premente de questionar e problematizar esse modelo, para a partir disso, saber apostar noutras possibilidades e outros usos. Quem fala, não fala de um lugar puro, incólume a tudo mais. Quem fala está dissolvido entre dizeres e, sendo por um golpe de puro acaso ouvido. De nada servem autores sem seus leitores para lhes dar vida¹⁶. E vida particular, própria, segundo o modo como o apreendem e anunciam. Mas um lampejo lhe anunciou outra leitura do que a professora a todos repetia: não era apenas de autoria que ela falava. Era também e, principalmente, da produção de docilidades. Da vontade inoperante, que nada produz e a tudo se acostuma. Lembrou-se da definição que outro pensador dava a isso: Representação era o nome¹⁷. Tornar presente de novo, o significado. Seu objetivo? Criar e sustentar verdades. Estabelecer modos de viver e estar no mundo desde sempre e para sempre (assim dizem) reconhecidos como melhores ou únicos. Inclusive modos de pesquisar...

Mas preferiu não se ressentir contra ela. Preferiu afirmar a positividade da escolha que havia feito e a qual sequer tivera notado até então. Era ele há muito movido por certos

incômodos em forma de pergunta. Se somente agora um “Porque não?” lhe surgira, ele desde muito aos modos usais de proceder no trato com a vida interpelava. E juntando os incômodos de há tantos anos, ficou feliz em saber que à professoral disciplina do saber ele resistia desde muito. E assim descobriu-se empenhado num tipo de escrita partidária de um quadro de referência não representacional e não científico, que

...não apenas se recusaria a falar em nome das coisas, mas se devotaria a problematizar o que delas se diz, conferindo-lhes uma razão singular, insuspeita – importando apenas o efeito de desconstrução dos regimes de verdade que tal investida opera, e não sua obstinação por verossimilhança ou autenticidade. Tal modo de escrita desdobrar-se-ia no registro de uma palavra-coisa que não se oferece à dissecação, ao crivo reflexivo do já visto, às amarras do já consagrado, à padronização intelectiva perpetrada pela camisa-de-força da obrigação de descrever a *verdade* das coisas (Groppa, 2011, p. 648).

Daí não conseguir encontrar-se naquela função-pesquisador “tradicional”. Seu fazer parecia falar do contrário: da vontade de sentir-se também parte daquilo que produzia, de reconhecer em cada coisa ao seu redor as marcas de seu toque, simultâneo ao sentir-se também efeito de vários toques, riscos e rabiscos: pondo-se entre os ditos, reelaborando os enunciados. Bons encontros era o que seu fazer-pesquisa promulgava. E diluído nesse fazer, reconhecer o procedimento de pesquisa como construção/invenção de caminhos, abandonando a qualquer momento certas vias, para compor outras.

Uma concepção de produção de conhecimento segundo a qual, ao contrário de anunciar resultados de forma isenta e imparcial, aparece como componente fundamental da prática de pesquisa certa relação político-afetiva, voltada para o questionamento de como temos nos ocupado de produzir e reificar alguns modos de ser e estar no mundo, para daí buscar práticas que rompam com isso. De se abandonar qualquer certeza teórico-metodológica para se reconhecer, ao mesmo tempo, como ferramentas para a positivação de exclusões ou existências.

Pela primeira vez pode substantivar-se pesquisador. Mas, preferiu (e sem receios) adotar um artigo indefinido como seu escudeiro. Até ali comprehendeu sua premência de abandono das certezas. Tornou-se, segundo o que acreditava, um pesquisador para quem qualquer resposta não contempla todos os sentidos apreendidos pela experiência. Porque tão importante quanto responder sobre o que (ou como) ele tem produzido saber, é o sentido

dessa produção. Tão importante quanto aquilo que anuncia como resposta ou resultado é aquilo que despreza deles ou as perguntas que disso se seguem.

UMA FUNÇÃO-PSICÓLOGO E UMA EXPERIÊNCIA FEITA CAMPO

Foram essas suas experiências e experimentações que o conduziram à pesquisa que se apresenta. Dentro desse circuito, esse trabalho resulta de inquietações nutridas durante o período em que atuei como componente da equipe técnica de um dos dois Centros de Referência em Assistência Social do município de Poço Redondo, estado de Sergipe. Foram seis meses, três dias por semana, acompanhando famílias em situação de vulnerabilidade social, realizando visitas domiciliares e participando das atividades dos grupos de convivência (grupo de idosos e crianças do Programa de Erradicação do Trabalho Infantil – PETI). Durante esse tempo, tive acesso a muitas histórias do lugar e das pessoas que nele moram ou moraram, seja desempenhando a função técnica de psicólogo, sejam em conversas informais com moradores e usuários do serviço.

O CRAS em questão localiza-se no povoado Santa Rosa do Ermírio. Esse é um dos maiores povoado de Sergipe, com mais ou menos nove mil habitantes, localizado no município de Poço Redondo, Alto Sertão Sergipano. Notadamente reconhecido por sua importância econômica para a região, esse povoado se destaca na pecuária, principalmente do leite, sendo considerado por muitos como a maior bacia leiteira de Sergipe. Já chegou a produzir 50 mil litros de leite por dia, mas os longos períodos de estiagem provocam quedas significativas na produção. Além disso, o “ouro branco” não enriquece a todos. Em sua maioria, a população vive da agricultura de subsistência de milho e feijão, principalmente. Ainda assim, também essa fonte de subsistência mostra-se comprometida pelo período longo sem chuvas e pelo paulatino processo de desertificação por que a região tem passado (Vieira, 2000). Essa situação faz com que, tanto em Santa Rosa como em outros povoados próximos a ela, seja forte a presença dos programas de transferência de renda do Governo Federal, especialmente o Programa Bolsa Família.

Eram as famílias atendidas por esses programas as que mais demandavam os serviços do Centro de Referência em Assistência Social. Além de Santa Rosa, também eram atendidos povoados vizinhos. Grande parte desses povoados tinha sua formação também relacionada a conquistas sociais: muitos eram povoações surgidas depois da explosão de assentamentos rurais, a partir de meados da década de 1990. Um vertiginoso processo de reforma agrária deu origem a mais de trinta projetos de assentamentos em Poço Redondo, buscando reverter

parte da histórica concentração de terras por grandes latifundiários que usavam as terras como pastagem para o gado. Surgiu daí comunidades como Flor da Serra, Queimada da Pureza, Salitrado e outras. As histórias das Severinas são histórias de mulheres dessas localidades, acessadas a partir do lugar institucional que ocupei (ou graças a ele) enquanto estive na equipe técnica do CRAS responsável pelo “atendimento” a essas localidades.

Outro exemplo de comunidade surgida a partir da mobilização social é a Comunidade Quilombola da Serra da Guia. Localizada na parte Sudoeste do município, a povoação fica ao pé da Serra da Guia, ponto mais alto do estado de Sergipe, divisa com a Bahia. Lá vivem 68 famílias remanescentes de quilombos. A ocupação do lugar remonta há alguns séculos e teria sido iniciada na parte íngreme da serra. Algum tempo depois, as pessoas passaram a se estabelecer no vale. Segundo Santos (2002), porém, mesmo havendo esse deslocamento, o contato regular dos habitantes do vale com a serra permaneceu, através do costume de enterrar os mortos em um pequeno cemitério localizado na parte mais alta da serra. A peregrinação ao local acabou virando uma tradição que persiste ainda hoje.

Já o reconhecimento da comunidade é recente. Foi apenas em agosto de 2004 que a Fundação Cultural Palmares a referenciou como antigo quilombo, afirmando a existência de seus antepassados nas terras que hoje ocupam. De acordo com Sebastião (2007), os indícios de que a região correspondia a um quilombo são claras e podem ser encontrados tanto na parte baixa, como na região mais alta. No caminho do topo da serra, por exemplo, há construções antigas de casas de farinhas, de porteiras e cercas, fragmentos de telhas e árvores frutíferas plantadas no local. Além de outros elementos indicativos da possibilidade de a localidade ser remanescente de quilombos. Some-se a isso o acesso difícil à região, algo apontado como muito favorável à formação de um quilombo.

Hoje, as quase sete dúzias de famílias moram num conjunto habitacional construído pelo Governo Federal. As poucas ruas são pavimentadas, mas esse é uma das poucas benesses do lugar. Não há, por exemplo, esgotamento sanitário, tratamento do lixo ou água encanada. A água das chuvas, acumuladas nas cisternas, é insuficiente para a demanda de consumo. As famílias são normalmente numerosas e, do mesmo modo que em outras áreas próximas à Santa Rosa, em sua maioria, extremamente pobres. Os poucos recursos são oriundos das roças de feijão e milho ou dos benefícios federais.

Além disso, o isolamento do lugar dificulta o acesso dos moradores a maioria dos serviços públicos. Isso se percebe, por exemplo, no alto índice de gravidez na adolescência e

na falta de higiene das crianças. As perspectivas de trabalho barram no considerável número de pessoas que não sabem ler e escrever e se restringem quase que unicamente ao trabalho braçal nas roças. Há uns poucos moradores que também trabalham com a confecção de vassouras e cestos feitos com a palha do urucizeiro, planta muito comum na região.

Nesse quadro de pauperização social e econômica, a possibilidade de ir trabalhar, mesmo que tão longe, juntar algum dinheiro e retornar algum tempo depois, aparece como sendo muito atrativa. Tanto que os homens acabam abrindo mão das próprias famílias para fazê-lo. Muitos deles enviam remessas frequentes e é desse dinheiro que provem todo ou grande parte do sustento. Por outro lado, é de se crer que para as firmas essa realidade dos homens de Santa Rosa e adjacências também parece os tornar muito atrativos como mão-de-obra. São pobres, nordestinos, com pouca instrução, aparentemente sem muitas perspectivas e, por isso – assim devem crer as firmas, em muito apoiado no discurso midiático e no imaginário daquele Nordeste como terra devastada e de poucas possibilidades – mais suscetíveis à docilização. Esfacelar as referências dos homens, fazendo-os unicamente voltados para a atividade produtiva, torna-se um jeito de garantir que ajam de acordo (FOUCAULT, 1997).

Nesse contexto, o trabalho do psicólogo pode ser definido segundo algumas nuances. Uma delas, aquela que encontra respaldo na necessidade de “garantia dos direitos”, afirma a atuação do psicólogo e dos demais componentes do Centro de Referência como voltados a inserir socialmente pessoas em situação de vulnerabilidade social, de lhes permitir o acesso a serviços e possibilitar o convívio e a interação social. Uma outra, a dessa atuação praticamente não se pautar pela escuta individual, fechada no consultório de atendimento, mas busca compreender os arranjos que compõem e interferem na vida daqueles que demanda o serviço, tentando, a partir daí, ajudá-los na compreensão e/ou alteração de sua realidade social. Uma clínica do social, digamos, baseada na ideia de que a subjetividade não se funda num núcleo individual, mas é imanente a um campo social entrecortado por linhas de virtualidade, de situações, acontecimentos.

Um aglomerado de forças que emergem, se configuram e reconfiguram nos encontros e relações que esse sujeito estabelece em sua vida¹⁸. E, desse modo, expande-se o olhar para além dos consultórios, dos *settings* convencionais: “Temos a oportunidade de estabelecer muitos olhares, muitas conexões, muitas redes. Temos a oportunidade de trabalhar com a vida, não com o pobre, o pouco, o menos. Temos o dever de devolver para a sociedade a

contradição, quando muitos não usufruem de um lugar de cidadania, que deveria ser garantido”¹⁹.

Por outro lado, também o psicólogo é convidado a se perguntar sobre o seu fazer, inquirindo-se a todo instante a respeito das decisões que toma, dos caminhos pelos quais opta e daquilo que põe fora de relação, quando o faz. Mas esse perguntar nãoverte necessariamente para a obtenção de resposta ou reafirmação de uma verdade. Embora não se negue a responder os questionamentos que lança, seu objetivo maior é produzir certa afetação que nos motive a outras e novas perguntas, inclusive abandonando vias já sedimentadas ou recorrendo a outros meios de inquirir-se. Por exemplo, fazendo de sua função um campo de estudo. E é por essa opção que aquilo que era um ofício orientado pelos preceitos acima, torna-se um campo de pesquisa, conforme a mesma postura teórico-metodológica.

Temos, portanto, um duplo jogo de papéis e interesses. O primeiro deles, o da atuação de um profissional de psicologia, voltado ao atendimento das demandas e que, por elas, estabelece aproximação com a dinâmica do lugar e de suas gentes. Nesse nível, convive-se com as contradições e o limite estreito entre o poder institucional que o cargo sugere, as verdades que o sustentam e aquelas nós mesmos sustentamos. E um segundo movimento, concomitante ao primeiro, que se afirmaria tentativa de supressão ao menos parcial desse lugar institucional, servindo-se como um processo de “estranhamento”²⁰, das ocupações e rotinas. Nele, saímos dos lugares instituídos de escuta e a eles retornamos, em busca de outros prismas e outros modos de problematizar a história das mulheres. E modo algum se trata, porém, de buscar um tipo de assepsia daqueles olhares *psi*, ou da promulgação de um olhar mais verdadeiro ou autêntico de pesquisador a respeito daquilo que agora se denomina campo de pesquisa. Bem se sabe que esse tipo de movimento é impossível, simplesmente pela inexistência daquela figura do pesquisador “neutro”. Os discursos nos atravessam a despeito de nosso querer, de maneira que todos nós temos instantes de policiamento e expropriação da vida.

O que se apresenta é, pelo contrário, o reconhecimento desse lugar de limite e contradição, tanto do psicólogo, como do pesquisador. E a partir desse reconhecimento, juntar um ao outro fazer, crente na premência em desfazê-los e refazê-los, do mesmo modo que se pondo disposto a problematizar os infindáveis atravessamentos que findam esse trabalho. Não se trata, portanto, de desvestir-se de um e vestir-se de outro, mas, de fazer deles os retalhos com que se vão tecendo e destecendo a pesquisa e nós mesmos. Enfim, talvez pudéssemos

pensar à maneira de Deleuze Parnet (1998) e firmar esse posicionamento como uma questão de “estilo”, de torsão e embaralhamento das práticas e das verdades que as sustem, para daí fazer soerguerem-se novas possibilidades de entendimento e relação com a vida e com seus viventes.

Exercício importante que, acima de tudo, age contra a possibilidade de engessamento da vida ou de acabarmos nos acreditando possuidores da verdade sobre a história daqueles homens e mulheres, instaurarmos ali um registro que não ouve mais do que aquilo que queremos ouvir. Contra essa “escuta surda” (Baptista, 1999), esse estranhamento talvez sirva para nos interpelar a respeito da diversidade e promulga a indignação contra a cristalização em torno da vida. Trata-se de um modo de produzir conhecimento que, por meio da constante análise de como tem se dado e daquilo que tem sido posto fora dessa relação, joga contra o perigo de nós pesquisadores sermos também co-agentes de uma maquinaria que se quer produtora de corpos de lugar nenhum, sem rostos, sem voz, amorfos, sem ação (Baptista, 2000).

Como visto, esse modo de entendimento da pesquisa e da prática profissional nos apresentou uma situação de pobreza que parecia encontrar resonância nos modos de vida do lugar, especialmente na, ainda, extremamente forte imagem patriarcal de família, na submissão das mulheres e filhos à figura do pai, ou no papel subalterno das mulheres, de modo geral, aos homens. Pode ser pretensão afirmá-lo, mas cremos que aqui resida um dos motivos de saída de tantos para as firmas: é o preço que se paga por ser o homem. Ou seja, também a eles esse machismo se fazia sentir, na obrigatoriedade de admitir seu papel de provedor do sustento e de ‘cabeça’ da família. Mas e as mulheres, qual a parte que lhes cabe nessa conta?

Pois então, a elas resta o papel duplo e contraditório de estar sob jugo de um homem nem sempre presente fisicamente e, ao mesmo tempo, de tê-lo que substituir naquilo que a vida passa a lhes exigir depois da ida dos maridos, irmão e filhos para as firmas. Um claro exemplo disso é o que é feito de muito do dinheiro enviado pelo “homem da casa”. Na sua ausência, é a mulher quem investe o montante na compra de algum animal, fazendo agiotagem, guardando para juntar. Ou seja, ela desempenha funções que não tinha. Por outro lado, essas decisões não passam senão sem a anuência ou conhecimento do homem.

Por fim, é importante deixar claro que essa anuência/conhecimento marca um modo de relação com a vida para as mulheres, mas não é exclusivo ou único. Diria mesmo que essa

relação sequer é a essencial/fundamental dessas existências. O que se pretende demarcar como mais importante é certa afirmação positiva das Severinas, seja no enfrentamento que dão às mudanças inauguradas por esses novos tempos sertanejos, seja nos modos como se posicionam diante de aspectos sócio-históricos que ainda se mantém reificados naquele peculiar rincão brasileiro.

¹³ Bruno Latour (2003).

¹⁴ *O guardador de rebanhos*, de Alberto Caeiro (1946), homônimo de Fernando Pessoa.

¹⁵ Kastrup (1999).

¹⁶ Foucault (2001).

¹⁷ Deleuze (2006).

¹⁸ Deleuze e Parnet (1998)

¹⁹ CREPOP (2007).

²⁰ “Estranhar” aqui é mencionado no sentido etnográfico como o duplo jogo entre se desarmar das ideias que temos a respeito do campo e, ao mesmo tempo, de não as descartarmos pelo fato de estar em contato com outra cultura e outras explicações. Segundo Magnani (2009), “essa copresença, a atenção em ambas é que acaba provocando a possibilidade de uma solução não prevista, um olhar descentrado, uma saída inesperada.” (p. 134).



MISSIVAS SEVERINAS

Madrugada no Sergipe. A luz que invade as frestas de uma janela dão indícios de uma manhã ensolarada. Trôpego de sono, ele levanta. Rememora coisas do dia anterior e mal diz a ocupação que escolheu. A cara amassada enfrenta seu reflexo no espelho, interditada por um e outro esfregão nos olhos. O corpo pede mais repouso, mas ele sabe não ser mais possível. É hora de levantar e ir. Põe o necessário na surrada mochila e sai. Num curioso cálculo mental imagina de quantos minutos de sono poderá dispor durante a viagem. Desconta o tempo em que será quase compungido a participar passivamente de fragmentos da vida alheia: o reality show de todos os dias, a rodada do futebol, a briga dos amantes e a reforma da casa. Pensa como seria bom entrar no ônibus e apenas dormir. Mas sabe que não será tão simples assim.

Então decide por outro recurso. Acorda consigo mesmo que não dormirá. Usará a viagem para pensar sobre alguma coisa. Achava que fazendo isso talvez os restos de cansaço dos dias anteriores lhe tomassem de assalto e pudesse sucumbir, mesmo com o barulho, mesmo com o banco duro, mesmo com a luz do sol e o arrocha no som do carro. Pois bem, mas pensar o quê? Lembrava-se de ter lido certa vez que um pensamento é coisa muito rara, alcançado à custa de certa violência e de muita insatisfação²¹. Não recordava muito bem as palavras, mas tinha decantada a ideia de que um pensamento era algo bem diferente daquilo que habitualmente as pessoas consideravam. Ele não entendia o que isso queria dizer. E não mostrou muito esforço para comprehendê-lo agora. Na verdade, nesse mesmo instante, um sujeito sentou no banco ao lado e, sem quê nem pra quê, pôs-se a conversar com ele. Talvez por ter considerada cansativa demais a tribulação filosófica que precipitara há pouco, decidiu dar ouvidos ao homem.

Por bem ou por mal, calhou que a conversa lhe atraiu a atenção. Basicamente, o homem falava coisas a respeito de uma terra distante. Histórias do lugar e de suas gentes. Um lugar que nosso agora desperto viajante ouvira falar desde a infância, mas que nem mesmo sabia onde ficava. A imagem que tinha fora alimentada por histórias de fome, tragédia e precariedade. Mas também sabia de lá como um lugar de tradições, persistência e força. E era mais ou menos sobre isso que conversavam. Não que as histórias fossem algo de maravilhoso, muito pelo contrário. Eram até risíveis de tão comuns. Mas, ligado que sempre foi às sutilezas da vida ordinária, as tais histórias lhe despertavam um, por assim dizer, interessante interesse. E aquilo lhe roubara o sono e aguçara a audição. E embora aquela não fosse uma situação confortável – ele sabia que deveria dormir, já não conseguia parar de ouvir o senhor ao seu

lado. As histórias falavam de como as pessoas daquele lugar distante viviam e conviviam. Também falavam de outras tantas pessoas que, embora fossem do lugar, segundo lhe pareceu, haviam saído em busca de “uma vida melhor”. E no entremeio entre os que vão e os que ficam, palavras como solidão, saudade e choro apareciam na conversa e nas vidas do longínquo lugar quase que grudadas a outras como força, família e coragem.

Nas mãos, o homem trazia uma pasta de couro surrada pelo uso. Depois de algum tempo que não é preciso discriminhar, porque se passou com que ao inverso da hermética do relógio, ele a abriu e de lá retirou um imenso chumaço de papeis amarelados. Indiscriminadamente, pôs sob o colo as coisas que ia retirando da velha pasta e para cada uma ia atribuindo fragmentos de memórias do lugar e das gentes que narrava: um desenho ainda por terminar, bilhetes de passagem, anotações de dívidas, uma letra de música (ou será um poema?), um ofício com timbre da justiça, descrições de plantas e bichos e um velho caderninho. A maioria das coisas o jovem viajante sequer fez menção de conferir. Quanto ao bloco de papel preso com uma espiral de metal, folheou algumas páginas muito rapidamente sem mostrar interesse, enquanto o velho continuava a prosear histórias daquele sertão que agora lhe parecia até bem próximo.

Seus olhos rápidos, porém, se aperceberam de uns poucos detalhes. Viu, por exemplo, que nalgumas das páginas o caderno tomava ares de livro de causos sertanejos (talvez alguns dos que o velho tinha contado na viagem estivessem ali). E, de quando em quando, aparecia entre um conto e outro o rascunho de cartas. Folheando rápido, viu que as cartas eram sempre endereçadas a um Severino e sempre enviadas por uma Severina. Fez menção de querer saber mais sobre quem eram esses tais sertanejos Severinos, mas não pode: o tempo que se seguiu rápido fez o ônibus chegar ligeiro. O terminal rodoviário se agigantando à frente e o velho homem já de pé ao seu lado principiavam uma despedida.

Ambos os homens desceram e, da mesma maneira que sentara ao seu lado no início da viagem, o mais velho, sem quê, nem pra quê, ao invés de uma despedida, ofereceu a valise como presente. Contra a recusa, argumentou que a viagem o tinha ensinado a utilidade de não guardar apenas para si aquelas lembranças e que talvez o jovem pudesse dar algum uso a elas – como fez ele ao contar coisas daquele lugar. Talvez quisesse recompensar o jovem por lhe ouvir durante todo o tempo de viagem, algo a um tempo que a experiência de ouvir não encontra ressonância. Ainda relutante, o jovem viajante acabou aceitando o insólito presente, embora estivesse convencido que não saberia o que fazer (ou como se desfazer) dele. Depois

disso, cada um seguiu para um dos lados e se perderam entre pessoas e ônibus que ocupavam o terminal.

Nunca mais encontrou o velho viajante, a quem passou a se referir com um amigo. Ficaram apenas as algumas poucas imagens das coisas que ouvira dele e aquilo que pode ler e narrar de seus ditos escritos. Algumas delas, digo novamente, mesmo risíveis, ainda são contadas por ele nas viagens diárias que continua fazendo...

PRIMEIRAS MISSIVAS

– Anunciação –

O gado berra no velho curral. As duas ou três vidas famigeram qualquer alimento que lhes sacie o vazio. Os animais salivam como quem anseia e imagina o gosto do alimento que está amontoado num canto. A vida segue o rumo da seca, com seu torpor lancinante. A família reunida, não vê jeito de por fim ao sofrimento das rezes. As notícias da TV dizem que aquela é a pior estiagem dos últimos 30, 40, 50 anos²². Gado e gente parecem concordar que a miséria sertaneja, mensurada em décadas, é bem menor que a dura vida experienciada na pequenez dos instantes. A notícia entristece um pouco mais a vida, mas não lhe sufraga por inteiro. O homem se levanta em direção ao alpendre da casa, onde a pilha de palma²³ o espera para ser picada. Enquanto isso, a mulher, também levantada, apanha sua vassoura. O tempo está quente, o sertão está seco e a vida continua.

Já no quintal de terra branca, a mulher varre o chão arrasado. A poeira que sobe lhe penetra os olhos e se mistura com os pensamentos. Não sabe se é a poeira ou os pensamentos, mas é tomada por uma ridícula vontade de chorar. Varre o quintal com os olhos rasos, e como quem diz para si mesma que está cometendo injúria, enxuga o rosto com o pano que traz amarrado à cintura. A lágrima some como quase toda a água do lugar tem sumido. Os pensamentos não. Eles teimam em povoar sua mente, mesmo depois de assentada a poeira.

Por onde andará Severino? Pergunta como se houvesse mais alguém para lhe responder. Um pressentimento lhe anuncia que alguma coisa de ruim deveras aconteceu ou está em via de acontecer com o filho. “Por onde andará Severino?”, se pergunta novamente. A resposta, tão óbvia, parece não pôr fim à angústia da senhora. Severino foi para a vida, foi ganhar dinheiro. Se fazer bicho-homem pelo mundo. Não é suficiente que o diga uma vez. Repete consigo. Foi para a vida, se fazer homem. Um suspiro lhe enche o peito, mas não preenche o vazio.

Pensa na morte. Teme morrer sem nunca mais poder rever a cria. Ou pior, se morresse, esse seria o fim lógico da vida. Vão-se os pais, ficam os filhos. Pior mesmo é saber que o filho está aí pelo mundo, metido em greve, manifestação e o diabo a quatro. Saber que, numa dessas, a peãozada entra em conflito, caça briga e sobra às vezes até para quem não tinha nada com isso. Aí, pensa consigo, a lógica da vida se quebra e é uma mãe que terá que chorar a morte de um filho. É a vida! Sentencia. É a vida ausente de lógica e um filho ausente em vida.

A velha varre mais depressa, ignorando o cansaço. Parece querer afastar as ideias que povoam sua cabeça. Acaba ajudada pelo zunido de pessoas conversando. Consegue identificar

a voz rouca e dissonante do marido. O velho sertanejo balbucia algo com outra pessoa que Severina não sabe precisar quem seja. Não que devesse atentar para isso como algo que denote importância, afinal de contas o que não falta é gente passando pra lá e pra cá, rodagem à fora, buscando água, tangendo gado, e, de quando em quando, parando para prosear.

Mesmo sem ligar o som à figura, a velha estranha a voz que ouve. A polidez da palavra, o ritmo demarcado e macio da fala denuncia aquele como um sujeito de outras paragens. Um calafrio persegue o corpo surrado pelo tempo e pelo lugar. Severina se lembra do Banco, de como são “amigos” para emprestar e de como são terríveis para reaver o dinheiro. A mulher abandona definitivamente a vassoura no canto da porta dos fundos, desamarra o avental que lhe serviu para enxugar o rosto molhado de suor e lágrima e segue com seus passos cambaleantes para o alpendre. Manda a boa educação que vá ver de quem se trata, que ofereça um algo para beber ou, ao menos, paragem contra o Sol tinhoso.

Lá fora, o homem polido quase se perde por entre as folhas de papel que, mesmo presas por baixo dos braços, voam açoitadas por um inesperado e bem vindo vento. A brisa quebra o mormaço e ajuda a disfarçar o suor excessivo do rosto. Dona Severina, já na porta, depois de cumprir o ritual que prenunciava necessário, passa a ouvir a prosa entre os dois homens. O homem não era do Banco. O rosto de alívio da mulher contrasta com a realidade do lugar. O homem não era do Banco, mas parecia ter a mesma capacidade de seduzir com palavras. Vinha de muito longe, de lugar também muito quente, porém de maior fartura. Andou dias até chegar ali. Como quase todos que chegavam ao lugar, não veio a passeio.

Andava de canto em canto desse sertão oferecendo seus serviços. Um serviço estranho aos dias de hoje, era da comunicação, da informação, celulares e internet. Estranho até mesmo para aquele lugar. Ainda assim, resistia em seu pelejar. Dizia não procurar dinheiro, nem facilidade, mas alargar algo que definia como o infinito caleidoscópio de vidas que somos. Sentia que, em sua estranha labuta, tinha a chance de encontrar a cada vez e em cada paragem mais um jeito humano de se fazer gente no mundo. E se apegando a essa vontade de se encontrar com esse mundo, tinha há anos se afirmava perdido nele.

A velha ouvia o homem falar. A testa enrugada pelo tempo pareceu ganhar mais uma dobra – essa de uma aparente impaciência ou descrédito. E como não podia mais ouvir, decidiu participar da conversa: “O moço me desculpe ser enxerida, mas, se todo mundo hoje em dia tem celular. Se todo mundo tem como botar carrego e pode falar com o mundo todo na

hora que quiser, até agorinha mesmo, pra quê é que eu vou querer escrever uma carta pra um parente meu lá longe e ficar esperando um sem número de dia para ter resposta?".

A pergunta não surpreende de todo. O homem já tinha ouvido algo semelhante outras vezes. Um letrado certa vez o inquiriu a esse respeito, mas de forma ainda mais detalhadas que a senhora. Não lembrava agora se professor ou doutor, mas lembrava de suas palavras: Porque mandar uma carta se se pode falar com qualquer número a vinte e cinco centavos o minuto, ou posso comprar uma recarga de R\$ 12 e ganhar outros R\$ 500 de bônus? Ou posso ter telefone fixo, celular e internet banda larga por um precinho camarada e falar com quem quiser, quando e onde eu quiser?

Assim como fez com o homem de ciências, o homem das folhas solapadas pelo vento apenas consentiu com a cabeça para a senhora. Achava mesmo que eles tinham alguma razão. A onda de rádio é mais rápido que o correio. A mensagem de texto é mais rápida que o desenho meticoloso e humano da caneta. As tragédias são mais rápidas que o tempo que dispomos para noticiá-las. Mesmo concordando, não conseguia afastar de si certa desconfiança nessa necessidade de rapidez. Por isso costumava contra-argumentar que a ligeireza também produzia atropelamentos e que muitas das vezes é preciso calma e tempo para se dizer o que se quer dizer sem que fique parecendo que a gente disse o oposto do que pretendia de fato.

Por outro lado, suas andanças o haviam ensinado que a astúcia é a ferramenta primeira de quem não quer se deixar apreender. E todo aquele que é astuto é, antes de qualquer coisa, rápido. Está atendo ao seu redor e, caminhando com a incerteza do passo seguinte, sabe que o rebento pode se dar a qualquer instante. Oxe! Então, havia dois tipos de rapidez? Aquele que baliza o progresso do homem segundo a demarcação do cronômetro e aquele que o põe em movimento ante as engrenagens da vida? Podia ser. E, quase contradizendo o que dissera há pouco, mas sem se constranger com isso, atinou que até mesmo a escrita obedecia a essa dupla velocidade. Sim, havia uma escrita da pressa, que se quer mais afeita à velocidade do que ao dizer, mas também há outra, rápida em seu dizer, de maneira que diga o que quer, fugindo ao risco de ser cooptada. Onde será que se encaixavam as cartas?

Mas isso de encaixar as coisas não algo que muito lhe atraísse. Dizia sempre que nesse seu fazer gostaria de escapar desta atividade fechada, solene, redobrada sobre si mesma, que é a atividade de colocar palavras no papel. Tinha a vontade explícita de que "a escrita fosse um algo que passa, que é jogado assim, que se escreve num canto de mesa, que se dá, que circula,

que poderia ter sido um panfleto, um cartaz, um fragmento de filme, um discurso público, qualquer coisa...”²⁴ Cartas escritas onde as circunstâncias permitissem. Podia ser um banco de madeira, a rede do alpendre ou encostado numa das estacas das tantas cercas sertão a fora. As palavras que lhe eram ditas não tinham tempo de se assentar comodamente e depois se disporem no caderninho. Obedeciam ao acaso, ou aos encontros que ele proporcionasse. Enquanto as apreendia no papel, tentava acompanhar a fala, que se quer desenredada. E é assim que as cartas tinham a pretensão de uma rapidez que se queria, “antes de tudo agilidade, mobilidade, desenvoltura; qualidades essas que se combinam com uma escrita propensa às divagações, a saltar de um assunto para outro, a perder o fio do relato para re-encontrá-lo ao fim de inumeráveis circunlóquios.”²⁵ Até por isso deixava o sujeito (palavra cara!!!) falar o que ou sobre o que quisesse. Quando muito colocava uma vírgula, mas o ponto era sempre de quem ditava. Só tinha a preocupação de depois transcrever do rascunho para outro papel vistoso, porque carta também é documento e, mais que isso, seria enviada para alguém da nossa afição. Merecia um dedo de zelo...

E, por falar em pressa, como que para confirmar o que pensara, isso tudo se passou num instante ligeiro que quase não se pode medir, de modo que, a velha senhora ainda está à sua frente esperando por uma resposta. Antes mesmo de responder à velha, porém, mais uma ou duas coisas lhe ocorreram. Agora começou a perguntar de si para si mesmo, por exemplo, quantas cartas será que se consegue enviar como o mesmo valor de uma recarga ou “carrego”, como preferiu a senhora? E, talvez mais importante, quanto de coisas conseguimos dizer escrevendo que não daria tempo pelo telefone? Ou, ainda mais, quantas coisas simplesmente não conseguimos falar por medo, respeito ou seja lá o que for? Quanto de medo a presença da pessoa às vezes impõe ao outro, de modo que a fala que se queria expressão, se expressa no silêncio? Lembrou-se do sem número de amores denunciados por cartas e, novamente, o outro sem número de tragédias anunciadas por telefonemas. Daí quis saber por que será que cartas de amor eram sempre cartas e telefonemas de tragédias são sempre telefonemas. Talvez a razão do ditado popular estivesse aí: notícia ruim chega rápido. Talvez fosse isso, especulou consigo: O amor não tinha pressa.

Ao menos não ali, naquele pedaço de sertão onde os sentimentos eram conservados na espera. Bem sabia que outros cantos os amores padeciam da mesma carência por velocidade. Como carro ligeiro que some na pista deixando apenas a poeira, se esvaem tão rápido quanto surgem²⁶. Não sabia ainda o homem dos encontros cada vez mais frequentes entre essas duas

realidades, de modo que não compreendeu o arrepio que lhe subiu pela espinha quando pensou consigo mesmo o que aconteceria se esse modo sertanejo de amar se encontrasse com aquele outro. E nem achou jeito de compreender, porque lhe pareceu mais urgente dar resposta à senhora que ainda estava ali. Prometeu voltar alguma vez nesses assuntos de enredamentos amorosos no sertão e no mundo, enquanto se voltava para a mulher que o esperava dizer por que mandar carta para seu filho Severino, que estava longe, lá para os lados do Mato Grosso.

Não sei. Responde finalmente. Desculpe se lhe pareço grosso, mas, de verdade não sei. E se soubesse, também não tenho certeza se teria jeito de dizer. Ando pelo mundo oferecendo meu ofício e apenas isso. Sei que sertão à fora todo mundo tem ao menos um parente solto pelo mundo, inclusive eu. E sei também que nem todo mundo pode falar com esse seu próximo, nem por carta, muito menos por telefone. O que faço é dispor minha mão e o papel para fazê-lo. Um telefone talvez fosse mais apropriado e cômodo para mim, mas também nasci no sertão e, como é do saber da senhora, conforto e comodidade aqui é regalia de uns poucos e até um despropósito para muitos. Ademais, talvez por uma pontinha de egoísmo meu, cada letra escrita é um pedacinho de mundo que ganho. Não que queria abarcar ele todo! Bem sei eu que as forças do mundo todo não cabem em uma só pessoa²⁷. Mas esse é o jeito de ir conhecendo pessoas, lugares e histórias devagarinho, sem pressa nem atropelo e ainda ganhando uns trocados para isso. Porque mandar uma carta? Não sei, mas se a senhora quiser mandar, estou aqui.

A resposta pareceu razoável à velha sertaneja. E, sendo bem franca consigo, achou que aquele dia estava correndo bem triste. A notícia da seca, o gado berrando sedento e com fome, a lembrança de Severino... Sentiu vontade de falar dessas coisas ao filho. De lhe contar como a vida às vezes corria e às vezes parecia parada no tempo do povoado. Mas cadê a menina pra fazer a ligação? E quem garante que o pobre coitado estaria disponível para lhe atender? Àquelas horas devia estar metido no meio do mato, ajudando o mundo de concreto a se erguer. Chamou o homem para dentro, lhe ofereceu novamente água, agora muito menos por obrigação do que boa vontade, e quando já estavam os dois sentados, com um vigor que traia a idade, disse:

“Bote aí...”

Poço Redondo, março de 2011.

Querido filho.

Imagino que seja uma surpresa sem tamanho você estar recebendo essa carta em meu nome. Uma velha como eu, que nunca frequentou escola, claro que não tem condições de escrever nem uma letra sequer. É que apareceu por aqui um moço escrevente e aproveitei pra mandar uma carta também. Só para lhe dizer que, mesmo de longe sua mãe reza para que nada de mal lhe aconteça e pra dizer que estamos todos com muita saudade sua.

Aqui está tudo bem. Seu pai andou meio adoentado, mas nada que você precise se preocupar. Eu também andei tendo uns passamentos, mas acho que é muito mais preocupação do que outra coisa. Outro dia mesmo, lavando os pratos na cantina do trabalho, não sei como, me veio umas tonturas e acabei me cortando com a faca que estava em cima da pia. Já me disseram para entrar com o pedido de aposentadoria, mas acho que se ficasse parada agora seria pior. Teve quem me indicasse até uns remédios calmantes, mas preferi não tomar. Prefiro ocupar minha cabeça com o lote ou com o trabalho do que ficar me empanturando desses remédios. Depois estou aí viciada!

Queria dizer que fico muito orgulhosa de você ter conseguido esse trabalho, de estar ganhando dinheiro aí. Sei que é difícil ficar longe da família e tudo o mais, mas veja você quanta gente queria ter a mesma sorte que a sua. Sair dessa terra sem futuro e hoje estar ganhando salário que muito doutor não ganha. Fico muito feliz de

dizer que um filho meu, nascido nesse sertão brabo conseguiu vencer na vida. Isso até me ajuda a diminuir a falta que você faz em casa.

Não sei se você já sabe que saiu o documento do lote. Agora fica mais fácil pagar a dívida com o Banco, porque se pode dar a terra como garantia. O gerente foi até na rádio para avisar as pessoas dessa facilidade. Disse que a partir dessa semana uma pessoa vai passar de casa em casa, querendo saber quem tem interesse de renegociar. Agora com a papelada em mãos, eu e seu pai já decidimos que vamos tentar renegociar. Não precisa se preocupar com isso também, porque dependendo do que o banco decida talvez a gente nem use aquele dinheiro que havia lhe pedido. Melhor assim, não é meu filho? Pelo menos já é mais um pé-de-meia seu para quando voltar para cá.

Tem mais uma coisa que queria falar com você. Dia desses passou um pessoal por aqui, vindo de viagem da firma. Foi por elas que fiquei sabendo de uma coisa que me deixou meio ressabiada. Disseram que tem muita firma que não está aceitando pessoas daqui de Poço, por causa das confusões que alguns aprontam por aí. Porque algumas turmas tem a mania de provocar greve, quebra-quebra e até morte nos barracões e, por isso, quando o encarregado vai recrutar trabalhador às vezes tem quem diga que não é de Poço Redondo para não correr o risco de não ser fichado. Não sei se você sabe dessas histórias, talvez saiba mais do que eu.

Mas, o que queria dizer é pra ter cuidado. Ver com quem se mete, meu filho. Porque o que não falta é cabra ruim para complicar a vida de gente de bem. Cuidado, Severino, porque nesse mundo a gente não sabe mesmo quem é amigo. Veja com quem anda. E pense na sua família que está aqui. Eu imagino como deve ser difícil ficar aí sozinho

**e o tanto de tentação que não deve aparecer, mas se apegue a Deus,
faça seu trabalho correto e pense nos seus pais que estão aqui.**

**Para terminar, gostaria de lhe desejar uma boa semana de
trabalho. Fico aguardando notícias suas, na esperança de que nos
encontremos em breve. Um beijo de sua mãe.**

Severina

O lhos fixos na rodovia espreitam ansiosos a visão do ônibus Coopertalse²⁸. Duas senhoras, um homem com uma pasta bege e uma mocinha aparentando seus dez ou doze anos esperam aquele que é o único ônibus a fazer viagens regulares para o povoado de Santa Rosa do Ermírio. A penumbra de fim de dia começava a cair e as caronas pareciam ter sumido junto com o sol. As histórias a respeito de um tal tarado, morador das redondezas, arrepiavam mais do que o ventinho frio de final de dia, de modo que a presença do homem de pasta bege servia para tranquilizar as três mulheres. E como era comum de acontecer ali, naquele enferrujado ponto de ônibus no trevo de acesso ao povoado, a conversa entre os futuros passageiros teve como mote inicial as histórias a respeito do tarado. O falatório a respeito de um sujeito magricela, com chapéu de crochê e óculos escuros crescia por ali na mesma proporção do medo que as mulheres tinham de topar com ele. De verdade, de verdade mesmo, sabia-se muito pouco, mas bem se sabe que verdade é coisa muito relativa que só à custa de muito dizer se torna absoluta. Fato é que, de tanto se dizer, o tipinho franzino, de meia idade que ainda morava com os pais acabou se tornando o Tarado Que Morava Na Primeira Casa Depois Do Trevo. E se de ponto em ponto se fazia o conto, as duas mulheres não deixaram por menos e trataram de contribuir com sua parte. Uma jurava tê-lo visto rondando o ponto num dia em que se encontrava sozinha, enquanto a outra praguejava contra a inércia da polícia e das autoridades que, segundo ela, sabiam das presepadas do homem e não demonstravam o menor esforço em preservar a segurança das mulheres de família.

Seja como fosse, fato é que as narrativas do Tarado fizeram aparecer um curioso costume entre os moradores da região. Sempre que alguma mulher da família viajava e tinha que esperar no ponto do trevo, tomou-se por costume algum parente do sexo masculino ir buscá-la de moto. Muitas das vezes o homem encarregado da incumbência chegava antes mesmo da viajante, de maneira a se asseverar que ela não ficasse um segundo sequer sob a iminência do contato com o Tarado Que Morava Na Primeira Casa Depois Do Trevo. Esse não era o caso das três mulheres. A maior parte dos homens da família de Severina estavam nas firmas e os únicos que restavam no povoado ou eram novos ou velhos demais para viajar quase uma hora sobre uma moto. Ainda mais que eram três pessoas para serem carregadas, o que demandaria, portanto, mais de um veículo. Com ou sem Tarado, haviam de esperar.

Aliás, esse verbo era conjugado por Severina com considerável facilidade. Esperar era a coisa que mais fizera nos últimos anos. Por três meses esperava a chuva para a lavoura, todo

dia 1º esperava o dinheiro do Bolsa Família para a comida, vez em quando esperava a menstruação – sinal de menos uma boca para sustentar, agora esperava o ônibus e, quase todo o ano, esperava o marido. Nada demais na sua história. Sua conjugação era em primeira pessoa do plural, coadunava seu esperar com o esperar de outras tantas Severinas que, como ela, esperavam tantos outros Severinos. E de tanta igualdade entre as Severinas esperadeiras, decidiu que melhor mesmo é seguir conselho de mãe, por isso fazia como a velha que misturava esperar com esperança e, ao contrário do que afirmava o filósofo²⁹, guardava nisso o fio de vida que a sustinha: dizia que não morreria enquanto não revisse filhos, netos e genros Severinos.

Severina-filha não tinha pretensão de morrer também e nem se apoquentava em pensar sobre, porque não via nisso muito futuro. Tinha casa para se preocupar, filhos para dar trabalho e roupa suja na bacia lá na casa. Se parasse para pensar em morte, talvez não desse tempo de fazer tudo antes do fim do dia e aí ia ficar com mais coisa para o dia seguinte. Além do mais, se morte é coisa certa, melhor que sofrer é, para variar, esperar.

E nada do Coopertalse! Toda essa conversa tinha enfadado por demais a menina, que agora cochilava no colo da mãe. Essa coisa de esperar, definitivamente, não cai bem aos afoitos e ansiosos corações jovens... Enfim, a noite já havia descido completamente e os únicos lampejos de luz que se via eram dos faróis cortando a rodovia e algumas luzinhas amareladas das casas ao longe. Não que aquilo fosse problema para Severina. Quem está acostumado a andar no sertão à noite bem sabe que escuro é algo que serve mais para proteger do que amedrontar, porque na penumbra mesmo o menor dos bichos se pode passar por gigante, enquanto o mais forte dos homens pode parecer um fulaninho qualquer. O homem de pasta bege concordava com isso. Desde muito jovem tinha ouvido histórias de tocaias sorrateiras de fracos contra poderosos que se davam naquele escuro quase secreto. De onde vinha mesmo, sabia de mortes efetivadas quando a fiação de um poste era cortada ou quando a alma encomendada atravessava a opacidade de uma gruta ou riacho. Isso sem falar nas assombrasões! Lobisomens e mulas-sem-cabeça, tão presente no imaginário nordestino, muitas das vezes não passavam de gente miúda, escondida sabe-se Deus com que finalidade. A respeito disso, tinha visto um vídeo há algum tempo no qual um homem que falava uma língua parecida com a sua dizia coisas sobre seus medos infantis quando criança. Lembrava vagamente dos comentários do homem de língua estranha. Apenas recordavam que, segundo ele, o medo aparece na nossa vida infante quase sempre associado à privação da experiência e

à recusa ao desconhecido³⁰. Talvez a função do claro fosse a de suprir esse medo do escuro, desse desconhecido. Muito atinou até concluir, então, que quem muito teme o escuro vive jogando luz sobre tudo para depois se sentir protegido nas sombras que produz. Pensou também em falar sobre um escritor italiano que encontrara certa vez num boteco e que parecia ter opinião muito semelhante às da mulher sertaneja a respeito do escuro³¹.

Pensou mas não disse, pois foi interrompido pela visão do ônibus que se aproximava. Finalmente ele! Subiram todos. A cara de enfado do motorista parecia anunciar o óbvio: a viagem de pouco mais de uma hora pela estrada de chão seria custosa. Devidamente sentados – até porque pouquíssimas eram as pessoas que se prestavam a retornar de viagem àquela hora, de maneira que quase nenhum assento estava ocupado, as duas mulheres e o homem de pasta bege continuaram conversando, agora iluminados pelas luzes artificiais do veículo. A irmã de Severina quis saber o nome do homem e o que ele fazia por ali, já que, bem se via, não morava nas redondezas. O homem, que a esta hora nem lembrava mais do *ragazzo*, citando um tal Joãozinho, a quem se referia como “amigo” seu, disse que nomes são coisas de pouco valor, se comparadas aos ditos daqueles que os possuem. Para ser bem preciso, porque disso prescinde as alcunhas da ciência, “Nome é retrato, minha palavra é de vez!”³² foram seus dizeres. Ao invés de seu nome, preferia dizer-lhes o que fazia sertão afora, falar da sua desventura mundana de escrever para desconhecidos (tanto o remetente, como o destinatário) e de, nesse seu fazer, acabar por encontrar jeito de construir alguma impressão sobre o mundo.

Severina achou toda aquela história sem pé nem cabeça, mas atinou que cada qual faz da sua vida como bem entende e, se aquele homem achava que andar pelo mundo escrevendo cartas para as pessoas era um jeito de se fazer gente na vida, não seria ela que iria dizer o contrário. “Cada um com seu cada qual”, disse para a irmã, que a olhava como quem pensou as mesmas coisas a respeito daquele homem de pasta amarela (ou era bege? As luzes do ônibus, mais do que iluminar, pareciam confundir as vistas ignorantes da sertaneja).

Como o homem insistira no seu prosear, Severina não se conteve e disse achar coisa ridícula aquele homem se metendo pelo mundo “em busca de sentido para a vida” ouvindo histórias dos outros, enquanto outros estão largados por aí, como seu marido mesmo, longe da família, perdendo saúde e sofrendo um sem número de humilhações. E que lhe desculpasse o moço, mas aquilo parecia era coisa de filhinho de papai desocupado que, depois de feito doutor, não queria trabalhar. Ao que o homem não se deu por ofendido. Disse respeitar a

história de Severina e até sua sinceridade. E até concordava com ela, mas que isso não era motivo para ela não querer escrever uma carta, seja lá para quem for. Por exemplo, sugeriu ele, seu marido, que alvo de tanto desgosto, de certo ficaria feliz em receber notícias suas...

Severina não tinha a mínima ideia do que diria ao marido e nem tinha disposição para dizê-lo. Queria mesmo era chegar em casa e descansar. A reunião na escola da filha, a espera, a viagem e a conversa de agora se somavam para deixá-la exausta. Como forma de pôr fim a tudo aquilo, decidiu acatar o convite do homem. Quem sabe assim ele não se calasse? E foi assim que a viagem seguiu. Enquanto a menina dormia embalada pelos solavancos da estrada esburacada, sob a luz amarelada do ônibus, o homem tentava escrever a carta ditada pelas duas Severinas de alma franca.

Poço Redondo, 18 de novembro de 2011.

Querido Severino.

É com imensa alegria que pego nessa caneta para escrever para você. Gostaria de lhe dizer que fiquei feliz em saber que já começou a trabalhar. Estava ficando preocupada, porque sabia que o dinheiro que levou não daria para se manter aí durante muito tempo. Mas agora que a firma assinou seus papéis, fico mais aliviada. Por outro lado, Severino, uma agonia me toma o peito ao pensar no tempo que ficarei sem te ver. Olha, Severino, você sabe o quanto foi difícil ter que me manter aqui durante a sua primeira viagem. E, pra lhe falar a verdade, não queria ter que dizer isso, mas não sei se aguento tudo aquilo de novo.

Entendo que fica muito custoso ter que se mudar de mala e cuia para aí comigo e os meninos, mas eu queria que você também me entendesse: como é que eu, sendo sua mulher vou ficar seis ou sete meses sozinha aqui, fazendo as vezes de pai e mãe dos meninos? Pode parecer tolice minha, Severino, mas como é que posso ficar tranquila sabendo que você está aí jogado no mundo a mercê de Deus, se encontrando sabe-se lá com quê e eu aqui, sozinha, com medo de tudo, com um monte de filho num fim de mundo desses?

Eu sei que vai dizer que tem minha mãe para ajudar, ou que posso procurar sua mãe. Mas você sabe como mãe é. Se for procurar

por ela, vai logo me dizer que não está certo o homem ficar fora de casa tanto tempo, que você poderia muito bem se arranjar por aqui e tudo o mais... E sogra é sogra, né? Tem horas que o que preciso é de você aqui, não de sua mãe.

Sem falar dos meninos, sendo criados metade do tempo com o pai e outra metade longe dele. Não sei, mas acho que isso não faz bem a eles. Essa semana mesmo, recebi uma queixa de Vera. A professora chegou aqui dizendo que ela está mal-educada na escola, que não obedece ninguém, nem faz os deveres. Fui conversar hoje com a professora pra dizer que ela tem a liberdade de educar do jeito que quiser. Disse que se precisar dar um corretivo, pode dar e que ela pode me avisar de tudo. Mas ela falou que eu precisava era buscar apoio lá no Poço, procurar um psicólogo para ela, porque o problema é a falta do pai. Fiquei de ir lá próxima semana pra ver isso. Mas não sei se vai resolver nada levar nesse tal psicólogo, se o que ela quer é ter o pai em casa e isso nenhum doutor pode fazer.

Tem também o Vidal, que encasquetou de não querer mais ir para a escola e agora vive estrebuchado pelo meio do mato a pegar passarinho e dizer que não precisa de estudo, que quando completar dezoito vai para a firma também. Eu já não sei mais o que faço, porque como é que eu vou dizer não a ele, se esse é o exemplo que ele tem do pai e dos tios? E pra lhe falar a verdade, aqui em Santa Rosa o futuro dele é pouco mesmo, seja com estudo ou não. Então não tenho nem ânimo de tentar fazer ele mudar de ideia. O quê que vai ser dele ficando por aqui, trabalhar de vaqueiro ou tirando leite para Zé do Poço ou outro fazendeiro? Ficar consumindo os anos de vida como servente de pedreiro, quando aparecer um dia de serviço? Melhor mesmo que se meta pelo mundo. Talvez dê sorte de virar encarregado e

mudar de vida. Tem gente ganhando quase nove mil numa firma em Roraima! Quando era que alguém iria conseguir esse dinheiro por aqui? Nunca na vida, não é mesmo?

Eu sei que não devia estar te dizendo essas coisas, porque só serve para te deixar mais preocupado ainda, mas eu tenho que falar Severino, porque se eu não falar, eu não sei o que vai ser de mim. Tem horas em que fico assim pensando: Ai, meu Deus, será que eu aguento tudo isso mesmo? Pra lhe ser franca, se não fossem os meninos que ainda precisam de mim, eu acho que já tinha saído pelo mundo, sem destino nem prumo. Mas quando penso que ainda tem uns pequenos precisando da mãe, eu tento manter o tino. Eles só têm a mim e eu a eles mesmo. É assim que Deus quis e a gente não briga contra a determinação de Deus. Mas que dá vontade, dá.

Mudando de assunto, queria lhe falar também sobre o dinheiro que me mandou semana passada. Eu fiz como você disse no telefone: emprestei um pedaço à mamãe e o resto, guardei. Quando for o mês que entra ela já vai dar a primeira parte com juros e juntando os dois, é suficiente para comprar outro garrote. Mas não sei se vai dar para esperar você voltar, porque tempo bom para comprar gado é até fevereiro. Vai ser mais ou menos o tempo de você voltar, não é mesmo? Falando nisso, você tinha que ver a beleza que está o gado. É pena que não deu para fazer silo, então não sei como é que vamos fazer durante a estiagem. Mas isso, Deus proverá e não adianta mesmo se apoquentar agora.

E como estão os outros aí? Estou perguntando por que ontem mesmo encontrei com Claudice e ela queria saber notícias do filho. Acho que a coitada tem medo do que ele pode aprontar. Aqui ele já não era flor que se cheire, quanto mais jogado nesse mundo! Olhe,

Severino, sei que não precisa eu dizer isso, mas tenha cuidado. Você sabe que um boi bota uma boiada a perder. E mesmo que não se junte, acaba pegando fama do mesmo jeito. Veja você o tanto de gente que já foi mandado embora daí, sem quê nem pra quê, por causa de um ou outro que aprontou, não é mesmo? Não se junte com eles para gandaiar não. Só estou dizendo isso para o seu bem. Eu sei que não é fácil, que um homem também precisa de um divertimento, mas não precisa fazer besteira para se divertir. Não é mesmo?

Bom, acho que era só isso que tinha para lhe dizer. Eu podia ter dito por ligação, mas apareceu por aqui um homem que agora desatou a querer mandar carta para o povo, aí aproveitei para lhe enviar uma também. Espero que não lhe desgrade. Todos aqui estão com saudades e querendo que volte logo. Uma boa semana de trabalho para você e que Deus o proteja.

Severina.

Um homem sentado à beira do caminho olha para o outro lado da rua. Havia acabado de almoçar e estava sobre a sombra da árvore na frente da casa. É pouco mais de meio-dia e as últimas crianças voltando da escola passam fazendo algazarra. O homem quase não os percebe. Olha para uma janela aberta à sua frente. O retângulo de madeira, cravado na alvenaria, apresenta ao exterior facetas da vida familiar daquela casa roxa, apartada da rua por grades de ferro pintadas de preto. Lá dentro, um aparelho de som, sintonizado numa estação de rádio qualquer toca a seleção das músicas mais pedidas. Sem prestar muita atenção, o homem ouve o nome de uma dupla sertaneja, trecho de algumas canções, anúncio de marcação de consultas com oftalmologista...

Tudo meio disperso. O barulho do rádio não é maior que o burburinho das pessoas que, de quando em quando, passam pelo retângulo de madeira. São cinco moradores, dos quais a um, o homem nunca sequer dirigiu a palavra. Seu nome é Severina. Muito bonita, dezessete anos e uma filha. A moça anda sempre com as vistas baixas. Evita o contato visual com quase todo mundo, especialmente pessoas do sexo masculino. Conselho do pai, segundo soube o homem da calçada. Assim evitava falatório. Severina tem uma irmã de quinze anos, tão bonita quanto ela, só que um tanto atirada. A irmã é conhecida no povoado pelos tênis e óculos coloridos. Esbanja a moda que é feita muito distante dali, como quem diz para si e para o mundo não querer pertencer àquela terra.

Já Severina, apesar de ter apenas dezessete, parece ter muito mais. De onde está, o homem pode ver as expressões no rosto. Seriam rugas do sol nordestino ou de preocupação? Quem o dirá? Vontade de lhe perguntar o porque da expressão amarrada o homem até tem, falta é intimidade (coragem) suficiente para fazê-lo. Melhor que fique ali mesmo, afinal de contas, o que menos quer é criar problema para si. Corre longe a fama do povoado como lugar de cabra macho, que não titubeia em matar sujeito que mexe com mulher alheia. O medo não parece oportuno quando lembra a condição de Severina, mulher alheia de marido ausente.

O rádio já toca a terceira mais pedida. O homem decide levantar-se e voltar para seu afazer. É quando uma loirinha sai portão preto à fora, em sua direção. Dá medo de ver a menina cruzando a via de paralelepípedo. Na rua não passa carro, mas passa moto – coisa que quase todo mundo no lugar tem hoje em dia, depois que se descobriu que trabalhar na roça e andar a cavalo ficou para quem vive de passado. Desde então, à medida que vai se trocando a firma pela lavoura também vai se trocando o cavalo pela moto. Com a primeira troca, dizem,

se ganha mais dinheiro; já com a segunda, poupa-se tempo. Ocorre que, salvo a percepção enganasse o homem, com mais dinheiro e mais tempo, os homens bebiam mais, farreavam mais e caiam mais das motocicletas. A mãe de Severina, evangélica fervorosa, sabia muito bem disso. Tinha calafrios toda vez que ligava aquele mesmo rádio pela manhã e uma voz dissonante anunciava os óbitos do dia anterior. Quase sempre havia um motoqueiro empedernido, geralmente municiado de álcool, para se destabocar pelo chão ou atropelar uma loirinha que cruzasse uma rua tranquilamente³³. Por isso as grades. Era um jeito, achava a mulher, de manter a neta em segurança, sem privá-la tanto. E assim a menina via o mundo por entre os vãos da grade, enquanto a avó via a neta por entre os em-vãos de segurança. A despeito do perigo iminente montado sobre duas rodas, a despeito da grade pintada de preto e até do diário e religioso vociferar da avó, de quando em quando a menina saia portão à fora, experimentando a vida do jeito mais infantil possível. Quem sofria mesmo era Severina, tanto com as investidas da filha como com a ladainha da mãe. Agora mesmo, a menina já alcançara o outro lado da rua e de dentro de casa vem Severina desesperada para pegá-la.

Segunda mais pedida do *dial*. A música, desconhecida aos ouvidos do homem, não parece casar com a cena. O desespero da mãe, o sorriso de malícia da menina e o pagode baiano no rádio não estabelecem a costumeira harmonia das trilhas sonoras. Muito pelo contrário, compõem um misturado de batidas, risos e vozes que pintam um quadro confuso a quem visse/ouvisse. Atrelado que era às tradições nordestinas, o homem desconfiava que aquela música não compugnava bem com o cenário, de modo que não conseguia digerir o avanço daquele estilo musical nordeste a fora. Embora lhe causasse estranhamento, porém, aquilo não desagradava por completo.

De fato o desarranjo que seus sentidos experimentavam falava ao homem de novos tempos no sertão, mas de tempos de contato, de encontro com outras possibilidades. E contra isso ele não se opunha jamais. Preferiu acreditar que aquela era uma demonstração da própria vida sertaneja em dispersão, em vias de se tornar outra coisa. Por isso, mesmo não gostando da música ou achando descabido o cuidado com a menina, ele concebeu certa beleza naquilo. Uma criança correndo para encontrar outras crianças. Uma mãe assombrada, correndo para resgatar a filha e um som estridente e pouco elaborado estourando no rádio. Pois que fosse! Era o que se passava: a vida acontecendo na contramaré dos enredos prontos, a contragosto do insosso enredo com trilha sonora bonitinha. Aos ouvidos mais sensíveis, entendeu o homem, a

vida entoava seu brado de guerra, sagaz como uma criança, maliciosa como um pagodeiro. “Sei o que quer, tome aí!”³⁴.

E a primeira do dia é a música “Por telefone”, de Antônio O Clone... O anúncio radiofônico faz Severina mudar. Nada parecido com as feições mais alegres que a traquinagem da filha havia lhe impingido ao rosto. Aquela música falava muito de sua história. De como se sentia, agora sabendo que o marido não a queria mais. Mais do que aceitar ou não a separação, coisa que a menina-mulher sabia não estar sob seu poder, lhe afligia a forma como as coisas se encaminharam. Onde já se viu um marido ligar para a mulher para acabar um casamento com filha e tudo? Era um desrespeito sem tamanho! Vá lá que não gostasse mais, que quisesse ser livre e desimpedido, como disse. Mas nem sequer esperar voltar para falar disso pessoalmente? Simplesmente dizer que acabou e desligar? E o que ela diria a quem perguntasse pelo “marido”? E qual sua culpa pelo fim? Enquanto ele está lá na firma ela nunca lhe faltou o respeito e o que recebe em troca é isso?

O homem sabia parte da história, mas ouvia como se não soubesse. O marido de Severina, mais um dos que foram para as firmas, fazia alguns meses que não entrava em contato e até se especulava que já tinha outra família por lá. Da última vez que conversaram (“brigaram” seria mais apropriado) foi para pôr fim ao relacionamento. Do jeito que Severina dizia mesmo: seco, direto e distante. Agora os dois esperavam a audiência na justiça para decidir sobre a divisão dos poucos bens que possuíam, a guarda da filha e pensão. Severina já havia recebido a intimação de comparecimento ao fórum. Ele, como é de se imaginar, não iria estar lá. A decisão seria por esses dias e por isso tanta tristeza na menina-mulher.

A proximidade do fim jurídico parecia lembrar a Severina como aquilo tudo estava se dando a contragosto, à revelia de seu querer. Foi o marido quem decidiu pela separação. E escolheu uma forma muito pouco convencional de fazer isso. Depois de tanto tempo junto, Severina não conseguia aceitar que uma vida juntos acabasse numa ligação. Por isso aquela não era uma canção qualquer. Ela falava das coisas que a menina queria poder dizer ao marido, mas que nas antigas ligações nunca lhe era permitido dizer. Acabavam sempre brigando, até chegar à situação atual: o marido sem ligar para ela, nem atender suas ligações.

Além de ainda amar o pai de sua filha, ela também temia retornar à tutela do pai, com o agravante de que estava prestes a ser vista como mãe solteira (coisa muito pouco apreciada no lugar). Agora mesmo já sentia não ter liberdade sequer para sentar na calçada, sem que fosse repreendida. E assim vivia a curiosa situação de estar separada do marido e, ao mesmo

tempo, ainda estar atrelada à situação de casada. De muito pouco servia contar sua história. Falar que havia sido boa esposa, boa mãe, boa dona-de-casa e que o marido a trocou por uma aventura qualquer em uma terra qualquer muito distante dali. O que conta é a filha que tem. O fato de já ter sido casada, a pureza que não tem. Essa era a opinião de seu pai e talvez fosse uma ideia compartilhada pela comunidade.

Embora Severina quisesse, não havia muito a ser dito entre ela e o marido. E por mais que o homem ali presente tivesse vontade de ajudá-la, não tinha certeza de que pudesse. Tinha ouvido a história da menina-mulher e ficado com a impressão de que aquela não era uma história somente de Severina. Talvez aquele fosse mais um indício de mudança naquelas bandas. Recordava das histórias que sua avó contava sobre o casamento, de décadas e mais décadas convivendo com a mesma pessoa, muitas das vezes à contragosto do coração. Se antes os casamentos eram feitos para durar, como dizia sua avó, a história de Severina anunciava uma considerável alteração nas relações conjugais naquele sertão. Assim como os peões que desaparecem estrada à fora, em busca de emprego, os amores parecia dissolver-se³⁵ com alguma facilidade – ao menos por parte dos homens.

Definitivamente, Severina não fora criada para esse amor fugaz. Via a recusa do marido e, ao mesmo tempo, se recusava a aceitá-la. Ou talvez toda essa teorização do homem é que fosse inócua, por isso ele decidiu fazer aquilo que estava ao seu alcance. Se o marido não atendia às ligações, ainda havia outros meios de comunicação com ele. Uma carta, por exemplo. E o que dizer a quem não quer ouvir? Bom, se pode falar por muitos meios. Uma música, por exemplo. E que música senão a primeira do dia?

Poço Redondo, 20 de agosto de 2011.

Olá Severino. Você deve estar se perguntando porque estou enviando uma carta para você. Tenho tentado te ligar, em vão. Se for verdade que a escritura começa onde a fala se torna impossível³⁶, talvez assim você preste atenção no que tenho para lhe dizer.

Não se preocupe que não tomarei muito seu tempo. Apenas quero que leia um texto. É uma letra de música, na verdade. Acho que fala muito sobre nossa situação e de como me sinto em relação a isso tudo.

Por telefone é fácil de dizer adeus.

Por telefone não pode olhar nos olhos meus.

Por telefone você tem coragem

De me dizer “tudo isso é bobagem”

E ainda por cima esquecer que você já foi minha.

Por telefone você não sente a minha dor

E me desconta no jeito de dizer Alô!

Por telefone fica fácil ser tão dura, ser tão fria.

Dizer adeus por telefone é covardia.

Desculpe, mas vou desligar.

Desse jeito eu não vou aceitar,

Porque não foi por telefone que eu te conheci.

Desculpe, mas vou desligar.

Se você quer mesmo terminar,

Desliga esse telefone e vem dizer adeus aqui no meu olhar³⁷.

Severina

SEGUNDAS MISSIVAS

– Outras Invencionices –

Mulheres reunidas conversam enquanto desencascam lascas brancas de cocos. Uma negra alta, emperiquitada com bijuterias e um esmalte vermelhos sobressaliente comanda o fazer. A voz grave e o corpanzil avantajado parecem conceder autoridade, embora não lhe subtraia certa graça que possui. Tem uma admirável destreza em enfiar a lâmina pontiaguda por entre a parte dura e a carne alva, sem deixar que o fruto se rompa, ou que o corte lhe fuja ao controle. Mais uma banda que sai inteira é jogada na velha bacia de alumínio, estrategicamente colocada no meio do círculo de mulheres. Eram todas moradoras da redondeza, tinham vindo ajudar as duas funcionárias, a negra de esmalte vermelho e uma senhora, ambas responsáveis pela rotina de afazeres daquele lugar. Sabiam, as duas e as que vieram ajudar, que o trabalho não era pouco.

Aquilo havia começado desde muito cedo do dia e já rompia a tarde. Primeiro foi necessário faxinar o prédio. Era dia de festa e a ocasião pedia que o lugar estivesse impecável. O salão, a recepção, as duas salas de atendimento, o velho laboratório empilhado de computadores sem uso. Tudo cheirava ao pinho barato, vendido de porta em porta. A negra alta, sem aparentar se importar muito se seu esmalte resistiria àquilo, limpava tudo com considerável rapidez. A quem credita pressa e perfeição como coisas que não podem andar juntas, ela parecia desdizer a crença alheia e o ditado popular. E isso enquanto cantarolava um ou outro verso de bregas e boleros antigos, assobiando os solos das canções que embalava seu afazer com a mesma disposição que limpava o chão de cimento queimado.

Mas não se destacava apenas pelo talento em assoviar ou pela destreza no descascar cocos. Tinha a virtude e o defeito de despertar afeição nas pessoas. Certamente, muito mais pela sinceridade do que pela habilidade como cantora. Era de pouquíssimas palavras, mas elas bastavam. Era suficiente olhar para aquela negra Severina e perceber em suas expressões quando algo não lhe agradava. Não é que fosse de birras ou de fazer mau gosto nas coisas, apenas sabia impor-se, sabia se fazer entendida, mesmo que isso lhe custasse um tanto de desagravos. E não via nisso problema, antes preferia a cara de mal grado nos outros por dizer o que pensava do que se por como falsa ou dissimulada.

Se isso por vezes lhe causada desentendimentos, a eles respondia ciente de que nem sempre a afirmação da vida se dá pelo alinhavar perfeito das relações. Sabia ela que o desentendimento não é o conflito entre aquele que diz branco e aquele que diz preto. É o conflito entre aquele que diz branco e aquele que diz branco mas não entende a mesma coisa,

ou não entende de modo nenhum que o outro diz a mesma coisa com o nome de brancura. E entre isso de branco e preto, sabia a negra Severina existirem infindáveis tons de cinza, de maneira que a afirmação de seus modos de fazer só lhe era possível expondo aos demais aquilo que achava e pensava, sem tratativas diplomáticas ou meio termos. Melhor ser desentendida do que mal-entendida³⁸. Provocar a emergência do desdito às vezes é necessário. Ou melhor, é necessário. E de tanto desentender, esse seu modo de proceder por afrontamento era já um fazer político. Falava de uma política que não é firmada no consenso das falas, mas no desdizer entre elas, na quebra de supremacia entre um dizer e outro, na afirmação positiva dos opositos e dos antagônicos, para que daí apareça a melhor forma de compartilhar o mundo com outros.

Mas nem sempre foi assim. Foi essa mesma vida, que agora ela acreditava ser feita de atropelos e desentendimentos, que a ensinou a proceder do modo de agora. Severina por muito tempo cumpriu aquele que parecia ser o percurso das mulheres do lugar: casou-se muito jovem, parou de estudar quase nem tendo começado, teve uma penca de filhos, viveu de subsistência, torrou a pele negra no sol escaldante, migrou... Não que tenha feito isso tudo sem que se achasse algum lampejo de vida, mas eles eram sempre menores do que a voz dos que lhe diziam que aquilo não cabia no destino que lhe fora reservado. E isso durou até o dia em que o marido a trocou pelo vício na cachaça, vendida na bodega da esquina, e por uma meia dúzia de prazeres mundanos oferecido noutros botecos, igualmente imundos e sedutores. O homem saiu, mas não sem antes sovar mulher e filhos, sabe Deus com que motivação. Quanto a ela, com filho pequeno, barriga vazia e o sangue que corria no canto do lábio carnudo, não viu jeito, senão se arriscar nessa coisa de viver.

Mas o que fazer? Deve ter se perguntado Severina. Quem anda sertão adentro bem sabe que há momentos em que o tempo para de um jeito tão voraz que se acredita ser prenúncio de fim dos tempos. É aquela sensação de vazio, de mormaço, de inércia e de desespero que antecede o recobrir do Sol numa das poucas nuvens que se arriscam no céu. Quem visse Severina lançando-se a pergunta acima, num desses instantes, duvidaria que alguma resposta pudesse chegar até ela. Por outro lado, há quem acredite que silêncios apocalípticos precedem a abundância de novidades. Como quando o tempo para, só pra daí a pouco desaguar trovoada. E foi nesse silêncio que a sertaneja pode ouvir um alarmante grito que bradava sertão afora: atenta àquilo que nem sequer discernia há pouco, a mulher identificou vozes exigindo garantia ou restituição de direitos. Direito à plantar, colher,

produzir, viver. E em seu silêncio, Severina reconheceu aquelas vozes como dizendo coisas que ela gostaria também de dizer e pleitear. E do desespero fez-se novidade. E dela, fez-se Severina, a Sem-Terra.

Eram os idos anos 90. O sertão começava a experimentar a ruptura com uma de suas marcas fundamentais: o latifúndio. Bem sabemos nós o papel que a criação de gado desempenhou na expansão territorial brasileira rumo ao interior, assim como é sabido que essa mesma expansão deu-se à custa da centralização do poder econômico e político nas mãos dos chamados *coronéis*. Disso não precisamos falar muito. Novidade mesmo é o movimento de pressão instaurado por religiosos e populares, efetivado sob a bandeira vermelha do Movimento dos Sem-Terra e que faz surgir os primeiros assentamentos rurais em Sergipe³⁹. Severina Sem-Terra, desde o sempre pobre, sem marido há pouco tempo, de pouca instrução e alguns filhos pequenos ainda para criar, decidiu que já sendo sem muita coisa, não lhe custava quase nada apostar naquilo de reforma agrária. Foi à luta com a vida, aquele pouco que possuía. Fez-se acampada, tomou chuva e sol, derrubou mata e quase caiu morta em confronto. Até o dia em que mudou de alcunha: tornou-se Severina Assentada.

E assim descobriu que aquilo de apostar com a vida parecia ser um jeito razoável de viver mais, de se afirmar viva. Bem sabia que podia perder, mas, ainda aí, sairia ganhando algo. Agora era Assentada, mas também desterritorializada. Não é que precisasse, como faziam muitos, negar absolutamente seu lugar. Muito pelo contrário, tornar-se “legalmente dona” de um pedaço daquele chão apontou-lhe a necessidade e a possibilidade de inventar ali mesmo jeitos de fugir e resistir aos processos perversos do mundo. Sendo que “a desterritorialização não pode significar o fim da localidade, mas sua transformação em um espaço⁴⁰”, para Severina isso significou pôr em relevo sua história de sofrimento e agruras para, dessa mesma história, retirar elementos de resistência àquela vida que levava. Isso ao mesmo tempo em que buscava afirmar alguns outros componentes de positivação dessa mesma vida sofrida. Não se tratava, portanto, de negar aquela Severina fora durante muito tempo, sertaneja infeliz, semianalfabeta, com filhos subnutridos, extremamente dependentes da cesta básica oferecida como favor político pela líder comunitária. Mas a essa(s) Severina(s) juntava-se agora outra, desejosa de ver-se ao menos parcialmente livre desses simulacros identitários, de refazer a cada dia a possibilidade de estar e permanecer viva, como os refrões dos velhos boleros que assoviava.

Seguindo essa linha, decidiu que não bastava ter a terra, era preciso ter o que nela colocar ou plantar. Percebeu que muitos homens começavam a sair do povoado tentando juntar dinheiro lá fora. Ela não era homem, mas tinha alguns em casa. Foi assim que o filho mais velho, aquele a quem tinha maior apego, migrou para trabalhar como peão. Ao contrário da maioria que sai porque entendia ser a hora de se desgarrar mundo a fora, foi a pedido da mãe. Só sua incumbência parecia semelhante à da maioria dos rapazes: iria, passaria algum tempo trabalhando, juntaria algum dinheiro – o suficiente para botar algumas cabeças de gado no terreno, ou para garantir algum sustento em períodos de safra fraca, retornaria. Novamente, uma aposta.

Mas não é que nisso de ser forte o filho aprendera direitinho com a mãe? Foi, ganhou dinheiro, mas não apenas isso. Os poucos anos de estudo e a habilidade de lidar com outros trabalhadores lhe deram alguma vantagem sobre os demais. Acabou se tornando encarregado. Não era mais apenas um peão, mas um peão que subiu na vida, que alcançou sucesso, respeito e um alto salário. O dinheiro? Continuou mandando. Gado? Ainda hoje compram. Mas faz tempo que não retorna. Nove anos, precisamente. Quase uma década de distância, se é que se pode medir distância em anos ou saudade em metros. Não vê jeito, não tem tempo. Mesmo de avião, fica difícil. A mãe não se ressente. Mas a saudade, esse revés de um parto⁴¹, pede que, de vez em quando, lembre ao filho de que ainda espera sua volta. É só ele querer.

Hoje, por coincidência ou não, é um desses dias. Na roda de mulheres que descascam coco, Severina ouve falar de um tal sujeito que anda atrás de um e de outro, interessado em escrever cartas para quem tem parentes distante. Alguém, com a ponta da faca em punho, lhe aponta o cabra. O tipinho, que até então estava sentado no velho sofá recoberto com tecido vermelho, conversando com alguns idosos que já haviam chegado para a festa, é convidado a participar da roda de mulheres. Mal chega e, Severina, dada a fazer o que lhe pede a vontade, diz que quer ditar uma carta para seu filho. A brabeza da sertaneja, a lâmina afiada e sua curiosidade o impedem de dizer não.

Queimada da Pureza, 13 de abril de 2011.

Severino,

Em primeiro lugar, receba minha benção. Já faz alguns dias que não nos falamos e a saudade de você e de seu irmão é grande. Todos aqui mandam lembranças pra vocês. Então, me conte como vão as coisas, tudo bem? Por aqui, estamos todos na mesma. Mas, com saúde. Você deve estar estranhando receber uma carta em meu nome. Bem sabe você que sua mãe não sabe ler, muito menos escrever. Por isso, já vou logo pedindo desculpas pelos erros que encontrar no texto. Na verdade, eu estou ditando as palavras e é outra pessoa quem escreve.

Mas se a escritura não é minha, as ideias que fogem da cabeça para tomar corpo nas letras são. E isso é o que importa. Ademais, não vejo necessidade de ter nada de importante que precise ser dito, quando se tem alguém que a gente gosta distante. Uma carta serve às vezes só para dizer como cada um vai, na sua vidinha mais ou menos⁴². Ou melhor, mesmo o mais trivial da vida tem lá seu valor, quando dito de alguém que gosta para alguém que se gosta. Por isso, envio essa carta. Para falar um pouco a respeito de nós e aguardar notícias suas.

A gente estava aqui reunido, preparando uma festinha para os idosos e me apareceu a oportunidade de lhe enviar uma mensagem daqui. Desculpe se tomo o seu tempo, espero que a carta não

atrapalhe o serviço, muito pelo contrário, gostaria que ela lhe ajudasse a ter ainda mais força de vontade e coragem de lutar por uma vida melhor. Era essa ideia que tinha na cabeça, lá atrás quando decidimos que você sairia daqui rapazote e continua sendo isso o que espero pra sua vida. Hoje você está homem feito, já vai constituir família e tudo, tem seu dinheiro, levou seu irmão, ajudou ele a também ganhar a vida honestamente... Me orgulha saber que pude ajudar de alguma forma um filho a ter uma sorte diferente da que eu tive durante muitos anos de minha vida.

Bem sabe você do sofrimento que foi minha vida com seu pai e mesmo depois dele. Foram dias de muita dificuldade, mas Graças a Deus tudo isso serviu para dar ainda mais coragem e fé. Não que esteja tudo perfeito hoje em dia, mas, ainda assim acho que tenho do que me orgulhar e gabar. Afinal de contas, criei vocês como homens de verdade, sem precisar baixar a moleira para isso. Digo que não está tudo em ordem por causa de seu irmão, que é teimoso que só ele e parece não querer nada com a vida.

Agora mesmo, decidiu que não vai mais estudar. Meteu-se num monte de confusão lá na escola e até tive que ser chamada. Você acha que adiantou alguma coisa? Qual nada! Tanto que dou conselho, mas não se emenda. Talvez você, sendo irmão mais velho, mais experiente, pudesse conversar com ele, meu filho. Ver se põe algum juízo naquela cabeça. Ele vive dizendo que logo, logo acompanha vocês. Era o caso de dar uma prensa nele, de mostrar que, se ele não mudar nem você nem seu irmão vão estender a mão a ele. Tenho medo, Severino, até dele se envolver com drogas – se é que já não está envolvido, Deus me livre e guarde! Só anda um monte de rapazinho até tarde, de moto,

rodagem acima e abaixo... Sabe Deus fazendo o que, senão procurando problema ou miséria na vida.

Sei que não devia estar dizendo essas coisas, lhe botando preocupado. Mas também não sou de ferro. De vez em quando, também preciso dividir um pouco do que se passa, porque se guardo é pior apenas para mim. Mas, deixando seu irmão de lado, também quero falar de coisa boa. Finalmente saiu a documentação final do lote! Foi por esses dias agora. Teve um festão para comemorar.

Eu mesma faço questão de mostrar a todos o documento de emissão de posse do meu lote. E você tinha que ver a alegria dos meninos, coitadinhos. Os pobrezinhos que nasceram aqui e eram mangados na escola, sendo chamados de 'sem terrinha'. Toda essa humilhação, as perseguições que muitas famílias passaram durante esses dez anos, até com despejo e tiroteios, como você sabe. Sorte nossa, aqui não teve ferido, como em outros assentamentos daqui do Poço mesmo. Por isso, mesmo com o pouco, sou feliz. Porque o pouco com Deus é muito e o muito sem Deus é nada. "Agora me sinto uma cidadã bem sucedida porque consegui criar meus filhos, tenho minha casa, não falta comida e também tenho gado"⁴³.

Para minha alegria ser maior ainda, Severino, faltava mesmo você vir visitar a gente. Fico com o coração apertado de ver os filhos de todo mundo vindo de vez em quando, enquanto você, nada. Eu sei que seu trabalho é diferente do deles. Sei que o encarregado trabalha mais perto do patrão e que tem funções a desempenhar mesmo quando a peãozada/está livre. Mas será que você não poderia ao menos tirar um tempo de férias e ficar com sua família uns dias? Não quero pressionar, nem estou cobrando. Bem sei eu que você foi trabalhar fora por exigência minha. Receba isso como um desabafo, de uma mãe

que mesmo compreendendo as razões do filho, gostaria que ele as deixasse de lado e ouvisse seu coração.

Despeço-me com o coração cheio de alegria por falar com você, ao mesmo tempo em que triste por estar mais um dia longe de você e de seu irmão. Lembranças de todos aqui, de seus parentes e também das pessoas que me ouvem ditar essas palavras. Deixe um forte abraço para seu irmão, dê lembranças minhas e avise que em breve também mando uma cartinha para ele. Fiquem com Deus.

Severina.

Finda a madrugada de outubro. O Sol levanta soberano no céu quase sem nuvens. Tudo muito igual ao amanhecer dos outros dias desde a última vez que se viu o astro recoberto, num prenúncio de chuva. O cheiro de café e o canto matinal de um mirrado galo dão ainda mais certeza de que o dia começa. São várias casas acordando, mas o cheiro provém da moradia de uma velha senhora de 79 anos. Era aquilo componente de sua rotina: acordava antes de sair o Sol, limpava o terreiro, fazia seu café, rezava o terço... Parecia que os muitos anos de vida a fazia acordar cada dia mais cedo, como que querendo aproveitar cada instante, mas, naquela sexta-feira de outubro, o que sucedera foi outra coisa que lhe subtraiu o sono da noite anterior e a pôs de pé.

Era dia de retorno. Filho e nora estavam a caminho de casa. Ele regressava depois de três anos longe da velha senhora e vinha acompanhado da esposa que havia ido “visitá-lo”. Severino rompeu a madrugada voando, aproveitando os valores dos voos noturnos, e agora estava a caminho. A velha pensava na surpresa do filho ao se deparar com a recém-asfaltada rodovia, de como se admiraria em ver que o povoado agora tinha pista e que não era preciso andar tão lentamente como faziam na época da estrada de terra, absurdamente marcada pelas costelas de vaca⁴⁴. Os moradores, talvez absortos no bafo quente que saia do asfalto negro jogado ao longo dos 29 quilômetros de pista, diziam em todos os cantos que o progresso, finalmente, havia chegado. Ou talvez apenas estivesse remedando as vozes oficiais, cada dia mais presentes nos programas de rádio, nos blogs de notícias da região e nas visitas técnicas à obra. Sempre que possível, aparecia uma autoridade para falar algo do tipo “não há como negar que o governo está colaborando decisivamente com a evolução destes municípios, que durante muito tempo ficaram relegados ao esquecimento⁴⁵”.

A idosa, talvez por certo pessimismo da idade, desconfiava daquela ideia de progresso. Tinha receio de que o asfalto trouxesse mais carros, mais acidentes, mais roubos... E não via nisso nenhuma evolução. Apesar disso, vez ou outra seguia a linha da maioria, crendo que aquela pista poderia ser o caminho bem pavimentado para os moradores e o lugar evoluírem econômica e socialmente, em especial porque ajudaria a principal riqueza do povoado (a produção de leite) a ser escoada com maior rapidez.

Pensamento parecido com o que povoava a mente empreendedora dos poderosos donos da recém-instalada fábrica de laticínios, que mesmo antes de as obras de pavimentação asfáltica começar, havia posto fim a quase todas as fabriquetas e cooperativas da região e muito em breve deteria o monopólio da coleta de leite dos pequenos produtores. Até mesmo a

cooperativa União, reconhecida conquista dos trabalhadores rurais e um exemplo de promoção de desenvolvimento e geração de renda para famílias da reforma agrária, parecia ameaçada e tinha sua continuidade comprometida.

Logo agora, que a estrada nova ajudaria os pequenos produtores a alavancar ainda mais aquele empreendimento de sucesso, aparecia a indústria de laticínios de imenso porte, tutelada por um dos “cabeças” da política do Estado, para atrapalhar os planos daquela gente?! Seria muito azar, ou obra de um poder sobrenatural disposto a impedir que, finalmente, o lugar entrasse nas vias do progresso? Bom, essa coisa de progresso e modernidade também se faz eliminando superstições, azares e agouros. Na racionalidade positivista, não há espaço para sandices. Pelo menos não para aquelas que estão fora desse projeto. Da mesma forma, não se convive bem com a existência ou supremacia de vontades acima da dos homens. Por isso, aquilo de vir uma grande fábrica bem na época da construção da pista não supunha azar, nem coincidência, tampouco interferência de Deus ou do Demônio. Era o poder e desejo de uns poucos, sobrepondo-se à necessidade de muitos.

Coisa típica de um sertão de outros tempos, em que a vontade do povo era subjugada no querer de um coronel e seus capangas. Típica desse tempo e herdada até os dias de hoje, se bem que com algumas atualizações: agora seus senhores usavam roupa alinhada, falavam um linguajar técnico e eram amparados pelos blogs de notícia ou os programas de rádio da região – quase sempre vinculados àqueles mesmos “cabeças” da política.

Fosse como fosse, para a velha o que importava é que se o progresso não viesse, seu filho estava a caminho. E por hora, isso lhe bastava. Bem sabia que ele não vinha de bom grado, mas, isso pouco lhe importava agora. Também sabia como esse caminho de volta tem sido extenso: a viagem de retorno começou, por assim dizer, ainda na partida, há mais de três anos, pouco depois de quando Severino soube da possibilidade de levar esposa e filha para morar com ele no Norte do país. A promessa da firma era disponibilizar residências para o peão que, a bem de sua saúde emocional, da ordem e do bom andamento do trabalho, quisesse trazer seus parentes para morar consigo. Afinal de contas, embora não se dissesse abertamente, qual dos peões que com mulher e filhos lá se indisporia com o patronato, como era de costume, ou se mostraria tão frequentemente inclinado para greves, motins e queima de alojamentos? Bem sabemos nós que nessas coisas de disciplina, o controle e regulação da vida, exercido nos espaços de confinamento ou fora deles, também pode se fazer sentir e atuar

tendo por justificativa a manutenção de uma pretensa ordem ou lógica social⁴⁶. Nesse caso, a lógica de proteção e garantia de sustento da família.

Se isso passou pela cabeça de alguns mais esclarecidos, a velha senhora, seu filho e nora não souberam. Para aqueles sertanejos aquela ‘oportunidade’, afora ser algo novo na realidade de um peão habituado a ficar aos montes em alojamentos apinhados de homens, tornaria menos penosos o trabalho e o lugar, além de ajudar a diminuir a dureza da distância da terra natal e de quem nela ficava. A possibilidade de, mesmo em terra tão longínqua, ter a família reunida avolumava os sonhos e planos, principalmente do casal: planejavam chegar lá, achar escola para a criança e, quem sabe, achar alguma ocupação para a mulher. Ela tinha algum estudo e não seria difícil algum posto de serviço na firma mesmo, quem sabe na parte administrativa. Com isso, a renda da família aumentaria, juntaria algum dinheiro mais facilmente, estariam juntos, teriam uns aos outros... Regressaria um dia, em definitivo.

E foi com esse desejo que Severino, o filho da velha senhora que fazia café naquela manhã, havia viajado há três anos. Mais uma vez sem a família, mas inclinado a ver a possibilidade de levá-los. Alguns meses depois deu consecução à sua vontade, em muito motivado por uma carta que recebera lá na firma. Isso se deu quando um homem que escrevia cartas foi chamado a um dos colégios do povoado. Ele já tinha sido visto de casa em casa e a coordenadora interessou-se em conversar com ele sobre seu fazer. A mulher também tinha parentes fora do povoado trabalhando nas firmas, mas sabia ler e escrever muito bem. Não precisava dos serviços do homem para si. Por outro lado, se não queria um escrevente, se dissesse muito interessada em que fizesse chegar a um pai a carta que uma filha havia escrito numa das aulas. Nessa carta a filha interrogava o pai sobre a possibilidade de a família permanecer reunida durante todo o ano, dizia do desejo de ver os pais juntos e pedia uma resposta rápida. Era a filha de Severino se fazendo gente.

O homem que escrevia cartas não conhecia Severino, mas sabia da sua história, graças à idosa do cafezinho. Costumava passar na casa da senhora nos fins de tarde para conversas descontraídas e bem proveitosa, algumas das vezes regadas àquele mesmo café. Sabia inclusive da saudade que a ausência do filho causava em toda a família. De modo que se sentiu na responsabilidade de obedecer ao pedido da coordenadora e enviar a carta da menina para o pai. E assim fez.

A bênção, pai.

Em primeiro lugar, queria lhe dizer que estou com muita saudade. Não só eu como todos aqui não veem a hora de o senhor voltar para casa. Também queria lhe contar que estou indo bem na escola e que passei de ano novamente. Mãe está pensando em me colocar na Escola Agrícola, porque diz que lá eu vou poder aprender uma profissão. Mas não sei se quero ir, porque teria que sair daqui à tardinha e voltar quase meia noite. E se eu ficar no Noêmia mesmo, chego mais cedo em casa.

Por falar em escola, meu professor de Física me contou uma história e queria saber se o senhor sabe. Ele me disse que ficou sabendo por alguém lá na escola mesmo que tem muitas firmas que agora aceitam que o trabalhador viaje junto com a família para as firmas. Eu nunca tinha ouvido falar disso antes, porque quase todo mundo, assim como o senhor, deixa mulher e filho aqui porque a gente sabe que fica muito caro ter que alugar casa aí. Lembro de uma vez o senhor conversando com mãe e fazendo as contas de quanto de economia rendia no final do mês ficar nos alojamentos como todo mundo e de como esse gasto aumentaria se a gente se mudasse para aí com o senhor. Mas depois que ouvi a história do meu professor, talvez desse para a gente ir junto.

Ele me contou que, por causa do número grande de trabalhadores que acabam se envolvendo com problemas aí, algumas firmas decidiram criar alojamentos familiares. Não foi bem esse termo que ele usou, mas fica mais fácil de o senhor entender. Com esses

alojamentos familiares, ao invés sair daqui sozinho e morar com os outros peões como todo mundo faz, o senhor pode escolher levar a família e, quando chegar aí, morar com a mulher e os filhos em casas cedidas pela própria firma. E o melhor de tudo, pai, é que isso não vai custar mais nada para o senhor. A firma dá a casa de graça, durante o tempo que durar a construção.

O professor me disse que a ideia das firmas é evitar que os peões fiquem juntos e se envolvam em confusão, como já aconteceu com muitos aqui do Poço: gente que vai trabalhar e acaba criando reguinha com outros trabalhadores. Isso seria muito bom pelo fato de que a gente estaria perto do senhor, mesmo que fosse à noite, depois do serviço. Além disso, eu achei uma boa ideia, porque separa os pais de família daqueles que não querem nada com a vida. Porque o senhor bem sabe que por causa de quem não presta até quem não tem nada a ver às vezes acaba pagando. Bom, quem sou eu para ensinar sobre as coisas da vida para o senhor...

Contei à mãe e ela me disse que já soube de algo do tipo por aí. Disse também que conversou com o sinhô sobre isso. Ela ficou muito feliz e falou que agora não via motivo para ficar aqui. Disse até que poderia trabalhar também aí, enquanto eu tivesse na escola. Por falar em escola, para mim esse é o único problema, porque não sei se poderia estudar e não queria parar agora. Mas para a gente ficar junto, acho que até isso faço. Então, é verdade, pai? A gente vai poder ficar todos juntos durante todo o ano mesmo? Era isso que tinha para escrever. Ficamos esperando notícias suas. De sua filha,

Severinazinha.

Não demorou muito e a família estava reunida, lá na casinha dada pela firma. Mal chegaram, porém, os planos se alteraram. A mulher não conseguiu trabalho, as condições de moradia não eram as melhores, a comida, o lugar e as pessoas eram estranhas e a saudade de casa não diminuiu com esperado, ao contrário, parecia ter-se somado e depois multiplicado. Severina e a criança definharam e o marido vendo aquilo, não conseguia render no serviço. Começou a especular voltar, ela mais do que ele. Passaram-se alguns meses, apenas o necessário para adquirir a passagem e decidiram regressar. Mas não todos. O homem ficou. Severina e filha não.

Desde então, por haver enviado a missiva, o homem das cartas se interessou em saber como andavam as coisas na família. Quase sempre era a idosa do café quem lhe contava novidades. Soube por ela que depois do retorno da esposa a relação entre o casal se alterou, mas de uma forma bem diferente de outros casos ocorridos no povoado. A experiência pareceu ter fortalecido o amor da mulher pelo marido, mas também seu desejo de estar perto dele. Compreendeu o que fizera como uma prova de amor ao homem. Afinal de contas, ela também abandonou seus parentes para segui-lo, e começou a lhe cobrar a retribuição: se ela pode abrir mão de tudo, porque ele não poderia fazer o inverso e abrir mão do trabalho para ficar com a família? Resolveu dar voz à sua insatisfação, primeiro dizendo o que achava a Severino. As longas conversas ao telefone, quase sempre sob a audição da velha, giravam sempre em torno da mesma questão: “quando você vai abandonar a firma pra ficar com a família?”. A pergunta era objetiva, muito mais do que as respostas de Severino. A cada novo inquérito, o homem ganhava mais tempo e Severina mais indignação.

Isso se seguiu até aqueles dias de outubro. As três mulheres – Severina, sua filha e a velha do café – souberam de gente que veio de volta, gente que foi e quis ficar, gente que veio só olhar e até de gente que foi pra nunca mais⁴⁷. Como o caso do trabalhador sergipano, morto em virtude da infecção das meninges, numa obra da construção civil em Minas Gerais. Se bem que o homem não era das redondezas, mas era peão, como tantos do lugar eram. E como foi com ele, poderia ser com qualquer outro Severino, desses tantos que há por aí. Se Severino queria destino igual para si, tinha toda a liberdade em querer. Mas que não contasse com ela para isso. Não queria para si o destino e a camisa-de-força de uma viúva ainda jovem, na mesma medida em que não aceitava perder o amor de seu marido. E, se o marido não decidia, porque ela não podia fazê-lo?

Sabia o caminho de ida e de volta. E também sabia que, diferente daquele sertão, ela

não poderia esperar décadas para que esse caminho fosse algo seguro, pavimentado de uma forma que subtraísse os percalços e solavancos. E mesmo que pudesse esperar tanto tempo, ainda havia o risco de, no fim das contas, a esperada estrada que traria o marido por livre e espontânea vontade se prestar a outros fins – como parecia ser o prenunciado no asfaltamento do povoado. Já não havia viajado para o Norte uma vez? Pois, se o marido não retornasse, viajaria novamente. Ele não a carregou da casa de seus pais para morarem como família? Não saiu do meio do nada para buscar ela e a filha para ficarem juntos? Não tinha ela o mesmo direito de, como fez ele, achando por bem que todos ficassem reunidos, sair à cata de seu homem? Ou ele esperava que depois de ter passado por tudo que passara ao seu lado ela faria como a maioria das mulheres e esperaria que ele retornasse, ou que nem isso fizesse?

Já há dias não se falavam. Cada conversa desencadeava uma briga. Foi quando decidiu, com a anuência da sogra e tomando o exemplo da filha, que enviaria carta de ultimato ao marido. Nela, diria como se sentia em relação a isso tudo e avisaria que ainda naquele mês viajaria para decidir pessoalmente o que fariam. Ele que estivesse preparado e se decidisse também, porque se dependesse dela, estava indo para buscá-lo.

Santa Rosa do Ermírio, 10 de outubro de 2011.

Olá Severino,

Como está você? Espero que bem. Aqui, graças a Deus estamos todos com saúde. E com muita saudade de você. Faz semanas que não recebo notícias suas e já estava começando a ficar preocupada, por isso escrevo. Aconteceu alguma coisa aí, foi? Encontrei com um pessoal que tinha chegado daí de perto e me falaram que os peões se revoltaram contra a firma, que ameaçaram tacar fogo nas coisas. Disse que deu até reportagem por causa de alguém que ficou doente e morreu. Pelo que eu soube, teve gente que até pediu demissão, por medo de adoecer também e não ter socorro. Isso é mesmo verdade, Severino?

Até pedi para nossa filha procurar no computador alguma notícia sobre o que havia acontecido e ela me mostrou que saiu até em jornal grande, que é lido no Brasil todo. Vocês viram isso aí? Vou pedir para ela mandar uma cópia da reportagem pra vocês, porque eu não sei mexer nessas coisas de tecnologia, mas você sabe como ela é inteligente.

Por favor, não me esconda nada. Porque só faz aumentar ainda mais minha preocupação. Fico atacada aqui, sabendo por remendo dos outros. Por aí você imagina como é que a gente não fica, não é mesmo? Às vezes pode parecer exagero meu, mas é que um diz uma coisa de um lado, outro diz de outro e a gente não sabe em quem acreditar. Outro dia mesmo, indo para o Poço, peguei carona na ambulância da Prefeitura que estava levando um senhor para fazer os curativos. Daí,

ele começou a conversar comigo e me contar sobre coisas do tempo em que ele e outros saíram daqui para Serra Pelada, em busca de ouro.

Ele me falou de como a vida era difícil nesse tempo e do tanto de confusão em que se metia. Era ele me contando as coisas e eu pensando cá comigo sobre como você também passam pelas mesmas tribulações. Certo que a vida de vocês hoje é um pouco diferente da dos garimpeiros, porque tem sindicato, carteira assinada e não saíram daqui em busca de um nada. Já foi sabendo o que ia fazer, onde trabalhar e tudo o mais. Mas, mesmo assim, tem muita coisa igual, porque o trabalho também é desgastante e o ganho nem sempre é tão grande.

Mas, é como me disse o homem, parece que vocês também vivem encantados por essa coisa de ser peão, assim como eles eram em encontrar o ouro. Certo que ficar aqui nem sempre é a melhor opção, mas ir para a firma também não é garantia de que se vai vencer na vida. Veja você essa pessoa que parece ter morrido aí no alojamento: foi em busca de um algo melhor e findou por morrer, longe da família e de tudo o mais. Já pensou na agonia dos parentes, quando tiveram notícia da morte? Não devia estar dizendo isso. Sei que o melhor era falar coisas boas com você, mas a dor dessa família é também minha dor, porque sofro só de pensar se fosse comigo...

E também sofro com essa situação Severino. Desde que eu e Severina voltamos daí tenho pedido a você que abandone essa vida e venha ficar conosco. Sei que pode parecer orgulho meu, mas acho que todo mundo tem o direito de querer viver perto de quem gosta e quer bem. Veja você o esforço que fiz, saindo daqui para ficar com você. Acho que é uma prova imensa do amor que tenho e da vontade que sinto de ficar junto. Não espero nada menos de você, Severino.

Você até pode dizer que não deu certo, que eu voltei. Mas eu tentei. Será que você também não poderia fazer o mesmo por mim, sua filha e sua mãe? Veja se acha certo uma idosa naquela idade, viver suspirando por filho ausente, sem saber se um dia volta a vê-lo e sabendo de notícias como essa da morte desse homem. Se ponha no lugar dela, Severino. E se você morre, como é que ficamos eu e sua filha, desamparados no mundo? Ela já se pondo moça, sem o pai e eu, já me pondo à idade, viúva?

Tudo bem que estando aqui você também pode morrer, que Deus o livre e guarde. Mas vai estar perto da gente, vai ter nosso convívio. Se acontecer um algo, pelo menos podemos falar de como era a nossa vida, da saudade que vai fazer acordar de seu lado. Dos planos de prosperar que a gente tinha juntos. E com você aí, o que resta pra mim?

Não Severino. Não quero essa vida para mim, nem pra sua filha. Por isso, essa carta é para lhe avisar da decisão que tomei. Ainda esse mês estou viajando praí. Não acho que a gente possa resolver nossa situação por telefone e por carta. Você também não demonstra esforço de vir pra cá, então o jeito é eu ir. Já conversei com sua mãe e até já dei jeito de comprar a passagem, vendendo uma rês. Viajo por esses dias e pode ter certeza, Severino que vou pra buscar você.

Lembranças de todos aqui, grande beijo da sua família que te ama. Fique com Deus.

Severina

Meningite afugenta operários em Minas

Morte de trabalhador causa pedidos de demissão em massa em obra da siderúrgica Gerdau Aços Minas, em Ouro Branco

Otras 17 pessoas estão internadas com suspeita da doença; 1.200 operários foram medicados

PAULO PEIXOTO
DE BELO HORIZONTE

A morte de um operário por meningite meningo-córica tipo C em Ouro Branco (a 100 km de Belo Horizonte) desencadeou pedidos de demissão em massa de 380 trabalhadores da construtora Paraná, que realiza a expansão da siderúrgica Gerdau Aços Minas.

Com medo da doença, parte dos 2.500 trabalhadores da obra pediu demissão depois da morte do colega e da internação de outros 17 com suspeita de doença.

A Secretaria Municipal de Saúde informou que, além da morte, foi confirmado mais um caso - 16 pessoas continuam internadas com suspeita da doença. Foram coletados materiais para mais exames. Os resultados devem sair em uma semana. De acordo com Milton Moraes, presidente do sindicato dos trabalhadores da construção civil do Alto Paranaíba, 250 oficiais (carpinteiros, pedreiros, armadores) e 130 ajudantes, todos do Nordeste, pediram demissão.

Desse total, cerca de 80 ainda estavam em processo de contratação. Nem o salário atual de R\$ 1.100 (oficiais), com chance de aumento em novembro (mês do dissídio), foi capaz de segurá-los. O valor é superior ao que recebem os operários que trabalham na reconstrução do Mineirão, o estádio que sediará a Copa em Belo Horizonte (R\$ 961,40).

O funcionário de 19 anos que morreu na sexta-feira era de Sergipe e vivia em um dos alojamentos da empresa. Foram medicados 1.200 operários do mesmo alojamento onde estava o trabalhador que morreu, medida preventiva para quem teve contato com pessoa doente.

Os alojamentos ficam na área externa da siderúrgica, a 6 km de Ouro Branco, cidade de 36 mil habitantes. Em cada quarto, dormem quatro operários. Segundo o sindicato, o alojamento é "bom".

Ontem, representantes da Paraná, da Gerdau e do sindicato se reuniram com todos os funcionários para informá-los sobre a doença e os cuidados necessários, como marcar a higiene e a ventilação nos alojamentos.

A Paraná informou que os funcionários que quiserem se desligar foram demitidos para ter direito aos direitos trabalhistas. A Secretaria de Estado da Saúde disse que não poderia se pronunciar sobre os casos suspeitos porque não foi a Fund (Fundação Enquadrado Dias), ligada ao Estado, que fez os exames. A bactéria que causa a meningite C tem a particularidade, segundo o infectologista Caio Rosenthal, de ser transmitida por contato próximo.

De acordo com o médico do Emilio Ribeiro, quem come mais risco neste caso são os operários que dividem o alojamento com o homem infectado. A bactéria é transmitida por gotículas de saliva e outras secreções.

[Texto Anterior: HÁ 90 Anos](#)
[Próximo Texto: Gotículas de saliva espalham o microrganismo](#)
[Índice](#) | [Comunicar Erros](#)

Noite no sertão. Por entre as grades, avista-se o interior de uma velha casa, há muito tempo sem pintura. Os pedaços de rebolco caídos e a ferrugem que começa a dominar o ferro do portão contrastam com o imenso e novíssimo aparelho televisor, estrategicamente colocado no centro da sala. Alguns dos moradores, sentados num velho sofá, de costas para a rua, parecem absortos na fosforescência radiante do retângulo luminoso. Na tela, uma linda morena, de curvas sinuosas, sorriso largo e seios fartos. A mulher se banha nua, em riacho, sob as vistas dos milhões de outros telespectadores que, do mesmo modo que os residentes daquela casa, estão acordados até aquela hora. A atenção deles só é quebrada pelo ‘plim-plim’ do comercial, que rompe a sequência para anunciar o novo sabonete com um quarto de creme hidratante ou o desodorante que promete tornar qualquer um irresistível, quase tanto quanto aquela Gabriela linda e nua.

Noutra casa do mesmo lugar, o homem que escreve cartas também assiste. Está sentado, junto ao velho vigia do curral. O sujeito quase nunca fala coisa com coisa, mas o homem que escreve cartas gosta de ouvi-lo assim mesmo. Sabe histórias do lugar aos montes, de modo que, quando a tarde ou a noite vão preguiçosas, sugere um convite a ouvir coisas e causos daquela terra. Verdade que muitas das vezes as tais histórias são fofocas e picuinhas do povoado, mas, se é no cotidiano que a vida pulsa em suas infindáveis maneiras de ser, ao homem que escrevia cartas nada parecia representar melhor esse cotidiano do que uma boa roda de fuxico. Fato é que deu intervalo na minissérie e o vigia, aproveitando-se das peripécias da personagem de Jorge Amado, pôs-se a falar.

Começou soltando o verbo a respeito de Gabriela. Uma Puta de Rama de Faveira⁴⁸, dizia ele. Esbravejando que as atitudes da mulher não eram coisa de quem se respeitasse; que se pusesse no seu lugar. Mais adiante estendeu os xingamentos a algumas pessoas do povoado que, como a personagem da ficção também pareciam não se dar o respeito. E, começou a enumerar tipos do lugar: por exemplo, a caixa do mercadinho, solteirona que paquerava qualquer um; o vizinho, velho caquético, acostumado a soltar gracejos com as meninas que passavam na frente da casa e até uma sua prima, Severina, mulher de meia idade, viúva há algum tempo, que, segundo o homem, depois da morte do marido adoecera de um mal que médico nenhum dava jeito, até o dia em que descobriram que seu padecer era por falta de sexo, ou como preferia o homem “doença de safadeza”.

Sabedor que era da história, o velho vigia, gastou um tanto mais de verbo na história de sua parenta. Começou contando que a mulher, desde que perdera o marido até o dia e que foi ao médico não tinha mais procurado qualquer envolvimento afetivo com outra pessoa. Não que a ideia não lhe ocorresse. Dizia ter medo, por exemplo, de envelhecer sozinha, de ver os filhos saírem de casa e não ter com quem compartilhar as solidões de uma meia-idade. Por outro lado, temia por fora a roupa preta, insígnia do luto, e ver seu nome lançado ao lamuruento burburinho das esquinas. Pois foi que aquilo de ficar entre a vontade de voltar para a vida e a necessidade moral de se manter ligada ao morto passou a afligi-la de maneira que, segundo explicou o médico, o corpo passou a recobrar para si uma força descomunal para suplantar as ideias que a cabeça não podia suportar. Daí vinha certos padecimentos que ela apresentava, como aquele bolo no estômago, a fraqueza e tremores nas pernas, a perda de peso, a falta de sono das noites, paralela à falta de coragem de levantar da cama dos dias...

Mas, antes de obter esse enunciado científico, dizia o vigia, sua prima também recorreu à religião. Aliás, às religiões: primeiro ao pai-de-santo, famoso em boa parte do estado. Lá, ficou sabendo que não padecia de nenhum mal do corpo, mas dos efeitos que a inveja alheia pode produzir nos viventes. Ficou sabendo que ela é uma relação de forças, ou seja, não se inveja uma coisa ou objeto, sem que pode detrás se ponha, mesmo que de forma passiva, a força que impede o invejoso de possuir tudo isso. O ‘olho gordo’ não está sobre o objeto, mas sobre a força ou potência de vida que um vivente demonstrou possuir, e que o leva a conseguir tais coisas. A inveja é, por aí, um jeito de minar essa força, tentado captá-la para si e despotencializando a outra vida⁴⁹.

Qual não foi a surpresa de todos ao saber que alguém tinha feito ‘trabalhos’ contra ela, os quais, certamente, até a vida do marido poderiam ter ajudado a ceifar... O espanto, contudo, não foi maior que a convicção do velho rezador ao afirmar que a mulher poria fim a todo agouro e mau-olhado que haviam lhe lançado, desde que seguisse as recomendações e providências propostas. Mas, ora, se a inveja era um jogo de forças que nem sempre eram completamente reconhecidas, se ela supõe sempre uma luta mais ou menos velada entre uma força que inveja outra e que visa destruí-la ou se apossar dela, parecia simplista dizer que era só reverter o ‘trabalho’ e tudo ficaria bem. Severina não acredita poder ser feliz produzindo tristeza em seu semelhante. Reverter o agouro ou mau-olhado, nos dizeres místicos do curandeiro, dizia lançar sobre um outrem a mesma gama de infortúnios que vinha

experimentando. E isso ela preferia não querer. Melhor seria achar outro meio de retomar o rumo normal de sua vida.

Tornou-se crente. E das fervorosas. Tão assídua que ajudou a fundar o primeiro templo protestante do povoado e o fazer figurar na rota das Missões Internacionais da Igreja Evangélica Assembleia de Deus, com a vinda de irmãos de outros estados instruídos na fé o suficiente para sair por aquele mundo e levar o Evangelho a toda criatura. Ali, a prima aprendeu que sua doença não estava em nenhuma parte de seu corpo, embora sentisse como se estivesse. Do mesmo modo, também não tinha sido obra de homem nenhum na terra. Era tentação do Tinhoso, essa entidade vadia, que não precisando se ocupar de limpar, arrumar e enfeitar o inferno, gasta seu tempo espezinhando as almas remidas ou não, lançando tentações e suplícios. E como dizia o pastor, bastava que Severina se mantivesse pura, que praticasse a boa obra e não se aflijisse além da conta com o que se passava com seu corpo. A carne padece, mas o espírito se regozija, porque maior que as provações aqui na terra seriam seu galardão lá no céu.

Disse o velho primo que Severina só não compreendia bem porque era necessário tanto pudor, porque usar as roupas tão longas, porque praticar tanto a fé, torcendo por um algo vindouro, sem poder aproveitar um pedacinho sequer da terra. Por mais de uma vez queixou-se do tanto que já havia sofrido com o marido e depois dele. Não achava necessário ainda mais aquilo. Depois, começou a ver como funcionavam algumas relações de poder no interior da instituição religiosa e isso motivou sua desconfiança na recompensa divina tão professada. Foi nesse batido, até o dia em que abandonou a igreja, crente de que melhor do que padecer ainda mais do que já padecera era achar jeito de fazer da vida aqui na terra algo bem melhor do que se apresentara até hoje.

Não compreendia porque a fé, tanto a do terreiro como a do templo, lhe era sempre apresentada como que cindindo sua vida, seu corpo, seu espírito. Não conseguia enxergar como seu corpo se separava de seu espírito, ou o contrário disso. Da forma como lhe diziam, bastava só equilibrar os dois e tudo estaria resolvido. Isso no entender do velho vigia, não era tão simples de ser realizado por sua prima, pois ela concebia que ‘fora’ da cabeça e do corpo existe um mundo todo que, curiosamente, atravessa e direciona esse corpo para algumas práticas ou vontades. E, por esses atravessamentos que engendra, esse mundo ao qual podemos chamar social ganha uma consistência e se constituir como um campo problemático não apenas em função das múltiplas interações que se produzem entre os indivíduos, mas,

sobretudo, por e numa espécie de interstício, marcado por uma multiplicidade de acontecimentos e de práticas que atravessam uma formação histórica num dado momento⁵⁰.

Ou seja, definitivamente, não era coisa simples fazer com que sua vontade, misturada à vontade dos deuses e a recomendação moral dos homens pudessem se equilibrar perfeitamente, vertendo em uma vida tranquila e de paz. Aliás, talvez não fosse mesmo sugerível esse tal equilíbrio. Foi por isso que, se aos olhos do primo o diagnóstico do médico era um indicativo de baixa inclinação moral, a Severina, a “terapêutica” indicada pelo profissional de saúde, embora tenha causado certo constrangimento e ofensa, num primeiro momento, depois até pareceu convir nalguns pontos. De alguma forma, o saber do médico colocava em suspensão as vontades alheias à mulher, atribuindo relevância ao seu querer, tanto quanto ao querer do mundo.

Se por um lado o diagnóstico vinha carregado da mesma vontade de verdade que os outros saberes tentavam impor, por outro, também anunciava a possibilidade de tomada de autonomia e direcionamento da sua vida a seu bel prazer, sem que para isso precisasse ferir ou diminuir ninguém. Mais do que aquela moralidade do primo vigia, uma ética, entendida não como uma capacidade de segregação ou distinção entre o puro do impuro, o joio do trigo, o Bem do Mal. Antes, “uma capacidade da vida e do pensamento que nos atravessa em selecionar, nos encontros que produzimos, algo que nos faça ultrapassar as próprias condições da experiência condicionada pelo social ou pelo poder, na direção de uma experiência liberadora, como num aprendizado contínuo.”⁵¹.

Mas essa já era uma conclusão a que chegava o homem que escrevia cartas, ouvindo o relato. Ao primo vigia aquilo tudo continuava coisa sem sentido e até vexatória. Uma mulher de meia-idade, com seus quase sessenta, se pondo a namoradeira, a farrear, fazer o que der na telha, não se colocando “no seu lugar”. Enfim, envergonhando ele, que era seu parente e lhe tinha consideração. Se tivesse inclinação à imoralidade, que a fosse pôr em prática bem longe da família e dos conhecidos, era o que achava. Achava, mas não dizia abertamente à prima, porque sabia que ela não tinha papas-na-língua e não teria o menor receio em mandá-lo tomar conta da sua vida, tomar um banho vez em quando ou arranjar alguma mulher que lhe sossegue o facho.

Nisso, o homem que escreve cartas ficou curioso em saber duas coisas: qual era o “lugar” de que o vigia falava e do qual Severina se esgueirava e, por último, qual seria, no entendimento do parente, o encaminhamento que sua prima poderia ter dado à vida, depois da

morte do marido. Foi nesse ponto que a história de sua prima começou a se misturar com a história de uma outra, também chamada Severina, também moradora do povoado, mas com data certa para sair do povoado. Essa segunda prima estava com passagem marcada para viajar daqui a alguns dias, fugindo de um namorado que arranjara na cidade vizinha, policial militar, extremamente ciumento.

O homem já a agredira algumas vezes e até baleou um político da região simplesmente pela amizade que tinha com sua Severina. O ciúme até poderia ser justificável, dada à beleza da morena. Embora ser bonita não fosse pecado e a mulher fosse de consideração e respeito. Mas isso parecia não bastar e, não achando jeito de pôr fim ao relacionamento, seja porque gostasse do fardado, seja por medo de sua reação destemperada, fugiria rumo ao Mato Grosso, embora seu destino não fosse completamente sabido. Diziam que seu paradeiro seria incerto para evitar que o homem fosse à sua procura. Certo mesmo é que tinha ido morar com um irmão seu que havia saído do povoado para trabalhar numa das firmas.

Essa sua decisão era prontamente ratificada pelo primo vigia. Segundo ele, essa Severina sim, fazia o melhor para todo mundo: evitava ainda mais preocupação para a família, que já dava como certa uma desgraça; se livrava de um homem que não lhe acrescentava em nada na vida; e ainda poderia recomeçar a vida longe dali, algum lugar muito mais rico e com mais oportunidades. Só se esquecia de fazer referência aos dois filhos que a mulher deixava com o ex-marido (com quem foi casada muito antes de conhecer o atual namorado) e com os quais perderia ainda mais contato, da casa que ela sonhava em construir para si, ali mesmo no povoado onde nascera e onde desejava viver, do coração despedaçado com mais uma história de amor que não dava certo, da idade que apontava nos primeiros fios de cabelo branco, lhe cobrando a precisão de um companheiro para a velhice, do emprego público de que abriria mão. Enfim, da vida ordinária que levava com muito gosto e da qual, apesar do namoro conturbado, não se via disposta a abrir mão.

Nisso já corria mais de meia-noite. Gabriela já havia acabado e uma mulher gordinha numa bancada de jornal dava as manchetes no telejornal de fim de noite. O homem que escrevia cartas precisava dormir e o vigia, como convém, precisava vigiar. Foram os dois homens para suas précisões. A história das duas Severinas, porém, ficou viva na cabeça do homem. Tão viva que, no dia seguinte mesmo, lá estava ele na casa de grades enferrujadas e pedaços de rebolco, que na noite anterior também assistia à minissérie na TV. Dizia saber que a mulher tinha parentes para os lados do Mato Grosso e que por esses dias alguns outro

também viajariam para o mesmo lugar, inclusive uma mulher. Quis saber se Severina não achava melhora avisar os de lá da ida dos daqui. Uma carta, quem sabe. Só por precaução, para não tomarem por surpresa.

Severina, porém, disse-lhe que aquilo nem era necessário, todos já sabiam da viagem e de quem eram os viajantes. Afora isso, não via motivação para escrever uma carta para parentes nem tão próximos como os sobrinhos e primos que tinha por lá. Mas achou bonito o gesto do homem de se dar ao trabalho de ir até sua casa e não quis fazer desfeita. Enviaria ao menos um bilhetinho, o suficiente para ela ditar enquanto o homem experimentava uma fatia do manuê de milho que acabava de tirar do forno.

Santa Rosa, 20 de julho de 2011.

Bom dia, Severino.

É com imensa alegria que lhe escrevo essa carta. Como vai, tudo bem? Espero que se encontre com saúde. Aqui estamos todos bem. Imagino seu estranhamento em receber uma carta minha, já que raramente nos falamos durante esse tempo em que você está fora de Santa Rosa. Ainda mais por carta, coisa muito difícil de mandar para alguém nos dias de hoje. Pois bem, deixe que eu lhe explique. Faço isso para cumprir o favor de lhe pedir ajuda e amparo a alguém que é de minha estima.

Por certo você já deve saber do que se trata. Deve estar sabendo do que está acontecendo em nossa família, com Severina e o namorado dela de Canindé. Pois então, depois da última briga deles, ela decidiu abandonar o emprego, os filhos e até a casinha que estava construindo e disse que vai morar junto com vocês. Tem passagem comprada e tudo o mais. Viaja já na semana que vem, mas quase ninguém daqui sabe qual será o destino dela, porque quanto menos pessoas souber menor a chance dele lá também descobrir. Agora, me diga você se isso tem cabimento, uma pessoa que não matou nem roubou abandonar tudo por causa de um amor doente?

Você bem sabe como Severina sempre foi. Desde quando decidiu se separar do marido tomou, para si essa coisa de fazer conforme achava bom. Saiu de Glória com a roupa do couro, dizendo que era infeliz na vida de casada. Agora, foge, novamente, para ver-se livre novamente de um relacionamento. Eu não acho certa a escolha que ela

tomou, mas diz a pobre ser esse o jeito que viu de se livrar do infeliz. Por tudo que sofri na minha vida, Severino, acredito que numa hora como essas, a gente sendo família, o que pode fazer é apoiar a decisão dela e tentar ajudar na medida do possível. E por isso que lhe escrevo.

Não se trata apenas de receber sua prima, de lhe arranjar um lugar para ficar, de ver um trabalho. Isso, qualquer um, mesmo não sendo parente, pode fazer apenas por compaixão ou pena. O que lhe peço é que receba sua prima de braços abertos e apoie a decisão que ela tomou. Gostaria que ela visse em você alguém em quem pudesse confiar e compartilhar a dureza da solidão, a tristeza por abrir mão do convívio com os filhos e a distância de casa.

Por isso, não fique acabrunhado em ligar ou escrever, se achar que ela precisa de um algo. Tenho o telefone aqui em casa para isso mesmo. Nem é preciso que ligue para sua mãe, ou que ela fique sabendo que falamos a respeito. Desculpe se roubo um tempo seu com isso, mas não conseguia dormir tranquila, sem saber que ela estaria amparada. Não que deseje um protetor para ela. Está muito claro pela decisão que tomou que já é adulta e pode decidir por si. Gostaria de tê-lo como um amigo para ela. Porque, embora seja temerário fazer uma representação ou conceito do que seja um amigo, reconhecer alguém como tal implica em com esse outro compartilhar a vida, compartilhar a existência. Um amigo é alguém com quem (mais do que dividir um gosto, uma ideia ou um pensamento) convivemos e *condividimos* a existência e suas agruras⁵². Nesse sentido, amizade implica em respeito, preocupação e cuidado entre ambos. E é isso o que eu queria que você fosse para sua prima. E, se assim o fizer, lhe serei eternamente agradecida.

Por falar em sua mãe, ela chegou aqui em casa agora mesmo, enquanto lhe escrevia essa carta e gostaria de lhe falar também. Pede que lhe fale sobre o que conversaram da última vez, quando você perguntou sobre o dinheiro emprestado, não foi mesmo? Bom, sabe como é que é: tem gente que para pegar é bom que é uma beleza, mas para pagar... Só está atrasado o que você emprestou a 5%. Já vai dois meses de atraso, o que nas contas dela dá cem reais para receber. Será mesmo uma boa ideia ficar emprestando dinheiro a um e a outro, porque enquanto você está por aqui, até que pagam direitinho, mas depois que sai, é ela quem tem que me virar. Sei que é uma poupança boa, mas o trabalho que dá, às vezes não compensa, principalmente com a idade avançando. Sem falar no risco de criar inimizade com um e com outro.

Mais de uma vez ela mesma já me confidenciou que preferia comprar um ou dois garrotes e deixar no terreno do seu pai mesmo, os meninos ficavam olhando e vocês iam dividindo os gastos com ele. Tem um monte de gente que faz assim e, de quando em quando, tira uma novilhazinha e vende. Com pouco até daria pra comprar a Pop que os meninos tanto pedem. Eu sei que não tem lá essa precisão toda, mas é que eles veem os outros andando pra cima e pra baixo de moto e ficam tristes. Mas isso é coisa para conversar com calma, de preferência entre vocês, quando tiver por aqui, porque por carta dos outros fica difícil.

Ficamos todos aqui, ansiosos por receber notícias suas e de todos os outros. Desde já lhe agradeço pela ajuda e carinho que sempre me dispensou. Fique com Deus, boa semana de trabalho. Um grande beijo de sua tia.

Severina

Apenas mais uma missiva

Sobre uma mesa abarrotada de coisas, vê-se uma valise bege. Sentado numa das cadeiras, um homem termina de ler a última das cartas daquele chumaço de papel e lembranças, presente de um seu amigo, num dos dias de viagem para essas terras que lhe distam. As histórias que ouviu se juntam com os relatos missivos, conversam com suas próprias experiências e recordações. Mas, há ainda um bilhete, jogado no fundo da pasta. Coisa miúda, uma ou duas linha apenas. O homem toma o papel na mão e se põe a lê-lo.

Caro leitor.

Se até aqui chegaste, se pode dizer que muito viu desses sertões, de suas gentes, de sua força e de suas fraquezas. Mas não se engane em acreditar que aprendeste uma verdade única para as vidas dali. Primeiro porque isso nunca fora o objetivo e, segundo, porque no momento mesmo em que lê essas poucas linhas, a vida desata-se e refaz-se em nós. O que foi apresentado foram instantes efêmeros dessa vida em desalinho, de um tempo que foi e que oferece passagem a outros que virão. Pois como disse uma amiga, o futuro é melhor do que qualquer passado. Não que acredite, como fizeram outros, que ao Nordeste esteja reservada a sorte de ser lugar de grandes revoluções, mas por apostar que no dia-a-dia mesmo cada um inventa para si jeitos se fazer maior e mais incompletamente humano.

Essas histórias e cartas tentaram lhe falar disso. E a escolha por elas paira sobre um pressentimento de haver uma possível delicadeza sertaneja nessa decisão. Talvez remeta para uma imagem do outro que cada um alimenta e na carta, essa "projeção" se efetiva. Bem poderiam ser ligações telefônicas, mas numa ligação os fluxos de conversa são mais afeitos a mudanças de rumo, a contrariedade para os argumentos, são ainda mais afetados pela relação de hierarquias entre pessoas. A carta liberta um tanto dessas contingências. Isso porque, como dizia Michel Foucault, um escritor francês, embora uma carta faça seu "escritor" presente àquele a quem se dirige, esse mostrar-se é direcionado para um posicionamento político que, de outro modo, talvez não fosse possível. Nesse caso, a missiva opera uma

reciprocidade da relação, estabelecendo, mesmo que a distância, um face-a-face (Foucault, 1992).

Há também essa relação da carta na vida do povo nordestino. Falo ‘povo’, mas ressalto não se tratar de uma categoria fechada, como queriam ou ainda querem os discursos oficiais e oficiosos a respeito da região. Mas disso já tratamos, não é mesmo? Agora quero apenas lembrar como a missiva desde muito está presente na história da região: em filmes, novelas, cordel, romances, situações de valorização desse recurso da escrita, até como exercício de uma força diferenciada nas relações de poder locais. Do mesmo modo tal como faz Umberto Eco, que da era medieval trouxe Baudolino como um ser desprezível que galga lugar melhor na vida por ser alfabetizado. Ou os Narradores de Javé, numa cidade que escreve para não morrer afogada, ou em Central do Brasil, onde cartas são tão vivas quanto as narrativas que se faz. Ou seja, uma carta como ferramenta de enfrentamento, como tática de afronta a uma força desproporcional e macro. Recurso de um fraco contra um forte, desafogo de um sem voz contra um poderoso. A escrita a serviço da guerra.

Por falar em guerra, amigo leitor, quando Euclides da Cunha narrou Canudos, em meados dos anos 1900, uma frase sua tornou-se a alcunha de referência ao povo nordestino. Como um contador de história, Euclides estava lá para narrar. Aquilo que seus olhos viam por entre a terra vermelha, salpicada de sangue e suor por fiéis e soldados, porém, destoavam um tanto daquilo que aparecia nos jornais da época e no ideário das pessoas. Daquela terra pobre e estéril, ele vislumbrava crescer o fruto de uma renitênciam: a força das pessoas. A pujança em resistir e insistir contra a seca, o cercado e a sede. E eis que sua frase tornou-se famosa, tanto que não é preciso

repeti-la aqui para que se saiba do qual trecho de seus Sertões estamos falando.

O texto que leste tinha a intenção de apontar essa constatação. Mas a ela acrescentar outra, talvez incompreensível a Euclides: não apenas de força se faz uma guerra. Às vezes é necessário abrir mão de todo peso, agir na singeleza dos gestos, como faziam os cangaceiros, por exemplo, que andavam com as sandálias invertidas ou sem solado, para evitar deixar rastros que os denunciassem ou para confundir as volantes que os perseguiam. Aqui, a essa leveza foi dado o nome de invenção: jeitos, artifícios, construções e ideias que atentam contra com um *modos operandi* único de ser Severina, sertaneja, nordestina. Outras tantas invenções estão por aí, soltas no caleidoscópio de vida que forma e desenforma o mundo.

Esse texto, digo novamente, tinha a intenção de demonstrar alguns deles. Mas já passou, é pretérito. Serve apenas para que lembremos que muito ainda há por ser feito e desfeito. Pegue essas histórias, caro leitor, as faça suas, as jogue fora, conte-as com suas palavras e, finalmente, perdoe com esquecimento aqueles que as contou. Não se dê ao trabalho de consultar sua veracidade, nem de procurar por seus personagens. O único lugar em que eles podem estar vivos é na memória, porque esse papel, agora impresso, torna-se letra-morta.

Um abraço.

NOTAS

²¹ Para Deleuze, ao romper com o modo representacional de mundo e instaurar algo novo, ainda não pensado, um pensamento produz a diferença. Ou seja, não é significante de um significado. Essa é uma coisa a que não fomos habituados. Daí advém certa violência. Dada à novidade, o que é primeiro no pensamento é o “arrombamento, a violência, é o inimigo” (Deleuze, 2006, p. 203).

²² Como quase sempre ocorre nos períodos longos de estiagem no Nordeste, uma série de reportagens foram exibidas durante o ano de 2012 mostrando as dificuldades enfrentadas pelos sertanejos. No início, dizia-se que era a pior dos últimos 30 anos. Em seguida, a seca dos noticiários superou a histórica estiagem da década de 1970, que sempre povoou meu imaginário como o exemplo mais terrível de seca a assolar o sertão, até, finalmente, chegarmos às palavras do Governador do estado de Pernambuco, Eduardo Campos, para o programa Globo News Especial, de maio de 2012, afirmando ser essa “a maior seca dos últimos 50 anos”. A reportagem está disponível no link <http://globotv.globo.com/globo-news/globo-news-especial/t/todos-os-videos/v/seca-volta-a-assolar-a-regiao-nordeste-do-brasil/1976298/>.

Bem se sabe que, e a própria reportagem menciona isso, períodos longos sem chuva são característicos do semiárido, restando ao sertanejo criar meios de conviver com eles – ou apesar deles. Então, o que se aponta aqui é que talvez, mais útil que um tipo de “hierarquia” para as secas, como feito agora, fosse problematizar formas menos degradantes e desumanas de os nordestinos resistirem a ela. Por exemplo, que se rompesse com as “soluções” históricas baseadas na trinca carro-pipa – cesta básica – frente de trabalho; ou que muito nordestinos não precisassem sair de suas casas para trabalhar quase como escravos em outros estados; ou que não se desfizessem dos poucos recursos materiais e financeiros de que dispõem para não sucumbir à fome e à sede; ou mesmo que lhes fosse concedido o direito de dizer de si e da vida, sem que precisem ser retratados como os pobres miseráveis que sobrevivem do mesmo alimento que os bois e que bebem a água que até o gado rejeita.

²³ A palma é um tipo de cacto, muito comum no Nordeste. É principalmente utilizada como planta forrageira (como fonte de alimento para os animais), mas também pode ser usada na alimentação humana, na produção de medicamentos, cosméticos e corantes, na conservação e recuperação de solos entre outros.

²⁴ Foucault (2006, p. 81) apud Groppa (2011)

²⁵ Calvino (1990, pág. 59)

²⁶ Referência à frase “Tudo que é sólido desmancha no ar” de Marshall Berman.

²⁷ Baptista, 1999.

²⁸ A Coopertalse (Cooperativa de Transporte Alternativo de Sergipe) é uma das empresas detentoras dos direitos de transporte intermunicipal no estado, sendo a única a fazer viagens regulares em todos os municípios de Sergipe.

²⁹ O filósofo alemão Friedrich Nietzsche (2000), tomado o mito da Caixa de Pandora como elemento de análise, define a esperança como algo que despotencializa a vida, que a põe presa e restrita na espera por um algo vindouro que compense ou cesse o sofrimento do agora: “Zeus

queria, com efeito, que o homem, mesmo torturado por outros males, não rejeitasse, contudo, a vida, mas continuasse a se deixar torturar sempre de novo" (...) Para isso dá ao homem a esperança: na verdade ela é o pior dos males, pois prolonga os tormentos do homem" (p.75). Pois bem, ainda que o esperar de Severina possua elementos dessa resignação apontada por Nietzsche, o que se pretende aqui é afirmar que a sertaneja utiliza elementos dessa sua condição para potencializar outras facetas de sua existência – por exemplo, o cuidado com a casa ou os animais durante a ausência do marido, o aprendizado de tarefas antes só executada pelos homens, o fortalecimento de outros vínculos familiares etc.

A partir desse prisma, talvez pudéssemos dispor o esperar de Severina como semelhante ao do carrapato, que “responde ou reage a três coisas, três excitantes, um só ponto, em uma natureza imensa, três excitantes, um ponto, é só. Ele tende para a extremidade de um galho de árvore, atraído pela luz, ele pode passar anos, no alto desse galho, sem comer, sem nada, completamente amorfo, ele espera que um ruminante, um herbívor, um bicho passe sob o galho, e então ele se deixa cair, aí é uma espécie de excitante olfativo. O carrapato sente o cheiro do bicho que passa sob o galho, este é o segundo excitante, luz, e depois odor, e então, quando ele cai nas costas do pobre bicho, ele procura a região com menos pelos, um excitante tátil, e se mete sob a pele. Ao resto, se se pode dizer, ele não dá à mínima. Em uma natureza formigante, ele extraí, seleciona três coisas. (...) É isso que faz um mundo” (Deleuze, s/d, p.03).

³⁰ “Os fantasmas que serviam na minha infância reproduziam esse velho engano, de que estamos mais seguros em ambiente que reconhecemos. Os meus anjos da guarda tinham a ingenuidade de acreditar que eu estaria mais protegido apenas por não me aventurar para além da fronteira da minha língua, da minha cultura, do meu território. (Couto, s/n, 2011)

³¹ Giorgio Agamben (2010).

³² A frase está na monografia de João José Gomes dos Santos (2010) e foi dita por um tal “homem negro de mãos grossas e sem camisa” (p. 37), participante da pesquisa que, com a assertiva, se recusou a se identificar para o pesquisador. Segundo o autor do trabalho, demonstrava assim não aceitar ser um nome próprio, “pois nome é retrato, é fixidez, guarda em si a imobilidade das essências. O nome é o imediatismo do instantâneo, não produz nem narra história alguma. Já a palavra quando é contada, é de vez. Rugas se produzem nesse movimento que agencia histórias, e o que é de vez, por ser instável e atento às urgências do dizer, tem a força de estilhaçar com as identidades” (pp. 37-38).

³³ Segundo reportagem especial do programa Fantástico, da Rede Globo de Televisão, Sergipe ocupa o segundo lugar no ranking nacional de acidentes com motocicletas. Entre as causas citadas pelo programa para esse número, está o uso frequente de álcool e a substituição dos animais pelas motocicletas. “Já se foi o tempo em que Moisés trabalhava como Zé Nilton, um dos poucos vaqueiros nordestinos que ainda se vê em cima de um cavalo no interior de Sergipe. Atualmente, a grande maioria deles não quer nem saber do animal. ‘Nós tínhamos uma média de oito cavalos. Agora, só temos dois’, contou o vaqueiro Antônio Marcos Lima.

Nos pastos do sertão nordestino, a paisagem mudou. Agora, o gado é tocado de cima da moto. A justificativa é que a gasolina é mais barata. ‘Você tem que dar ração, milho e tal. Na moto não. Você passa no posto, bota gasolina e manobra a semana inteira’, explicou o vaqueiro.” A reportagem completa pode ser acessada pelo link <http://senoticias.com.br/se/2012/01/16/motoqueiros-bebados-levam-perigo-as-ruas-e-estradas-do-brasil/> [acesso em 23/03/2012]

³⁴ Verso da música “Tome aí”, do grupo baiano de pagode “Oz Bambaz”. A íntegra da canção pode ser vista em <http://letras.mus.br/oz-bambaz-musicas/95602/>.

³⁵ Bauman, 2001.

³⁶ Ibid.

³⁷ “Por telefone”. Canção cujo compositor é desconhecido. Seu principal intérprete é Antônio, O Clone, cantor de brega muito popular em muitos municípios das regiões Agreste e Sertão de Sergipe. O áudio da canção está disponível nos anexos deste trabalho.

³⁸ Ranciére, 1995 (p. 11)

³⁹ Segundo Lopes (s/d), no período que vai de 1985 a 2005, ocorreram em Sergipe 136 ocupações de terra, envolvendo um total de 19.526 famílias de trabalhadores rurais. Incipientes no início, essas ocupações tornaram-se mais frequentes a partir do primeiro governo Lula, período em que a média de ocupações no estado chegou a 20,7 ao ano – três vezes mais que o governo anterior de FHC. Desse total, ainda em 2005, contabilizavam-se 130 conflitos/acampamentos ativos, envolvendo 10.323 famílias, em 34 municípios dos 75 que compõem o estado.

Curiosamente, a maioria dos conflitos (40,8%) estava localizada no semiárido, justamente numa região onde há, segundo o autor, problemas climáticos, terras com baixa fertilidade natural, distância considerável dos principais mercados, pouca infraestrutura física e precariedade de serviços. Dentre os municípios da região, Poço Redondo e Canindé do São Francisco eram os que apresentavam o maior número dos conflitos sociais agrários, o primeiro com 21 e Canindé com 12 outros.

⁴⁰ Haesbaert, 2006.

⁴¹ Trecho da canção “Pedaço de Mim”, de Chico Buarque, lançada em 1977-78, para a peça Ópera do Malandro.

⁴² Foucault (1992).

⁴³ Trecho de entrevista dada por uma trabalhadora rural assentada, durante evento de entrega do documento de posse em Poço Redondo. Disponível em http://www.agencia.se.gov.br/noticias/leitura/materia:33542/subsecretario_participa_de_comemoracao_do_assentamento_em_poco_redondo.html (acesso 27/06/2013).

⁴⁴ Também conhecidas como corrugações, ondulações, costeletas e catabi (norte do Brasil), as costelas de vaca são uma série de sulcos regularmente espaçados ou ondulações que ocorrem em intervalos bastante regulares, perpendiculares à direção do tráfego, frequentemente encontradas na superfície de uma estrada não pavimentada.

⁴⁵ Trecho de entrevista do então Governador em Exercício, Jackson Barreto, quando do início das obras de pavimentação da pista de acesso a Santa Rosa do Ermírio. Como é usual na história do Brasil, uma obra de infraestrutura aparece na fala do governador atrelada a um discurso de modernização e processo civilizatório daquele povo, o qual – até então sob as trevas do esquecimento, poderá a partir da obra prosperar, rumo ao esclarecimento e ao progresso. A íntegra da entrevista pode ser vista link <http://www.primeiramao.blog.br/post.aspx?id=3438&t=jackson-visita-obras-do-governo-do-estado-no-altosertao-sergipano> [acesso em 04 de abril de 2013].

⁴⁶ Foucault (1997)

⁴⁷ Nascimento, Milton (1985). *Encontros e Despedidas*. Gravadora Barclay.

⁴⁸ A expressão, usual em algumas partes do interior de Sergipe, faz referência à fava, uma leguminosa, caracterizada por desenvolver suas bajes a partir das ramas que espalha na parte mais baixa do tronco de outras plantas. Embora o significado da expressão não seja conhecido ao certo, se depreende que a meretriz assim denominada “Puta de Rama de Faveira” se caracterizaria por sua vasta e inominável experiência sexual, a ponto de se encontrar nos níveis mais baixos de análise e consideração.

⁴⁹ Gil (2004).

⁵⁰ Silva (2004).

⁵¹ Luís Fuganti (2001, pp. 04-05).

⁵² Agamben (2011).

Bibliografia

- Agamben, Giorgio (2009). *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Chapecó, SC: Argos.
- Albuquerque Jr., Durval M. (1999). *A invenção do Nordeste e outras artes*. Recife: FJN, Ed. Massangama; São Paulo: Ed. Cortez.
- Caeiro, Alberto. (1946). *Obras Completas de Fernando Pessoa* (III). Nota explicativa de João Gaspar Simões e Luís de Montalvor, Lisboa.
- Baptista, Luis Antonio. (1999). *A Cidade dos Sábios: reflexões sobre a dinâmica social nas grandes cidades*. São Paulo: Summus.
- Baptista. Luis Antonio. (2000). *A fábrica de interiores: a formação psi em questão*. Niterói: EDUFF.
- Benjamin, Walter. (1994). O narrador: considerações sobre a obra de Nicolai Leskov. Em: *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense (pp. 197-221)
- Botelho, M. I. V. (2003). Experiências e vivências na migração sazonal. *Unimontes Científica*. Montes Claros, v.5, n.2, jul./dez. (arquivo on-line, disponível em <http://www.ruc.unimontes.br/index.php/unicientifica/article/viewArticle/87>).
- Calvino, Ítalo (1990). *Seis propostas para o próximo milênio*. Trad. de Ivo Barroso, São Paulo: Companhia das Letras.
- Carvalho, E. N. e Costa, S. L. da. (2011). As potências da narrativa. Em: Lopes, J. K. M., Carvalho, E. N. e Matos, K. S. A. L. *Ética e as reverberações do fazer*. Fortaleza: Edições UFC.
- Couto, Mia. (2011). *Comemorar o medo*. Texto-Intervenção na Conferência sobre Segurança de Estoril/Portugal. Transcrição de Luís do Paço. Disponível em <http://pt.scribd.com/doc/66959016/Conferencia-Seguranca-Estoril-2011-MIA-COUTO>. (acesso: 29 de dezembro de 2011)
- Centro de Referência Técnica em Psicologia e Políticas Públicas – CREPOP (2007). *Referência técnica para atuação do(a) psicólogo(a) no CRAS/SUAS*. Brasília, CFP.
- De Certeau, Michel. (2007). *A Invenção do Cotidiano*. Petrópolis: Vozes.
- Deleuze, Gilles.(1992). *Conversações*. São Paulo Ed. 34.
- Deleuze, Gilles. (2006). *Diferença e repetição*. Tradução Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal.
- Deleuze, Gilles. (s/d). O Abecedário e Gilles Deleuze - transcrição integral do vídeo, para fins exclusivamente didáticos. Disponível em <http://www.ufrgs.br/corpoarteclinica/obra/abc.prn.pdf> (acesso em 02/09/2012).

- Deleuze, G. e Parnet, C (1998). *Diálogos*. São Paulo: Escuta.
- Foucault, Michel (1992). A escrita de si. Em: O que é um autor? Lisboa: Passagens, (pp. 129-160).
- _____ (2007). O que é o Iluminismo «Qu'est-ce que les Lumières?» - Traduzido a partir de FOUCAULT, Michel. *Dits et Écrits*. Paris: Gallimard, 1994, Vol. IV, pp. 679-688. Por Wanderson Flor do Nascimento. Disponível em <http://www.filoczar.com.br/foucault/Foucault-O-Que-e-o-Iluminismo.pdf> (acesso: 25/06/2013).
- _____ (2001). O que é um autor? Em: _____. Estética: literatura e pintura, música e cinema. Rio de Janeiro: Forense Universitária – Ditos & escritos III, (pp. 264-298).
- _____ (1997). *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes.
- Fuganti, Luiz. (2001) A Ética Como Potência e a Moral Como Servidão. São Paulo. Texto mimeografado, disponível para download em <http://pt.scribd.com/doc/68558526/Fuganti-A-Etica-como-potencia-e-a-Moral-como-servidao-completo> (acesso: 02/06/2013).
- Gagnebin, Jeanne M. (2004). *História e narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva.
- Gagnebin, Jeanne M. (2009). O rastro e a cicatriz: metáforas da memória. Em: _____ *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Editora 34 (pp. 107-118)
- Gil, José (2004). Metafenomenologia das Invejas: magia e política. Em: Lins, D. e Pelbart, P. P. (org.). *Nietzsche e Deleuze: Bárbaros, civilizados*. São Paulo: Annablume (pp. 82-102).
- Guattari, F., e Rolnik, S. (1986). *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes.
- Latour, Bruno. (2001). A esperança de Pandora: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos. Bauru, SP : EDUSC.
- Lopes, E. S. A. *Um Balanço da Luta pela Terra em Sergipe – 1985/2005*. (s/d) Texto on-line disponível em <http://www.fundaj.gov.br/geral/observanordeste/eliano.pdf> [acesso em 02/05/2013].
- Machado, Leila e Gottardi, Denise. (2011). Interferências ético-políticas nos processos de pesquisa. Em: Lopes, K. J. M. et all (Org.). *Ética e as reverberações do fazer*. Fortaleza: Edições UFC (pp. 46-59)
- Magnani, José Guilherme Cantor. (2009). Etnografia como prática e experiência. *Horiz. antropol.* [online]. Vol.15, n.32, (pp. 129-156).
- Melo Neto, João Cabral de (1987). *Morte e Vida Severina*. Rio de Janeiro: José Olympio.

Narradores de Javé. (2003) Direção: Eliane Caffé Estúdio: Bananeira Filmes / Gullane Filmes / Laterit Productions. Distribuição: Riofilme. (Brasil).

Nietzsche, Freidrich. (1998). *Além do bem e do mal.*. São Paulo: Companhia das Letras.

Orlandi, Luis. (2002). Que estamos ajudando a fazer de nós mesmos? Em: Rago, Margareth, Orlandi, Luiz B. L. e Veiga-Neto, Alfredo (Orgs.). *Imagens de Foucault e Deleuze – ressonâncias nietzscheanas*. Rio de Janeiro: DP&A (pp. 217-238).

Rancière, Jacques (1995). *O Desentendimento*, Ed.34, São Paulo.

Santos, Boaventura de S. (1987). *Um discurso sobre as ciências*. Porto: Afrontamentos.

Santos, João José Gomes dos. (2010). *Deambulância das cartas anônimas*. 2010. 52 f. Monografia (Graduação em Psicologia) Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão.

Sebastião, J. S.. (2007). *Zefa da Guia: Um vídeo reportagem sobre a parteira quilombola*. Trabalho de conclusão de curso – Graduação em Comunicação Social. Aracaju: Universidade Tiradentes.

Silva, R. N. (2004). Notas para uma genealogia da Psicologia Social. *Psicologia & Sociedade*; 16 (2): 12-19; maio/ago 2004, (pp. 12-19).

Sennett, Richard. (1999). *O Declínio do Homem Público: as tiranias da intimidade*. Tradução: Lygia Araújo Watanabe. São Paulo: Companhia das Letras.

Vieira, Lício Valério L (2000). *Turismo como alternativa de desenvolvimento sustentável no município de Poço Redondo/SE*. Dissertação de Mestrado. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe (UFS).